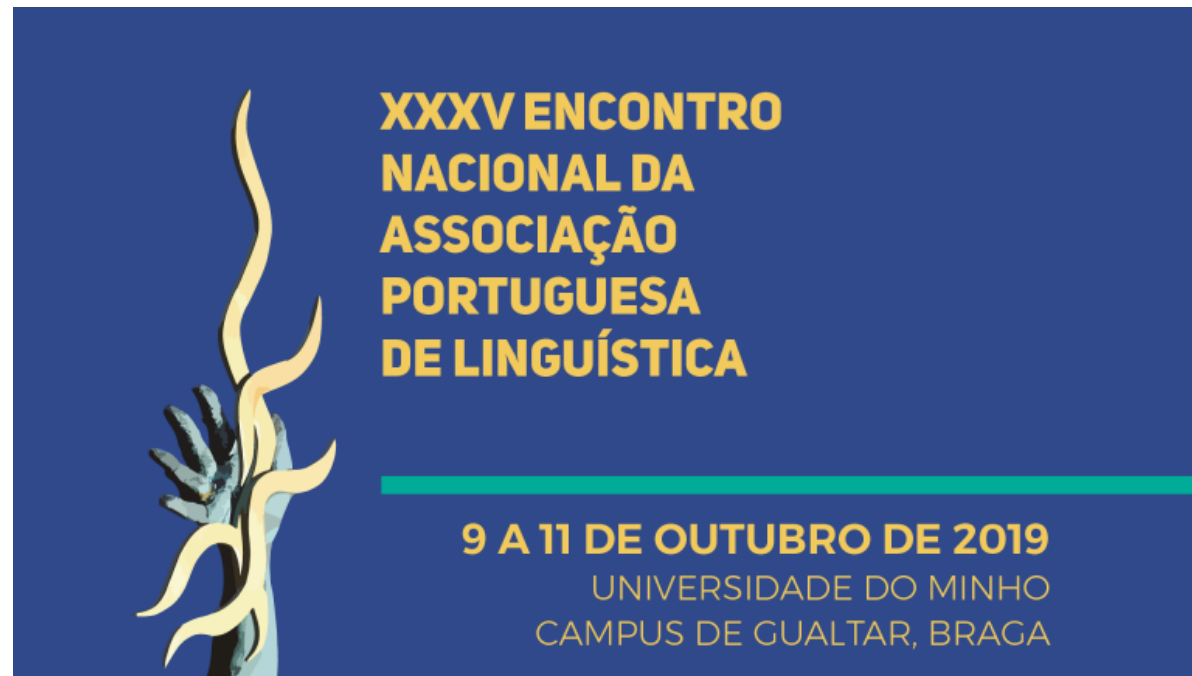


Instituto de Educação - Universidade do Minho

Livro de Resumos



XXXV ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA

Programa

Dia 9 de outubro – 4ª FEIRA

13:00	RECEÇÃO AOS PARTICIPANTES Átrio poente do Instituto de Educação da UMinho		
14:00	SESSÃO DE ABERTURA XXXV ENAPL Magnífico Reitor da Universidade do Minho – Professor Doutor Rui Vieira de Castro Presidente da APL Comissão Organizadora Local Auditório multimédia		
	COMUNICAÇÕES ORAIS		
	Auditório multimédia	Sala 032	Auditório do IE
	Presidente – MARIA ALDINA MARQUES	Presidente – CLARA NUNES CORREIA	Presidente – RUI RAMOS
14:30	ÂNGELA CAMPOS E ÍRIS PEREIRA <i>Contributos para a construção de uma gramática da análise crítica do discurso multimodal</i>	TJERK HAGEMEIJER, FELICIANO CHIMBUTANE, RITA GONÇALVES, ANTÓNIO LEAL E AFONSO MIGUEL <i>A expressão de Alvo e Origem de verbos de movimento em variedades africanas do português</i>	RAQUEL AMARO, SUSANA CORREIA, CAROLINA GRAMACHO E AMÁLIA MENDES <i>Automatização no diagnóstico de nível de língua: anotação e versatilidade dos recursos</i>

15:00	<p>JOANA FERREIRA</p> <p><i>A função de "mas" em Segmentos que estão ligados a outros pela Relação De Avaliação: o seu papel na Análise do Sentimento</i></p>	<p>MAITE GIL</p> <p><i>A construção "V de movimento + em" em um corpus de Português Brasileiro: uma análise a partir dos pressupostos da Gramática Cognitiva</i></p>	<p>DIANA SANTOS, CLAUDIA FREITAS, EMANOEL PIRES, JOÃO MARQUES LOPES E REBECA SCHUMACHER FUÃO</p> <p><i>Periodização automática: Estudos linguístico-estatísticos de literatura lusófona</i></p>
15:30	<p>MATILDE GONÇALVES, MIGUEL MAGALHÃES E SÍLVIA BARBOSA</p> <p><i>Padrões linguísticos do femicídio na imprensa escrita portuguesa</i></p>	<p>ÂNGELA QUARESMA E FAUSTO CAELS</p> <p><i>A progressão linguística na didática das ciências: que textos e géneros são utilizados no estudo do sistema circulatório em diferentes etapas de escolaridade?</i></p>	<p>ANA SALGADO E RUTE COSTA</p> <p><i>O projeto Edição Digital dos Vocabulários da Academia das Ciências: o VOLP-1940</i></p>
16:00	<p>AMÁLIA MENDES, PIERRE LEJEUNE E CAROLINA NUNES</p> <p><i>Perguntas-respostas em textos escritos: uma análise no âmbito das relações discursivas</i></p>		<p>NEIDE GONÇALVES, HELENA CARMO, MARA MOITA, PAULO CARVALHO E ANA MINEIRO</p> <p><i>Construção e Anotação do Corpus Linguístico de Referência para a Língua Gestual Portuguesa</i></p>
16:30	Pausa para café		
17:00	<p>SESSÃO PLENÁRIA 1</p> <p>CRISTINA FLORES</p> <p><i>O que o desenvolvimento bilingue nos diz sobre a nossa faculdade da linguagem</i></p> <p>Auditório multimédia</p> <p>Presidente – MARIA LOBO</p>		
18:30	VISITA GUIADA AO PAÇO EPISCOPAL/REITORIA		

Dia 10 de outubro – 5ª FEIRA

	COMUNICAÇÕES ORAIS		
	Auditório multimédia	Sala 040	Auditório do IE
	Presidente – ISABELLE MARQUES	Presidente – AUGUSTO SOARES DA SILVA	Presidente – A DESIGNAR
09:30	RUTE ROSA E MATILDE GONÇALVES <i>Géneros de texto e as dimensões do suporte</i>	CRISTINA FLORES, ESTHER RINKE E ALDONA SOPATA <i>Expressão do objeto em Português e Polaco como Línguas de Herança em contacto com o Alemão</i>	VIVIANE COSTA E RUI SOUSA-SILVA <i>Da autenticidade à falsificação linguística: uma análise de autoria forense das cartas de suicídio de Getúlio Vargas</i>
10:00	CLARA NUNES CORREIA E MARIA ANTÓNIA COUTINHO <i>Género comentário: como se constrói (dialogicamente) a referência?</i>	LILIANA CORREIA <i>O efeito de fatores extralinguísticos sobre o desenvolvimento lexical de crianças bilingues. Um estudo sobre falantes de herança do Português Europeu residentes na Alemanha</i>	STÉPHANIE VAZ, MARIA LOBO E MARISA LOUSADA <i>Avaliação de narrativas orais em crianças falantes de português europeu: um teste piloto</i>
10:30	JOÃO CARRILHO E MATILDE GONÇALVES <i>Comentando comentários: questões de texto, género e corpus</i>	NUNO PAULINO E SÓNIA FROTA <i>Measuring early development of language skills in infants and toddlers learning Portuguese and an Additional Language: Implications for language assessment in Bilinguals</i>	IOLANDA NUNES, ARMANDA COSTA E ISABEL FALÉ <i>Fluência de leitura, complexidade textual e propriedades lexicais – estudo com crianças de 4º ano de escolaridade</i>
11:00	Pausa para café		

	COMUNICAÇÕES ORAIS		
	Auditório multimédia	Sala 040	Auditório do IE
	Presidente – MATILDE GONÇALVES	Presidente – CRISTINA FLORES	Presidente – PILAR BARBOSA
11:30	<p>ISABELLE SIMÕES MARQUES</p> <p><i>"Les gilets jaunes triompheront": análise discursiva e semiótica de grafitis nas ruas de Paris</i></p>	<p>VANESSA LÓPEZ</p> <p><i>A aquisição L2 do gerúndio composto em orações adjuntas do português europeu</i></p>	<p>MÁRIO CARVALHO, MARIA ARMANDA COSTA E MORENO COCO</p> <p><i>O impacto de animacidade referencial e clutter visual na descrição de imagens referencialmente ambíguas: uma comparação entre Português e Inglês</i></p>
12:00	<p>JOANA TEIXEIRA</p> <p><i>O efeito do ensino explícito no desenvolvimento de diferentes tipos de propriedades em L2: Sintaxe vs. sintaxe-discurso</i></p>	<p>XINYI LI, ANA LÚCIA SANTOS E MARIA LOBO</p> <p><i>Aquisição de estruturas clivadas por falantes de mandarim que adquirem português europeu como língua não materna</i></p>	<p>JOÃO DELGADO, RODRIGO PEREIRA, BRUNO FAUSTINO, ANTÓNIO FARINHA-FERNANDES, JOSÉ C. GUERREIRO, MIGUEL FERREIRA E PAULO VENTURA</p> <p><i>Is sound symbolism modulated by linguistic experience?</i></p>
12:30	<p>CATARINA VAZ WARROT</p> <p><i>Tradutologia e musicologia. Reflexões pedagógicas</i></p>	<p>XINYI ZHANG, ARMANDA COSTA E PAULA LUEGI</p> <p><i>Correferência sob o bias de causalidade implícita em PE-L2 por nativos de chinês</i></p>	<p>DANIEL MARCELO, LEONEL GARCIA-MARQUES E INÊS DUARTE</p> <p><i>Como nos julgamos automaticamente? O papel da Linguística na Cognição Social</i></p>
13:00	Pausa para almoço		

14:30	<p>MESA-REDONDA</p> <p>O ENSINO DA GRAMÁTICA EM PORTUGAL: BALANÇO E DESAFIOS</p> <p>ADRIANA CARDOSO, LILIANA FREITAS, RICARDO RODRIGUES, DINA ALVES E EDITE FERNANDES ANA LUÍSA COSTA ISABEL SEBASTIÃO JOANA BATALHA</p> <p>MODERADORA - SÓNIA VALENTE RODRIGUES</p> <p>Auditório multimédia</p>		
16:00	Pausa para café		
	COMUNICAÇÕES ORAIS		
	Auditório multimédia	Sala 040	Auditório do IE
	Presidente – JOANA TEIXEIRA	Presidente – A DESIGNAR	Presidente – A DESIGNAR
16:30	<p>ISABEL SEARA</p> <p><i>"Isto Stalin(do), está!"- Análise discursiva da violência verbal nas redes sociais</i></p>	<p>ANA ESPÍRITO SANTO</p> <p><i>Relativas cortadoras: mover e cortar ou cortar antes de mover?</i></p>	<p>DIANA SIMÕES, PAULA LUEGI E ARMANDA COSTA</p> <p><i>Processamento e interpretação, em PE, de frases garden-path com um SN ambíguo: experiência de eyetracking</i></p>
17:00	<p>ISABEL VIOLA</p> <p><i>Das razões da indignação – o insulto como estratégia política no debate parlamentar</i></p>	<p>ANA MARIA BRITO</p> <p><i>Relativas livres transparentes: algumas reflexões sintáticas</i></p>	<p>PILAR BARBOSA, SÍLVIA ARAÚJO, CRISTINA FLORES E CARMO LOURENÇO-GOMES</p> <p><i>Ainda sobre os complementos oracionais infinitivos de verbos percetivos. O papel da pessoa gramatical</i></p>

17:30	KÁTIA LOPES <i>Discursos de Tomada de Posse Presidencial e Construção dos Objetos Discursivos. Brasil e Portugal nos Tempos da Democracia</i>	AUGUSTO SOARES DA SILVA, SUSANA AFONSO E DAFNE PALÚ <i>Variação nas construções relativas preposicionais em português europeu e brasileiro: análise multifatorial de corpus da variação entre relativas padrão, cortadora e resuntiva</i>	INÊS DA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA <i>Os infinitivos independentes em Português Europeu – independência ou dependência?</i>
18:00	ISABEL GIL <i>Polémica, construção identitária e relações de poder</i>	MÁRIO BIRIATE <i>Estratégias de relativização e morfemas relativos em Cinyanja</i>	CELDA MORGADO E ANA MARIA BRITO <i>Entre verbos principais, verbos copulativos e cópulas vazias na Língua Gestual Portuguesa e no Português Europeu</i>
17:30	REUNIÃO DA ASSEMBLEIA GERAL DA APL Audatório multimédia Nota - Não havendo quórum à hora marcada, a Assembleia reúne uma hora depois.		
20:30	Jantar do XXXV Encontro Nacional da APL Restaurante “O Alexandre”		

Dia 11 de outubro – 6ª FEIRA

	COMUNICAÇÕES ORAIS		
	Auditório multimédia	Sala 032	Auditório do IE
	Presidente – PURIFICAÇÃO SILVANO	Presidente – LUÍS FILIPE CUNHA	Presidente – A DESIGNAR
9:30	<p>BERNARDINO VALENTE CALOSSA E CRISTINA FLORES</p> <p><i>Aquisição e erosão no desenvolvimento linguístico de falantes bilingues em Angola</i></p>	<p>CLARA PINTO</p> <p><i>Sobre a sintaxe dos minimizadores em PE</i></p>	<p>DERMEVAL DA HORA, ANDRÉ AMORIM E PEDRO HENRIQUE</p> <p><i>Palatalização das Oclusivas Dentais no Português Brasileiro: produção versus percepção</i></p>
10:00	<p>MARGARIDA TOMAZ, MARIA LOBO, ANA MADEIRA, CARLA SOARES-JESEL E STÉPHANIE VAZ</p> <p><i>Efeitos de dominância linguística e de tempo de exposição formal à língua na produção de pronomes clíticos por crianças bilingues português/francês</i></p>	<p>MARIA TERESA BROCARD</p> <p><i>Ser teudo de responder ou ter de responder: sobre a emergência de usos deônticos de ter de (que) + INF em português</i></p>	<p>RODRIGO PEREIRA, MARGARIDA RAMALHO E MARIA JOÃO FREITAS</p> <p><i>O Rato Roeu a Rolha: sobre a aquisição do rótico dorsal por crianças portuguesas com perfis típico e atípico</i></p>
10:30	<p>ALEXANDRA FIÉIS E ANA MADEIRA</p> <p><i>Controlo e infinitivos flexionados em português L2</i></p>	<p>PILAR BARBOSA</p> <p><i>Os sujeitos nulos definidos das línguas se sujeito nulo parcial como anáforas de sujeito</i></p>	<p>TÂNIA REIS, CRISTIANE LAZZAROTTO-VOLCÃO E MARIA JOÃO FREITAS</p> <p><i>A rota dos Róticos</i></p>
11:00	Pausa para café		

	COMUNICAÇÕES ORAIS		
	Auditório multimédia	Sala 032	Auditório do IE
	Presidente – MARIA JOÃO FREITAS	Presidente – ARMANDA COSTA	Presidente – MARIA TERESA BROCARDO
11:30	<p>CHAO ZHOU</p> <p><i>Formalising European Portuguese Vowel Reduction within the Optimality-Theoretic Framework</i></p>	<p>MARA MOITA E MARIA LOBO</p> <p><i>Compreensão e Produção Oral de Frases Passivas do Português Europeu por Crianças Surdas com Implante Coclear</i></p>	<p>VALERIE HORN, ESTHER RINKE E CRISTINA FLORES</p> <p><i>Variação dialetal na percepção das vogais centrais [a] e [ɐ] do Português Europeu</i></p>
12:00	<p>CARLOS SILVA</p> <p><i>Sobre a representação fonológica do morfema de plural do português</i></p>	<p>RAQUEL COSTA E MARIA LOBO</p> <p><i>Compreensão de construções passivas em Crianças com Perturbação do Espectro do Autismo</i></p>	<p>PURIFICAÇÃO SILVANO E LUÍS FILIPE CUNHA</p> <p><i>As propriedades temporais das orações infinitivas completivas e finais com para em Português Europeu</i></p>
12:30	Pausa para almoço		
14:00	<p>SESSÃO PLENÁRIA 2</p> <p>NIELS O. SCHILLER</p> <p><i>Retrieval of grammatical features in speech production: cross-linguistic evidence</i></p> <p>Auditório multimédia</p> <p>Presidente – ISABEL FALÉ</p>		

	Auditório multimédia	Auditório do IE
	Presidente – A DESIGNAR	Presidente – A DESIGNAR
15:00	JOÃO VELOSO <i>Questões de peso em português</i>	MADALENA COLAÇO E ANABELA GONÇALVES <i>Sobre interferência sintática em tradução</i>
15:30	SHANYI LAO, CELESTE RODRIGUES E FERNANDO BRISSOS <i>Nasalização Regressiva Heterossilábica da Vogal /a/ Acentuada</i>	GABRIELA MATOS E PATRÍCIA RODRIGUES <i>Orações paratáticas de Que-conjuntivo</i>
16:00	LUCIANA ALBUQUERQUE, CATARINA OLIVEIRA, ANTÓNIO TEIXEIRA, PEDRO SÁ-COUTO E DANIELA FIGUEIREDO <i>Efeito da idade nas vogais orais do Português Europeu</i>	NÁDIA CANCEIRO <i>Haverá só um “mas” em Português Europeu?</i>
16:30	SESSÃO DE ENCERRAMENTO Auditório multimédia	

POSTER

EDUARDO CASTRO, ANA AFONSO, MARIA DO CÉU CAETANO E MARIA FRANCISCA XAVIER

Um Dicionário de Preposições Complexas do Português Medieval

Sessões Plenárias

SESSÃO PLENÁRIA 1

CRISTINA FLORES

Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho

O que o desenvolvimento bilingue nos diz sobre a nossa faculdade da linguagem

Passados 40 anos de intensa pesquisa linguística sobre o bilinguismo (cf. De Houwer & Ortega 2018), estamos num momento da investigação em que já sabemos muito sobre a aquisição simultânea de dois sistemas linguísticos, os efeitos da idade de início de exposição na aquisição sucessiva de duas línguas e o papel de fatores extralinguísticos no desenvolvimento bilingue. Cabe agora juntar as principais conclusões destas linhas de investigação para podermos tirar ilações sobre a faculdade da linguagem humana em geral, mostrando que a investigação empírica sobre o desenvolvimento bilingue pode dar um importante contributo à linguística teórica (e vice-versa). Discutindo os resultados de alguns dos estudos conduzidos sobre o bilinguismo luso-alemão nos últimos 10 anos (muitos em colaboração), procuramos mostrar que as particularidades da competência linguística de crianças e adultos bilingues resultam da estreita interação entre a natureza das estruturas linguísticas analisadas (estruturas adquiridas cedo com pouca evidência positiva vs. estruturas tardias), a forma como são adquiridas (implicitamente por mera exposição naturalística vs. através de instrução e aprendizagem dedutiva) e o grau e a duração do contacto linguístico (reduzido mas frequente durante todo o processo de desenvolvimento linguístico vs. interrompido em certo momento do desenvolvimento linguístico). Defendemos que as (i) línguas adquiridas na infância, em contexto de bilinguismo, através de exposição natural frequente, se desenvolvem de forma robusta como línguas nativas; (ii) muitas particularidades da competência de falantes bilingues se devem ao contacto predominante com variedades coloquiais e ausência de instrução formal, geralmente na língua de herança; (iii) a redução drástica de exposição linguística na infância interrompe o processo de aquisição nativa e atrasa/impede a consolidação de conhecimento linguístico. Concluimos que o processo de aquisição (bilingue, nativa) da linguagem necessita de contacto prolongado (até à adolescência) para conduzir a competência linguística estável.

SESSÃO PLENÁRIA 2

NIELS O. SCHILLER

Leiden University Centre for Linguistics (LUCL) & Leiden Institute for Brain and Cognition (LIBC)

Retrieval of grammatical features in speech production: cross-linguistic evidence

In this talk, I will first give an overview of the language production process and especially grammatical encoding. Then, I will present examples of studies on the gender congruency effect in noun phrase production. I will provide experimental evidence from different languages to demonstrate how theory-driven research has contributed to new insights regarding the discussion about the mechanisms and architecture in lexical access.

One specific question we investigated is whether freestanding and bound morphemes are retrieved following the same processing principles. Experimental studies generally demonstrated reliable gender congruency effects when the utterance format contained a gender-marked freestanding morpheme. This is the case in a variety of languages (Dutch, German, and Croatian), in different utterance formats (NPs and sentences), with several different types of morphemes (pronouns, determiners), and irrespective of the position of the freestanding morpheme (phrase-initial or final). The situation is different for utterances containing gender-marked bound morphemes. In this case, the gender congruency effect has not been observed in German (with color adjectives or indefinite determiners), or in Croatian (with possessive pronouns), and the results from Dutch are mixed. These results seem to point at fundamentally different processing mechanisms for freestanding and bound morphemes, the first type being subject to competition and the second not.

I also plan to present data from Konso, an understudied Cushitic language, native to parts of Ethiopia. Cushitic noun morphology exhibits an interesting interaction between gender and number morphology. Moreover, I will present data from Mandarin Chinese demonstrating that classifiers seem to be processed similarly to grammatical gender. These examples demonstrate the importance of field-based and cross-linguistic psycholinguistic data acquisition to inform theories of language processing.

Resumos – Comunicações orais e pósteres

por ordem alfabética do apelido do primeiro autor

LUCIANA ALBUQUERQUE, CATARINA OLIVEIRA, ANTÓNIO TEIXEIRA, PEDRO SÁ-COUTO e DANIELA FIGUEIREDO

Efeito da idade nas vogais orais do Português Europeu

O envelhecimento é um processo tão natural quanto complexo que implica várias alterações fisiológicas, cognitivas, psicológicas e sociais. Também a fala sofre modificações com a idade e, embora as mais significativas aconteçam na puberdade, observam-se também várias alterações com o envelhecimento [1,2]. Ao contrário de outras línguas, para o Português Europeu (PE) praticamente não existem dados sobre os correlatos acústicos do envelhecimento [3,4,5]. Os poucos dados disponíveis centram-se nas características acústicas das vogais orais produzidas por jovens adultos [6,7] e crianças [8]. Este estudo tem como objetivo analisar o efeito da idade e do género nas características acústicas das vogais orais do PE (duração, frequência fundamental (F0) e formantes (F1 e F2)), produzidas por uma larga amostra de indivíduos saudáveis com idades compreendidas entre os 35 e os 97 anos.

A amostra é composta por 113 informantes da região centro de Portugal (sem problemas de voz ou fala), divididos em 8 grupos de acordo com o género e a faixa etária ([35 - 49], [50 - 64], [65 - 79] e ≥ 80). O corpus de fala consiste em 36 palavras dissilábicas, com as vogais [i], [e], [E], [a], [o], [O] e [u] em posição tónica e as vogais [1] e [6] em posição átona, em contexto de oclusivas e fricativas (maioritariamente em sequência CV.CV (C-consoante, V-vogal)). As quatro palavras selecionadas por vogal foram inseridas numa frase de suporte ("Diga ... por favor."). Cada palavra foi repetida 3 vezes, num total de 108 estímulos por informante (113 participantes \times 36 palavras \times 3 repetições = 12204 gravações). As palavras foram apresentadas num ecrã de computador com recurso a imagem e representação ortográfica. As palavras foram segmentadas automaticamente usando o WebMAUS [9] e, posteriormente, a anotação fonética foi corrigida manualmente no Praat por quatro anotadores treinados. Os parâmetros em análise (F0, F1, F2 e duração) foram extraídos de forma semiautomática através de scripts do Praat.

Os resultados sugerem que as características acústicas das vogais variam com a idade, principalmente a duração e a F0. A duração de todas as vogais aumenta de forma significativa com a idade ($F(3;103)=7,4; p<0,001$), em ambos os géneros ([35-49] - 105,7 ms \pm 15,2; [50-64] - 111,5 ms \pm 15,0; [65-79] - 121,2 ms \pm 17,6; ≥ 80 - 127,4 \pm 24,4 ms). A F0 (Figura 1) diminui após os [50-64] anos nas mulheres e nos homens verifica-se uma diminuição entre os 35 e os 64 anos, e um aumento após esta idade, sendo mais pronunciado no grupo ≥ 80 . Verificou-se uma interação significativa entre o género e a idade ($F(3;103)=3,2; p=0,028$), ou seja, a F0 de homens e mulheres tende a aproximar-se com o aumento da idade. No que concerne a F1 e F2 (Figura 2), os resultados não evidenciam uma diminuição significativa com a idade (F1: $F(3;103)=0,8; p=0,482$; F2: $F(3;101)=0,4; p=0,774$). Contudo algumas vogais apresentam um padrão de frequência dos formantes que varia de forma significativa com a idade (F1: $F(9,1;312,4)=2,4; p=0,011$) e o género (F1: $F(3,0;312,4)=32,5; p<0,001$; F2: $F(3,2;323,3)=61,4; p<0,001$). Ou seja, as alterações relacionadas com a idade em F1 e F2 podem estar relacionadas com ajustes articulatórios específicos da fala de idosos, e não com um processo generalizado de alongamento do trato vocal com a idade [10]. As alterações relacionadas com a idade na área do espaço acústico das vogais, embora não significativas, evidenciam uma ligeira diminuição, principalmente nos homens, o que corrobora a tendência de centralização do espaço acústico das vogais com o envelhecimento. E ainda, o facto de os homens mais velhos apresentarem um menor espaço acústico das vogais tende a revelar uma pior capacidade articulatória com a idade.

Para além dos efeitos relacionados com a idade nos parâmetros acústicos, também foi possível observar outras propriedades gerais das vogais do PE. Verificou-se que o efeito da vogal é significativo para todos os parâmetros acústicos em análise, enquanto que o efeito do género é significativo para todos os parâmetros, à exceção da duração ($F(1;103)=0,3$; $p=0,572$).

Este estudo permitiu construir a primeira base de dados (segundo o conhecimento dos autores) com todas as vogais orais do PE em contexto semelhante, produzidas por um número alargado de adultos saudáveis, recolhidas através de processos de gravação standardizados, e ainda, a segmentação foi verificada manualmente por anotadores treinados. Adicionalmente, os estímulos do corpus foram selecionados tendo em vista a possibilidade de recolher dados de fala ao longo de todo o ciclo de vida. Os dados obtidos sobre os efeitos da idade nas propriedades acústicas das vogais do PE permitem compreender melhor o processo de envelhecimento vocal e serão importantes tanto para a prática clínica dos Terapeutas da Fala, como para o desenvolvimento de tecnologias de fala para o PE, mais adaptadas às necessidades do utilizador final.

Palavras-chave: envelhecimento, parâmetros acústicos, vogais, português europeu

Referências

- [1] S. E. Linville, *Vocal aging*. Australia; San Diego: Singular Thomson Learning, 2001.
- [2] S. Schötz, *Perception, analysis and synthesis of speaker age*, ser. Travaux de l'Institut de linguistique de Lund 47. Linguistics and Phonetics, 2006.
- [3] L. Albuquerque, C. Oliveira, A. Teixeira, P. Sa-Couto, J. Freitas, and M. S. Dias, "Impact of age in the production of European Portuguese vowels," in *INTERSPEECH*, 2014.
- [4] I. Guimarães and E. Abberton, "Fundamental frequency in speakers of Portuguese for different voice samples," *Journal of voice*, vol. 19, no. 4, pp. 592–606, 2005.
- [5] T. Pellegrini, A. Hämäläinen, P. B. de Mareüil, M. Tjalve, I. Trancoso, S. Candeias, M. S. Dias, and D. Braga, "A corpus-based study of elderly and young speakers of European Portuguese: acoustic correlates and their impact on speech recognition performance," in *INTERSPEECH*, 2013.
- [6] M. R. D. Martins, "Análise acústica das vogais orais tónicas em Português," *Boletim de Filologia*, vol. XXII, pp. 303–314, 1973.
- [7] P. Escudero, P. Boersma, A. S. Rauber, and R. Bion, "A cross-dialect acoustic description of vowels: Brazilian and European Portuguese," *J. Acoust. Soc. Am.*, vol. 126, no. 3, 2009.
- [8] C. Oliveira, M. M. Cunha, S. Silva, A. Teixeira, and P. Sa-Couto, "Acoustic Analysis of European Portuguese Oral Vowels Produced by Children." in *Advances in Speech and Language Technologies for Iberian Languages*. Springer, 2012, vol. CCIS 328, pp. 129–138.
- [9] T. Kisler, U. Reichel, and F. Schiel, "Multilingual processing of speech via web services," *Computer Speech & Language*, vol. 45, pp. 326–347, 2017.
- [10] J. T. Eichhorn, R. D. Kent, D. Austin, and H. K. Vorperian, "Effects of Aging on Vocal Fundamental Frequency and Vowel Formants in Men and Women," *Journal of Voice*, 2017.

Automatização no diagnóstico de nível de língua: anotação e versatilidade dos recursos

O diagnóstico e a análise automáticos da produção de aprendentes de língua estrangeira são atualmente um tópico de investigação muito relevante na medida em que permitem responder diretamente e de forma mais imediata a necessidades decorrentes das migrações de populações. As técnicas de automatização deste diagnóstico estão em pleno desenvolvimento desde há já alguns anos (Meurers, 2009) e inserem-se, grosso modo, em dois grandes grupos – análise de erro e análise de complexidade –, servindo-se de sistemas mais ou menos complexos do ponto de vista computacional de processamento (Ripley, 2009; Amaral et al., 2006; Curto et al., 2014; Chen & Meurers, 2019). No entanto, quer as técnicas baseadas em métodos de aprendizagem automática (supervisionada ou não) que extraem/identificam traços relevantes a partir de dados anotados, quer as técnicas de análise multidimensional de vetores de medida de complexidade linguística pressupõem a análise e a anotação manual de dados, seja para construir os corpora de treino e teste necessários aos sistemas de aprendizagem automática, seja para testar e indiretamente informar os sistemas de análise no que respeita aos vetores de complexidade. Apesar disso, os fenómenos e as tipologias de anotação necessárias são distintas:

i) anotação de erro: e.g., Ortografia: nasalidade, acentuação; Morfossintaxe: flexão verbal, concordância nominal (projeto Por Nível, CLUNL; COPLE2, Mendes et al., 2016).

ii) anotação de complexidade: e.g., dimensão média da oração; constituintes coordenados por oração; nomes complexos por oração; rácio de orações subordinadas (projeto SyB, EKUT).

Por outro lado, a análise de dados linguísticos de aprendizagem de língua estrangeira, e respetiva compilação e construção de corpora de aprendizagem, pela riqueza e complexidade dos fenómenos que abrangem e pela multiplicidade de objetivos que servem, são em si temas de estudo produtivos e, mais importante ainda, dependentes da(s) língua(s) em análise (por exemplo, Alexandre & Pinto, 2014; Alexandre & Gonçalves, 2015; Antunes & Mendes, 2015; Cabrera & Zubizarreta, 2005; Castelo et al., 2015; Mendes et al., 2016, Talhadas, 2016). É essencialmente a partir desta investigação que os sistemas de anotação são desenhados (Tono, 2003; Nicholls, 2003; Dagneaux et al., 2005).

Esta conjugação de fatores demonstra-nos, por um lado, a inevitabilidade da anotação humana dos dados, um processo moroso e dispendioso, e por outro, a importância de garantir a versatilidade dos recursos criados, de modo a maximizar a sua usabilidade e o investimento realizado. A análise dos sistemas de anotação de corpora de aprendizagem e das necessidades dos sistemas automáticos é essencial e implica perceber que formato terá uma anotação que permita viabilizar ambas as técnicas, ou seja, como desenhar o sistema de modo a que este permita uma anotação de erro e de estruturas associadas à complexidade e que permita também associar os dados de produção a níveis de proficiência, de modo a permitir o diagnóstico de nível.

A presente comunicação visa, assim, o contraste das necessidades dos sistemas de diagnóstico automático e a análise dos fenómenos refletidos nas atuais anotações para o Português, tendo como base o COPLE2 (Mendes et al., 2016) e os resultados da análise conduzida no âmbito do projeto PORNível (Gramacho et al., 2018), propondo um sistema de anotação que contemple a anotação de erro (negativa) e a anotação de estruturas associadas à complexidade (positiva). Para além de sistematizar os fenómenos em causa em ambas as estratégias de diagnóstico, o trabalho pretende também potenciar a usabilidade dos recursos, valorizando-os e fomentando o tão necessário investimento no seu desenvolvimento.

Referências

- Alexandre, N. & Gonçalves, A. (2015). Copular constructions in Portuguese as a second language (PL2) by Chinese learners: Do typological differences matter? In: Workshop on Copulas across Languages. June 18-19, University of Greenwich, London, England.
- Alexandre, N. & Pinto, J. (2014). Aspects of relative clauses in Portuguese as a foreign language by Chinese learners. In: 20th Conference of the European Association for Chinese Studies. July 22-26, Braga, Coimbra.
- Amaral, L., Meurers, D. & Silva, G. (2006). Using Intelligent Computer-Assisted Language Learning (ICALL) Systems to Support Portuguese Instruction. In: The 5th International Conference of the American Portuguese Studies Association (APSA). University of Minnesota. Minneapolis, Minnesota, October 5 - 7, 2006.
- Antunes, S., & Mendes, A. (2015). Portuguese Multiword Expressions: data from a learner corpus. In: LCR2015: 3rd Learner Corpus Research Conference. September 11-13, Radboud University, Nijmegen, The Netherlands.
- Cabrera, M. & Zubizarreta, M. L. (2005). Overgeneralization of Causatives and Transfer in L2 Spanish and L2 English. In: D. Eddington (ed.). Selected Proc. of the 6th Conference on the Acquisition of Spanish and Portuguese as First and Second Languages. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 15--30.
- Castelo, A., Santos, R. & Freitas, M. J. (2015). O uso de vogais ortográficas por aprendentes de Português como língua estrangeira: unidade na diversidade. In: Língua Portuguesa: Unidade na diversidade – Cultura, Literatura, História, Linguística, Tradução e Ensino. November 5-6, Lublin, Poland.
- Gramacho, C., Madeira, A., Martins, C., Alexandre, N., Pinto, J. & Correia, S. (2018.). POR Nível: Construção e validação de um teste de colocação para o Português Língua Estrangeira – resultados de um estudo-piloto. Revista da Associação Portuguesa de Linguística (submetido). Curto, P., Mamede, N., Baptista, J. (2014). Automatic readability classifier for European Portuguese. In: INFORUM 2014 – Simpósio de Informática, 309–324.
- Dagneaux, E., Denness, S., Granger, S., Meunier, F., Neff, J. & Thewissen, J. (Eds.) (2005). Error Tagging Manual. Version 1.2. Centre for English Corpus Linguistics, Université Catholique de Louvain.
- Mendes, A., Antunes, S. Janssen, M. & Gonçalves, A. (2016). The COPLE2 Corpus: A Learner Corpus for Portuguese. In: Proc. of the 10th Language Resources and Evaluation Conference –LREC'16, 23-28 May 2016, Portoroz, Eslovénia, 3207-3214.
- Meurers, D. (ed.) (2009). Automatic Analysis of Learner Language. In: CALICO Journal 26(3). Equinox Publishing Ltd.
- Nicholls, D. (2003). The Cambridge Learner Corpus – error coding and analysis for lexicography and ELT. In: D. Archer, P. Rayson, A. Wilson & T. McEnery (eds.). Proc. of the Corpus Linguistics 2003 Conference. Lancaster University, 572-581.
- POR Nível - Construção e validação de um teste de colocação em nível para o PLE, projeto de investigação do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL), em parceria com o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/por_nivel/
- Ripley, M. (2009). JISC case study: Automatic scoring of foreign language textual and spoken. <http://community.dur.ac.uk/smart.centre1/jiscdirectory/media/JISC%20Case%20Study%20-%20Languages%20-%20v2.0.pdf>
- SyB – Complexity, projeto de investigação da Universidade de Tübingen (EKUT), <http://sifnos.sfs.uni-tuebingen.de/SyB-0.1/>.
- Talhadas, R. (2016). Mapping Grammatical Structures onto Proficiency Levels. In Proceedings of 2th International Conference on Computational Processing of the Portuguese Language, <http://propor2016.di.fc.ul.pt/wp-content/uploads/2016/07/RuiTalhadasPROPORSRW2016.pdf>.

Tono, Y. (2003). Learner corpora: Design, development and applications. In: D. Archer, P. Rayson, A. Wilson e T. McEnery (Eds.), Proceedings of the Corpus Linguistics 2003 Conference. Lancaster University, 800-809.

PILAR BARBOSA

Os sujeitos nulos definidos das línguas de sujeito nulo parcial como anáforas de sujeito

As argued in Rodrigues (2004), Modesto (2008), Holmberg (2005), BP has features in common with a partial Null Subject language such as Finnish with respect to the distribution of null subjects (henceforth NS) in finite clauses. Both languages show an asymmetry between first person (1P) and third person (3P) NS. Typically, the former has a freer distribution: they may occur in matrix contexts and they do not require a linguistic antecedent. A 3P NS, by contrast, requires a linguistically specified antecedent which must be sufficiently local (typically the subject of the next clause up). Given two or more potential antecedents for the NS, the subject is the favored antecedent (Modesto, 2000).

- (1) a. O Pedro₁ convenceu a Cilene₂ que ec_{1/*2} joga futebol.
b. *Pekka muistutti Juhania että [—]_{1/?2} oli luvannut leikata nurmikkaa.*
Pekka reminded John that [—] had promised mow lawn

This restriction, however, can be overridden when other factors apply. Thus, the object becomes a possible antecedent when inflection on the verb is incompatible with the subject (Holmberg, 2005).

- (2) a. O Pedro₁ convenceu os meninos₂ que [—]_{1/?2/2+1} tinham que ir embora.
b. *Pekka muistutti lapsia että [—]_{1/?2} olivat luvanneet leikata nurmikkaa.*
Pekka reminded children that [—] had-3pl promised-Pl mow lawn

Even though a finite NS generally disallows split antecedents in BP, they are possible where one is plural, as in (2a).

There are two trends of analysis of the NS in BP and Finnish. One (Ferreira, 2000), (Rodrigues, 2004) subsumes the relation between the antecedent and the NS under obligatory control. The other (Modesto, 2000) takes it that the NS is a variable bound to a topic raised to the left-periphery of the matrix. None is capable of accounting for the range of possible interpretations for the NS in (2).

In this talk, we argue that the array of facts described can be made sense of under the assumption that the NS is a subject anaphor. In fact, the locality effects exhibited by NSs in BP and Finnish are also observed with subject reflexive anaphors. Thus, the complex anaphor *ta ziji* 'himself', which normally requires a local antecedent (cf. ()), can appear as the subject of a complement clause:

- (23) Chinese Zhangsan_i juede Lisik hui shanghai ta-ziji*_{i/k}. Zhangsan think Lisi will hurt him-self 'Zhangsan thinks that Lisi will hurt himself*_{i/k}.'

(i) Xiaoming xiangxin ta ziji neng kaoguo. Xiaoming believe himself can pass the exam 'Xiaoming believes that he himself can pass the exam.'

While ta ziji is well formed when it is the subject of the clause immediately below its antecedent, it is ill-formed when it is embedded more deeply:

(ii) Xiaomingi shuo Zhangsanj xiangxin ta ziji*i/j neng kaoguo. Xiaoming say Zhangsan believe himself can pass the exam 'Xiaomingi says that Zhangsanj believes that he*i/j can pass the exam.' (Huang & Liu, 2001).

This pattern is strikingly similar to that found with the 3P NS in BP. Reflexive subject anaphors in Thai and Chinese are subject oriented (Haddad, 2007), so the assumption that the NS is a subject anaphor helps explain its subject orientation.

When reflexives are in non-complementary distribution with non-reflexives, they may be 'exempt', i.e., they do not need to be locally bound. In English, first and second person exempt anaphors do not need linguistic antecedents whereas third person exempt anaphors require one, subject to intervention effects (Pollard & Sag, 1992). Our hypothesis is that the NS in BP is an anaphor that can be exempt. Exemption would account for the cases in which subject orientation is overridden, as in (1), as well as the asymmetry between 1P and 3P.

Keywords: partial null subject languages, subject anaphors, null subjects

References

- Ferreira, Marcelo. 2000. Argumentos nulos em português brasileiro: UNICAMP, Campinas MA thesis.
- Haddad, Youssef A. 2007. Subject anaphors. exempt or not exempt? *Linguistic Inquiry* 38-2. 363–372.
- Holmberg, Anders. 2005. Is there a little pro? Evidence from Finnish. *Linguistic Inquiry* 36 533–564.
- Huang, C.-T. James & C.-S. Luther Liu. 2001. Logophoricity, attitudes, and ziji at the interface. In Gabriella Hermon Peter Cole & C.-T. James Huang (eds.), *Long-distance reflexives*. 141–195. New York: Academic Press.
- Modesto, Marcello. 2000. Null subjects without rich agreement. In Mary Kato & Esmeralda Negrão (eds.), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. 147–174. Madrid: Iberoamericana.
- Modesto, Marcello. 2008. Topic prominence and null subjects. In Theresa Biberauer (ed.), *The limits of syntactic variation*. 375–409. Amsterdam: John Benjamins.
- Pollard, Carl & Ivan Sag. 1992. Anaphors in English and the scope of binding theory. *Linguistic Inquiry* 23. 261–303.
- Rodrigues, Cilene. 2004. Impoverished morphology and A-movement out of case-domains: University of Maryland dissertation.

PILAR BARBOSA, SÍLVIA ARAÚJO, CRISTINA FLORES e CARMO LOURENÇO-GOMES

Ainda sobre os complementos oracionais infinitivos de verbos percetivos. O papel da pessoa gramatical

Contextualização: Em português europeu (PE), os complementos infinitivos dos verbos percetivos apresentam variação em função de dois parâmetros: presença vs. ausência de flexão de concordância no infinitivo; presença vs. ausência da preposição *a* como marcador de aspeto progressivo (cf. (1) e (2)). No exemplo (1a), o SN *as crianças* recebe Caso Acusativo (cf. também (4a) vs. (4b)), pelo que exemplos deste tipo têm sido consensualmente analisados como casos de subida de sujeito para objeto (ECM). No que respeita ao exemplo (1b), a maior parte das descrições gramaticais (Barbosa e Raposo, 2013; Duarte, 2003; Gonçalves, 1999; Raposo, 1981) tem assumido sem grande discussão que o Caso disponível é o Nominativo (cf. (3)). Em grande medida, esta assunção resulta de considerações internas à teoria: uma vez que a flexão de concordância é o elemento responsável pela atribuição do Caso Nominativo, prevê-se que, na presença de flexão, o pronome receba Caso (Nominativo) internamente à oração infinitiva (cf. (6)) e que haja subida do sujeito para objeto apenas nos casos em que o infinitivo não possui flexão (cf. (7)). Já no caso da Construção de Infinitivo Preposicionado (CIP) (2a,b), observa-se que, independentemente da presença da flexão, o caso do sujeito é o Acusativo (cf. (5a,b)). Raposo (1989) propõe que a sequência SN a V-Inf é uma estrutura proléptica — uma Oração Pequena (OP) cujo predicado é um SP que contém uma oração com um sujeito nulo (PRO ou *pro*, cf. (8a,b)). Nesta perspetiva, o facto de o sujeito da OP possuir Caso Acusativo na presença do infinitivo flexionado resulta de o Caso Nominativo ser atribuído a *pro* e não ao SN sujeito da OP, que precisa de subir para objeto para receber Caso.

Este quadro quase perfeito, contudo, padece de um problema empírico. Trata-se do facto de muitos falantes não aceitarem exemplos como o de (3a) e preferirem a forma acusativa do pronome no contexto de infinitivo flexionado (cf. (3b) *A mãe viu-as caírem*). Uma tarefa de Juízos de Gramaticalidade aplicada a 60 falantes nativos adultos do PE (Autores, 2018) revela que, nas condições com infinitivo flexionado e Caso Nominativo, a taxa de rejeição é de 88,83% nos complementos infinitivos e de 90,96% na CIP, sendo muito próximas dos resultados obtidos nas condições com infinitivo simples e Caso Nominativo (92,55% e 92,02% para complementos infinitivos e CIP, respetivamente).

Objetivos: Hornstein et al. (2008) oferecem uma proposta de análise de exemplos como (3a) que assenta no pressuposto de que, nas construções com o infinitivo flexionado não precedido de preposição, a subida para objeto é apenas possível com sujeitos de terceira pessoa. Neste contexto, o presente estudo examina a influência da pessoa gramatical (2SG, 1PL e 3PL) sobre o grau de aceitabilidade destas construções, uma variável ainda pouco explorada.

Metodologia: Uma tarefa de juízo de aceitabilidade com resposta binária ('soa bem'/'soa mal') foi aplicada a 54 falantes nativos adultos do PE, provenientes de diferentes cursos de Humanidades (M idade=24,9; DP=8,4). Os materiais consistiam em 18 frases que foram manipuladas (cf. (9-11)) considerando os fatores (i) pessoa gramatical (1PL; 2SG; 3PL) e (ii) tipo de estrutura (infinitivo acusativo, infinitivo nominativo e CIP), resultando em 9 condições experimentais, assim distribuídas em listas do tipo quadrado latino: 3 níveis do fator pessoa gramatical (intra-sujeitos) nos 3 níveis do fator tipo de estrutura (entre-sujeitos). Foram ainda criadas 36 frases distrativas variadas, balanceadas em termos de gramaticalidade (gramatical/agramatical). Cada participante via, assim, uma das listas com 54 estímulos (18+36). O questionário foi implementado em uma plataforma online (Autor, 2018), com os estímulos apresentados em ordem aleatória aos participantes.

Resultados: Quanto ao tipo de estrutura, observou-se uma clara rejeição da estrutura nominativa (92,0%, 'soa mal'), seguida pela acusativa (60,8%). Em relação à CIP, o grau de aceitabilidade foi menos claro (soa mal, 49,7%). Foi verificada uma influência notória da pessoa gramatical

sobre o grau de aceitabilidade das estruturas: as condições com 1PL apresentaram uma taxa de rejeição superior nos três tipos de estrutura (80,56%), em contraste com a 2SG (67,28%) e a 3PL (63,27%). Na relação entre estrutura e pessoa gramatical (cf. Gráfico 1), os dados revelam ainda que a estrutura infinitiva nominativa é a mais rejeitada em todas pessoas (90,7% de rejeição na 1PL; 93,5% na 2Sg; e 91,7% na 3PL); a infinitiva acusativa é mais rejeitada na 1PL (84,3%) comparativamente às demais pessoas gramaticais (2Sg, 62%; 3PL, 60,2%); a CIP destaca-se das outras duas estruturas por apresentar uma taxa de rejeição acentuadamente menor na 2SG (46,3%) e 3PL (38,9%) pessoas. Um modelo generalizado misto, com pessoa e tipo de estrutura como fatores fixos e participantes e itens como fatores aleatórios mostra que ambos os fatores são significativamente preditivos ($p < 0.001$).

Conclusões: Estes dados não confirmam as predições de Hornstein et al. (2008). Embora haja variação entre as pessoas gramaticais, não é apenas na terceira pessoa que a subida para objeto é permitida com o infinitivo flexionado; ela também ocorre na 2SG. Para além disso, reforçam a constatação de que a estrutura nominativa é consistentemente rejeitada, o que constitui um verdadeiro desafio para as análises vigentes.

Exemplos

- (1) a. A mãe viu as crianças cair. (Inf. sem flexão) b. A mãe viu as crianças caírem. (Inf. com flexão)
- (2) a. A mãe viu as crianças a cair. (Inf. sem flexão) b. A mãe viu as crianças a caírem. (Inf. com flexão)
- (3) a. A mãe viu elas caírem. b. ?A mãe viu-as caírem
- (4) a. A mãe viu-as a cair. b. *A mãe viu elas caírem.
- (5) a. A mãe viu-as a caírem. b. *A mãe viu elas a caírem.
- (6) A mãe viu [SFlex as crianças / elas caírem]
- (7) A mãe viu [as crianças]_i [SFlex vi cair].
- (8) a. A mãe viu [OP [SN as crianças]_i [SP a [SFlex PRO_i cair]]].
b. A mãe viu [OP [SN as crianças]_i [SP a [SFlex pro_i caírem]]].

Condições experimentais

- (9) Infinitivo Acusativo nas três pessoas gramaticais
 - a. A secretária gritou contigo, pois viu-te invadires o gabinete. (2SG)
 - b. A secretária gritou connosco, pois viu-nos invadirmos o gabinete. (1PL)
 - c. A secretária gritou com as funcionárias, pois viu-as invadirem o gabinete. (3PL)
- (10) Infinitivo Nominativo nas três pessoas gramaticais
 - a. A secretária gritou contigo, pois viu tu invadires o gabinete. (2SG)
 - b. A secretária gritou connosco, pois viu-nos invadirmos o gabinete. (1PL)
 - c. A secretária gritou com as funcionárias, pois viu-as invadirem o gabinete. (3PL)
- (11) CIP nas três pessoas gramaticais

- a. A secretária gritou contigo, pois viu-te a invadires o gabinete. (2SG)
- b. A secretária gritou connosco, pois viu-nos a invadirmos o gabinete. (1PL)
- c. A secretária gritou com as funcionárias, pois viu-as a invadirem o gabinete. (3PL)

Palavras-chave: infinitivo flexionado, verbos percetivos, construção de infinitivo preposicionado

Referências

- Barbosa, P.; Raposo, E. P. (2013). Subordinação argumental infinitiva. In E. Paiva Raposo et al. (orgs.). Gramática do Português, vol. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 1899-1977.
- Cardoso, A. (2018). Aquisição de Orações Completivas Infinitivas em Português L2. Comunicação apresentada nas V Jornadas de PLE, Universidade do Minho.
- Duarte, I. (1992). Complementos infinitivos preposicionados e outras construções temporalmente defectivas em português europeu. In Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (pp. 145-158). Lisboa: APL.
- Duarte, A. (2003). Subordinação completiva – as orações completivas. In M.^a H. Mateus et al. Gramática da língua portuguesa (pp. 595-651). Lisboa: Caminho.
- Gonçalves, A. (1999). Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não preposicionado em Português Europeu. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Hornstein, M., Martins, A.M., & Nunes, J. (2008). Perception and Causative Structures in English and European Portuguese: phi-feature agreement and the distribution of bare and prepositional infinitives. *Syntax*, 11 (2), 198-222.
- Pereira, C. (2015) A realização do sujeito em complementos infinitivos de verbos causativos e percetivos no português língua de herança. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho.
- Raposo, E. (1981) A Construção União de Orações na Gramática do Português. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Raposo, E. (1989). Prepositional infinitival constructions in European Portuguese. In O. Jaeggli & K. J. Safir (eds.) *The null subject parameter*. Dordrecht: Kluwer, 277-305.

MÁRIO BIRIATE

Estratégias de relativização e morfemas relativos em Cinyanja

Na presente pesquisa estudam-se as estratégias de relativização e morfemas relativos em Cinyanja (N31a), segundo a classificação Guthrie (1967:71). O objectivo principal foi de estudar, com base na teoria de princípios e parâmetros, o tipo de relativas manifestadas na língua e a natureza dos morfemas relativos. Para alcançar esse objectivo, levou-se a cabo uma pesquisa qualitativa. A recolha de dados foi feita mediante um questionário aplicado a 20 informantes, entre falantes nativos, professores, locutores de rádio e académicos ligados aos estudos da Língua Nyanja e as pesquisas documental e bibliográfica. A análise dos dados foi feita de forma indutiva, com procedimento qualitativo. Os resultados da pesquisa mostram que o Cinyanja é uma língua de relativas pós-nominais. Para a formação de orações relativas, esta língua apresenta dois (2) recursos principais, nomeadamente: morfemas segmentais, através do marcador relativo –mene, que é acompanhado pela marca do SN relativizado (como seu prefixo) ou do pronome resumptivo –yo (variável) e morfemas autosegmentais (estratégia tonal), através da mudança de tom baixo para tom alto nas MS, MT e MO, na estrutura do verbo. Das estratégias apresentadas, os recursos segmentais podem ser usados em todos os tipos de relativas manifestados na língua, enquanto o tom se restringe às relativas de sujeito e as de objecto, cujo sujeito é de natureza pronominal.

Palavras-chave: cinnyanja, relativização, morfemas

ANA MARIA BRITO

Relativas livres transparentes: algumas reflexões sintáticas

1. As relativas livres (RL), como em (1a), distinguem-se das relativas com antecedente (1b) por serem iniciadas por um morfema Q e não comportarem antecedente:

- (1) a. Detesto quem diz mentiras.
- b. Detesto as pessoas que dizem mentiras.

No conjunto das RL há um grupo que continua pouco estudado, as relativas livres transparentes (RLT). Tais construções foram objeto de estudo em várias línguas (ver, e.o. Wilder (1998), Grosu (2003, 2014), Riemsdijk (2007), Copinogro (2001); para o português, refira-se Ferreira (2007) e Brito e Matos (no prelo). No entanto, muitas dúvidas sobre a sintaxe das RLT permanecem.

2. As RLT exibem algumas propriedades interessantes que, pelo menos à primeira vista, as tornam distintas das RL standard:

(i) O constituinte “pivot” a seguir à expressão predicativa é sentido como se pertencesse à frase superior, o que tem justificado a adjetivação de “transparente” (ver (2)):

(2) (a) Havia o que parecia ser um avião na autoestrada.

(b) Havia [SN um avião] na auto-estrada.

(ii) A interpretação das RLT é a indefinida, diferindo das relativas livres “standard”, que ou têm leitura definida, como em (3), ou universal, como em (1):

(3) Conheço quem chegou.

(iii) Surgem frequentemente associadas a parecer, um operador modal discursivo (Ferreira 2007) e a modificadores intensionais, seja adjetivais, como alegado, presumível seja adverbiais (alegadamente, presumivelmente) (cf. também Riemsdijk 2007: 364):

(4) Serviram-me o que alegadamente se poderia chamar um bife.

(iv) Uma RLT pode conter concordância plural (cf. Riemsdijk 2007: 364, Ferreira 2007: 126 e segs.), como em (8):

(5) O que parecia serem aviões privados estava(m) na autoestrada.

(v) Neste tipo de relativas só pode ser usado um constituinte Q do tipo de “o que” / “what” / “ce que” e tal constituinte pode referir-se a humanos (Riemsdijk 2007: 364 Ferreira 2007: 130 e segs.):

(6) (a) Ela contactou com o que eu tomei por um polícia para ficar de noite na entrada da casa.

(b) * Ela contactou com quem eu tomei por um polícia para ficar de noite na entrada da casa.

Que análise propor para dar conta deste tipo de construção? Justificarão uma análise distinta das RL standard? Ferreira (2007), para o Português, sugere que são um tipo de relativa livre, mas os pormenores da análise são pouco elaborados, pelo que se justifica retomar o tema.

3. Foram propostas análises distintas para as RLT. Wilder (1999) e Schelfhout, Coppen & Oostdijk (2003) defendem que uma RLT é o resultado de uma inserção seguida de supressão (a backward deletion), descrita esquematicamente em (7):

(7)(a) John bought a banjo.

(b) John bought [what he took to be a banjo] a banjo.

Ferreira (2007), embora seja sensível ao caráter “acessório” deste tipo de construção e a aproxime de estruturas parentéticas em geral (cf. (8)) não adota, e bem, este tipo de análise.

(8) Havia, digamos, um avião na auto-estrada.

Outra análise conhecida é a análise por enxerto (“grafting analysis”, de Riemsdijk 2007). Para este autor nas RL em geral e nas RLT em particular o morfema wh é partilhado pela frase matriz e pela RL livre: what no exemplo (9) é simultaneamente pertença da frase mais alta e pertença da frase mais baixa:

(9) John ate what Mary cooked.

O autor argumenta a favor deste tipo de análise por várias ordens de razões, uma das quais é a conformidade categorial e casual do morfema wh.

Contra esta análise, Grosu (2003, 2010) desenvolve uma análise das RLT, que se baseia em quatro ideias:

(i) ao contrário do que à primeira vista pode parecer, o “pivot” das relativas livres transparentes é o morfema wh; como qualquer RL, uma RLT é um CP realizado com um núcleo nulo e o morfema wh ocupa a posição de esp de CP;

(ii) elas são multi-categoriais, podendo ser um DP, mas também outras categorias (cf. no mesmo sentido Ferreira 2007 para o Português);

(iii) a sua interpretação semântica envolve a aplicação de um operador de unicidade a um conjunto obtido por abstração;

(iv) os efeitos especiais associados às RLT transparentes resultam da combinação de vários fatores, não justificando uma análise distinta de RL: -o morfema wh em esp de CP liga o sujeito de uma “small clause”, por isso elas são ou predicativas ou equativas; -a abstração ao nível de CP aplica-se a uma variável de propriedade não restrita; - o morfema wh é sempre um morfema sintática e semanticamente não especificado (what, ce que, o que, etc);

Grosu (2014) mostra que o requisito de conformidade categorial e casual das RL está dependente de gramáticas em competição, não implicando, portanto, uma análise por enxerto.

Em relação ao português, esta ideia confirma-se: não só entre falantes do PE há diferentes juízos face a frases como (10):

(10) Vi de quem tu gostas (dada como *em Brito 1991, mas sentida como gramatical por alguns falantes),

como há diferenças entre PE e PB (ver Mito e Lobo 2016, p. 284).

Por todas as razões, propomos a seguinte análise para a parte relevante de uma frase como (2):

(2) Havia o que parecia ser um avião na autoestrada.

(11) ... [DP[D' [D 0 [CP o quei [C' [C [-int] [TP ti T' T parecia ser [DP [ti] [um avião]]]]]]]]]

em que "o que" é considerado uma palavra, um item obtido por reanálise (cf. Matos e Brito (2018), Medeiros Júnior (2016) e, por outro lado, o mais subespecificado dos morfemas wh, desprovido do traço de definitude (Grosu 2014).

Palavras-chave: relativas livres, relativas livres transparentes, movimento Q, construções predicativas

Referências bibliográficas:

Brito, A.M. (1991) A Sintaxe das orações relativas em Português. Lisboa: INIC.

Brito e Matos (no prelo) Relativas livres e interrogativas parciais: como Óscar Lopes viu algumas destas construções. *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, vol. 13.

Ferreira, S. (2007) Sobre a função e a forma de alguns subtipos especiais de orações relativas sem antecedente expresso do Português. Diss. de Mestrado em Linguística. FLUL.

Grosu, A. (2003) A unified theory of 'standard' and 'transparent' free relatives. *Natural Language and Linguistic Theory* 21: 2, pp. 247-331.

Grosu, A. (2014) Transparent free relatives: two challenges for the grafting approach. In Bondaruk, A., Dalmi, G. & Grosu, A. (eds.), *Advances in the Syntax of DPs: Structure, agreement, and case*, John Benjamins, pp. 295-317.

Schelfhout, C., Coppen, P.-A. & Oostdijk, N. (2003). Transparent free relatives". In *Proceedings of Console XII*: 1-10. http://sole.leidenuniv.nl/content_docs/ConsoleXII2003pdfs/schelfhout-2003.pdf

Matos, G. & Brito, A.M. (2018) Relativas livres e interrogativas parciais: paralelos e diferenças, *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, Nº 4 – 09/2018 | 152-167 | <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln4ano2018a38>

Medeiros Júnior, P. (2016) From [o [que]] to [o que] in Brazilian Portuguese Free relatives: a Diachronic view. In Kato, M. et F. Ordóñez (eds.) *The Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*, Oxford, pp. 308-331.

Riemsdijk, H. 2007. Free Relatives. In Everaert, M. & van Riemsdijk, H. (eds.) *The Blackwell Companion to Syntax*, Blackwell, 338-382.

MARIA TERESA BROCARDO

Ser teudo de responder ou ter de responder: sobre a emergência de usos deônticos de ter de (que) + INF em português

A presente proposta enquadra-se em investigação que tem vindo a ser desenvolvida sobre a diacronia de haver e ter em português, considerando a competição entre estes verbos com diferentes funcionamentos, enquanto verbos principais plenos em estruturas de 'posse' ou como verbos leves, a sua emergência como auxiliares de tempo composto, e ainda focando usos epistémicos dos mesmos, que se atestam desde fases antigas da língua, em diferentes construções (Brocardo 2006, 2018, e.o.). Pretende-se agora, com o objetivo geral de contribuir para alargar e aprofundar o estudo diacrónico dos dois verbos, tratar o seu funcionamento em construções com valor modal deôntico, tendo como enquadramento teórico geral, assumido de forma crítica, os estudos de gramaticalização de formas e construções (Hopper & Traugott 2003; Heine 2003; Traugott, & Trousdale 2013, e. o.).

Se noutros funcionamentos o resultado da 'competição' haver / ter na história do português teve como consequência a 'substituição' (cf., e. o., De Smet et al. 2008), com obsolescência total ou tendencial de haver, este verbo persiste na construção haver de + INF, associada à expressão de valores modais, que em português contemporâneo coexiste, e geralmente contrasta, quanto ao valor marcado, com ter de / que + INF. Em diacronia, e também diferentemente do que acontece com ter noutras construções, ter de + INF, aparece tardiamente, tal como referido por, por exemplo, Mattos e Silva (1989: 466), assumido, porém, um valor parcialmente diferenciado (Said Ali 1964:§ 829) em relação a haver de + INF. Esta última construção atesta-se, desde os textos mais antigos, em alternância com futuro sintético para a expressão de futuro, a que se associam também, no caso da perífrase, valores modais (Brocardo 2013, e.o.), de "obrigação / necessidade" (Mattos e Silva 2008: 444). A emergência tardia de ter de + INF contrasta, no entanto, com o número elevado de atestações, desde a documentação mais antiga, da expressão, na forma passiva, ser teudo de/a + INF, como se exemplifica em (1), (além de ser teudo a + SN), com claro valor de 'obrigação'.

(1) e as que nõ tirar ata Natal des ali auãte nõ deuẽ a seer teudos de lhj responder por elas ja desse ano. (Foros de Santarém, século XIII)

Neste trabalho pretende-se, assim, em termos de objetivos específicos: (i) aferir a cronologia da emergência da construção deôntica ter de + INF, aduzindo dados que permitam (ou não) confirmar a dissociação, em termos diacrónicos, desta emergência relativamente à expressão ser teudo de/a , que se atesta nos textos antigos; (ii) com base nos dados aduzidos e analisados, discutir a hipótese de a construção 'moderna' ter tido origem em contextos em que ocorre a sequência ter que + INF, em que que funcionaria como relativo, como foi sugerido por Lapesa (2000: 883) para o espanhol (cf. também Fernández Martí 2018), e que se atestam em português em exemplos como (2).

(2) Se lhe allgũ bem aves de fazer não temdes que tardar, caa elles são allem da Torre Vermelha e tem ally o porto aos mouros.

Poder-se-á defender que em contextos semelhantes viesse a gerar-se ambiguidade entre uma interpretação em que que é relativo e uma outra em que o mesmo elemento tem já um estatuto diferente («bridging contexts», Heine 2002, ou «critical contexts», Diwald 2006), ou seja, contextos que teriam propiciado a mudança para uma construção de valor deôntico ('ter alguma coisa que fazer' > 'ter que fazer alguma coisa'). Será ainda necessário discutir (o que será o objetivo (iii) deste trabalho) se a persistente produtividade de haver de + INF na diacronia do

português terá, concomitantemente, funcionado como fator condicionante da mudança, com intervenção da analogia (como sugere Lapesa *ibid*, porém sem referir explicitamente 'analogia'). Estaríamos neste caso perante um diferente tipo de resultado da 'competição', a 'atração' (De Smet et al. 2008), neste caso entre as construções haver de / ter que (> de) + INF, mas que eventualmente viria depois a resultar numa 'diferenciação' dos valores marcados, em termos mais específicos, pelas duas perífrases modais.

Serão descritos e analisados dados recolhidos em testemunhos dos séculos XV a XVIII, sendo esta cronologia justificada pelas referências já citadas de trabalhos anteriores, e por pesquisas prévias, que indiciam ser este o recorte temporal (mais) relevante no âmbito da temática proposta. Não se propõe, porém, uma análise estrita ou predominantemente quantitativa, privilegiando-se antes, neste ponto da investigação e em função do objeto de estudo, a descrição e análise mais próxima de atestações levantadas exaustivamente num conjunto previamente delimitado de fontes textuais, selecionadas com base em critérios a detalhar, que incluem quer questões associadas à transmissão e edição dos testemunhos, quer questões de género.

Palavras-chave: haver e ter, diacronia do português, gramaticalização, competição, modalidade deôntica

Referências

- Brocardo, M. Teresa (2006) 'Haver' e 'ter' em português medieval. Dados de textos dos séculos XIV e XV. *Revue de Linguistique Romane* 70, pp. 95-122.
- Brocardo, M. Teresa (2013) Sobre o 'futuro' - formas e construções marcadoras de posterioridade em textos portugueses dos séculos XIII a XV. In Álvarez, Rosario et al. (eds.) *Ao sabor do texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, pp. 77-90.
- Brocardo, M. Teresa (2018) Usos epistémicos de 'haver' e 'ter' em português antigo. *Revue de Linguistique Romane* 82, pp. 353-376.
- De Smet, Hendrik et al. (2018) The changing functions of competing forms. Attraction and differentiation. *Cognitive Linguistics* 29 / 2, pp. 197-234.
- Diewald, Gabriele (2006) Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions* SV1-9/2006. www.constructions-online.de, urn:nbn:de:0009-4-6860.
- Fernández Martí, Patricia (2018) Perífrasis verbales de infinitivo en el español áureo: entre las unidades fraseológicas y las estructuras disjuntas. *Biblioteca Fraseológica y Paremiológica. Serie Monografías* 7. Centro Virtual Cervantes.
- Heine, Bernd (2002) On the role of context in grammaticalization. In Wischer, Ilse / Diewald, Gabriele (eds.) *New Reflections on Grammaticalization*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, pp. 83-101.
- Heine, Bernd (2003) Grammaticalization. In Joseph, Brian / Janda, Richard D. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Cambridge USA / Oxford UK: Blackwell, pp. 575-601.
- Hopper, Paul J. / Traugott, Elizabeth Closs (2003) *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (1989) *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Lisboa: IN-CM.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (2008) *O Português Arcaico. Uma Aproximação*, Vol. I. Lisboa: IN-CM.
- Said Ali, Manuel (1964) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.
- Traugott, Elizabeth Closs / Trousdale, Graeme (2013) *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press.

BERNARDINO VALENTE CALOSSA e CRISTINA FLORES

Aquisição e erosão no desenvolvimento linguístico de falantes bilingues em Angola

Em países multilingues, como Angola, situações de aquisição bilingue são muito comuns. Quase todas as crianças do meio rural e uma parte significativa das que residem nos meios urbanos são expostas (ativa ou passivamente) a mais de uma língua nos primeiros anos de vida. Neste estudo, analisamos os efeitos da exposição linguística sobre a competência bilingue (português – umbundu) de crianças angolanas em idade escolar. Trata-se de uma pesquisa transversal em que avaliamos a competência de falantes bilingues, que se encontram em diferentes estágios de desenvolvimento linguístico. O estudo centra-se no seu conhecimento de formação do plural dos nomes, de modo a perceber se (i) o desenvolvimento linguístico ocorre de forma proporcional nas duas línguas, ou (ii) se há erosão numa das línguas (neste caso, a língua da família, o umbundu, que não é a língua de escolarização) resultante do desequilíbrio do grau de exposição linguística, após a entrada na escola, onde se fala unicamente o português. Através de um questionário adaptado do Bilingual Language Profile (Birdsong et al, 2012) selecionamos uma amostra de 28 alunos bilingues, sendo 14 da 3ª classe (pouco tempo depois da entrada na escola) e 14 da 9ª classe (à saída do I Ciclo do Ensino Secundário) e outros 28 alunos monolingues, todos residentes em Angola, divididos em dois grupos e selecionados nas mesmas classes, que serviram de controlo. Os participantes foram submetidos a uma tarefa lúdica de produção oral induzida por imagens (“O Jogo da Memória”). Os resultados mostraram diferenças significativas entre os alunos que se encontravam na 3ª classe e os que frequentavam a 9ª classe no que respeita a formação do plural nas duas línguas. Os primeiros tinham mais dificuldades em formar o plural em português, sobretudo em situações em que tinham de aplicar regras particulares, comparativamente ao umbundu, língua que forma o plural pela mudança de classes nominais; já os dados recolhidos dos segundos mostram que há uma tendência deste processo se inverter, ou seja, a proficiência dos alunos da 9ª classe em formar o plural em português melhora significativamente, porém os mesmos não conseguem formar o plural de palavras que selecionam afixos pouco comuns na língua umbundu. A comparação com o grupo mais novo leva-nos a concluir que os alunos bilingues apresentam erosão linguística na língua de família à medida que são escolarizados em português, o que se deve à alteração do grau de exposição linguística, tal como igualmente comprovam, em seus estudos longitudinais, Flores & Barbosa (2010) e Flores et al (2016).

31

Palavras-chave: aquisição linguística, erosão linguística, bilinguismo, formação do plural, português de Angola, umbundo

Referências

- Birdsong, D., Gertken, L.M., & Amengual, M. *Bilingual Language Profile: An Easy-to-Use Instrument to Assess Bilingualism*. COERLL, University of Texas at Austin. Web. 20 Jan. 2012. <<https://sites.la.utexas.edu/bilingual/>>.
- Flores, C., & Barbosa, P. (2010). Clíticos no português de emigrantes bilingues de segunda geração. *XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Flores, C., Santos, A., Jesus, A., & Marques, R. (2016). Age and input effects in the acquisition of mood in Heritage Portuguese. *Journal of Child Language*.

ÂNGELA CAMPOS e ÍRIS PEREIRA

Contributos para a construção de uma gramática da análise crítica do discurso multimodal

No Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (ME, 2017), documento central no planeamento do ensino e aprendizagem dos doze anos de escolaridade obrigatória portuguesa, perspetiva-se a formação do indivíduo “munido de múltiplas literacias que lhe permitam analisar e questionar criticamente a realidade, avaliar e selecionar a informação, formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no seu dia a dia; capaz de pensar crítica e autonomamente, criativo, com competência de trabalho colaborativo e com capacidade de comunicação” (p.15).

É sobre a área de competência pensamento crítico e criativo (ME, 2017: 24) que a nossa comunicação incide. Embora o documento em análise não assuma uma definição clara de crítica, são transversalmente referidos processos cognitivos implicados no exercício desta competência, como, por exemplo, “observar, identificar, analisar e dar sentido à informação, às experiências e às ideias e argumentar a partir de diferentes premissas e variáveis” e “gerar e aplicar novas ideias em contextos específicos, abordando as situações a partir de diferentes perspetivas, identificando soluções alternativas e estabelecendo novos cenários.” ou ainda “convocar diferentes conhecimentos, de matriz científica e humanística, utilizando diferentes metodologias e ferramentas para pensarem criticamente” (p.24, *italico nosso*). Não obstante a centralidade que a capacidade crítica assume neste documento, os indicadores internacionais continuam a revelar um significativo défice desta competência nos jovens portugueses, tal como evidenciado nos resultados PISA (OECD, 2018). A finalidade do trabalho que aqui divulgamos é a de contribuir para a melhoria destes resultados.

Apresentamos uma ferramenta pedagógica de análise do ponto de vista de textos multimodais, que, no nosso entendimento, é potencialmente promotora da capacidade de pensamento crítico e criativo dos alunos. Fundamentamos o desenvolvimento de uma tal gramática na Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 1989) e na Pedagogia das Multiliteracias (The New London Group, 1996), convocando o princípio de multimodalidade (Kress, 2010; Kress e van Leeuwen, 2006), os conceitos de ponto de vista (Stephens, 1992; autor, 2012) e de focalização (O’Brien, 2014) bem assim como a noção de reverse design (autor, submetido) e os processos de analysing functionally, analysing critically e applying creatively (Cope e Kalantzis, 2012). Na comunicação, estas dimensões da gramática da análise crítica do discurso multimodal serão ilustradas com referência a um exemplo concreto.

Palavras-chave: multiliteracias, multimodalidade, critica, gramática

Referências

- Campos, A. (2012). Contributos para o entendimento da aula de Português como espaço de promoção de uma literacia crítica. Uma leitura crítica de “Arroz Do Céu”, de José Rodrigues Miguéis. Tese de Mestrado em Educação não publicada. Área de Especialização em Supervisão Pedagógica em Ensino de Português. Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho.
- Cope, B. and Kalantzis, M. (2012). New Learning. Elements of a science of education. Second edition. Australia: Cambridge University Press.
- Fairclough, N. (1989). Language and Power. New York: Longman.

- Kress, G. (2010). *Multimodality. A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication*. London, New York: Routledge.
- Kress, G. and van Leeuwen, T. (2006). *Reading images. The grammar of visual design*. Second edition. Oxon: Routledge.
- Ministério da Educação. (2018). *Perfil dos Alunos à Saida da Escolaridade Obrigatória*. ME. Lisboa.
- New London Group. (1996). A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures. *Harvard Educational Review*, 66, 60–92.
- O’Brien, A. (2014). Using focalisation to manipulate audience viewpoint in 3-D animation narratives: what do student authors need to know? Unsworth, L. and Thomas, A. (eds) *English teaching and new literacies pedagogy. Interpreting and authoring digital multimodal narratives*. (pp. 123-150). New York: Peter Lang
- Stephens, J. (1992). *Language and Ideology in Children’s Fiction*. London: Longman.
- The Organization for Economic Co-operation and Development. (2018). *Pisa 2015 Results in Focus*. OEDC.

NÁDIA CANCEIRO

Haverá só um “mas” em Português Europeu?

Desde Anscombre & Ducrot (1977) que se propõe que, em várias línguas, existem dois mas, que podem, em línguas como o Francês ser realizados da mesma forma (mais), ou, em línguas como o Espanhol e o Alemão, ter duas realizações distintas (pero e sino; aber e sondern, respetivamente). Também Horn (1989) refere que, em línguas em que existe apenas um morfema adversativo, há ambiguidade lexical.

Para o Português Europeu (PE), existem propostas divergentes: Sousa (2006, 2014) assume a existência de dois mas com valores distintos que correspondem apenas a uma forma; Prada (2000, 2002), Barros (1998), e.o., procuram aproximar estes valores e consideram a existência de apenas um morfema adversativo. Ao contrário de Sousa, Barros, recorrendo a argumentos de ordem sincrónica e diacrónica, propõe que é possível unificar os valores de mas, uma vez que, em maior ou menor grau, os segmentos por ele conectados exibem sempre uma relação de contraste.

Considerando as propriedades apresentadas em Matos (2003) para as conjunções coordenativas, mas sabendo que, em relação a estas propriedades, a conjunção mas não apresenta um comportamento semelhante às conjunções e e ou, e tendo em conta os resultados obtidos em Canceiro (2016), que mostram que a conjunção adversativa se comporta de forma distinta face à aditiva, pretende-se com este trabalho apresentar argumentos de ordem sintática que permitam validar a ideia central da proposta de Sousa, embora discordando de alguns aspetos apresentados na sua análise.

Assumiremos, como Sousa, que, em PE, mas pode assumir um valor concessivo (designado como mas PA [pero; aber], veja-se (1a) para um exemplo do Espanhol e (1b) para a contrapartida em PE), ou um valor refutativo-corretivo (designando-se mas SN [sino; sondern], veja-se em (2a) um exemplo do Espanhol e em (2b) a sua contrapartida em PE). De acordo com Flamenco García (1999: 3856), no exemplo em (1a), com pero, é somente apresentado um contraste de características, enquanto em (2a), com sino, o objetivo é apresentar as características como contraditórias. O mas SN presente em contextos refutativo-corretivos, segundo Sousa, ocorre em construções em que existe a presença de uma negação sintática de caráter metalinguístico (que se caracteriza por não estar relacionada com a veracidade da frase, mas com um pressuposto face às convicções do falante), como (3), diferentemente do mas PA, que pode ocorrer em estruturas sem negação (como em (4)), ou com negação descritiva, que se entende, na linha de Ducrot (1972), como a negação que descreve um estado de coisas (veja-se (5)). Porém, o exemplo em (6) mostra que também é possível obter construções refutativo-corretivas com recurso a negação de constituintes.

Como é possível verificar nos exemplos (3) a (5), apenas mas SN permite a ocorrência de uma partícula de focalização como sim, embora a sua presença seja opcional, diferentemente daquilo que é referido por Sousa, que considera mas sim uma gramaticalização de um marcador de relação refutativo-retificativa. Além disso, no seu trabalho, a autora não considera a possibilidade da ocorrência de mas não, que também ocorre em frases refutativo-corretivas como (7), em que a polaridade dos termos coordenados é oposta à apresentada, por exemplo, em (3). Sousa refere também que a distinção entre mas SN e mas PA é de extrema relevância, uma vez que a definição dos contextos em que ocorre mas SN poderá servir como diagnóstico para a presença de negação metalinguística.

Ao distinguir os dois valores de mas, Sousa refere ainda que estes diferem em relação ao tipo de constituintes que podem articular, visto que mas PA pode conectar todo o tipo de sintagmas, frases, ou unidades textuais; e mas SN apenas pode conectar sintagmas (com exceção de sintagmas verbais) e frases subordinadas. Partindo desta assunção, a autora considera que, tendo em conta os elementos que mas SN pode articular, todas

as frases em que ocorre mas refutativo-corretivo são estruturas de Contraste Sintagmático (Matos 1992). Porém, considerando as construções analisadas em Matos (2017), pensamos ser necessário comparar as propriedades de Contraste Sintagmático, ou Bare Phrase Construction, (exemplo (8)) e de Elipse de TP com partículas de polaridade (exemplo (9)), de forma a compreender qual é, de facto, a estrutura subjacente a estas construções e perceber se é possível apresentar uma análise unificada para todas as frases corretivo-refutativas.

Esperamos poder fornecer uma análise sintática correspondente aos dois valores de mas, em termos do seu comportamento em relação às propriedades das conjunções coordenativas e em termos de configuração sintática das frases em que ocorrem.

Exemplos:

- (1) a. Pepe no es inteligente, pero es trabajador. (Flamenco García, 1999: 3856)
b. O Zé não é inteligente, mas é trabalhador.
- (2) a. Pepe no es inteligente, sino que es trabajador. (Flamenco García, 1999: 3856)
b. O Zé não é inteligente, *senão/√ mas é trabalhador.
- (3) O João não deu flores à Maria, mas (sim) um livro.
- (4) O João quer ser advogado, mas (*sim) estuda linguística.
- (5) O João não é bom aluno, mas (*sim) teve boa nota no exame.
- (6) O João deu à Maria não um livro, mas (sim) dois livros.
- (7) O João deu à Maria um livro, mas não flores.
- (8) O João não ofereceu um disco à Maria ontem (Matos, 1992: 115)
 - a.?? mas (sim) o Pedro
 - b.mas (sim) uma caneta
 - c.mas sim ao Pedro
 - d.mas (sim) hoje
- (9) a. O João leu esse artigo, mas eu não. (Matos, 2017: 143)
b. O miúdo não obedece à mãe, mas ao pai sim.

Palavras-chave: conjunção adversativa, sintaxe, pragmática, frases corretivo-refutativas

Referências

Anscombre, Jean-Claude & Ducrot, O. (1977), Deux mais en français?, n° 43, Amsterdam, North-Holland Publishing Company, pp. 23-40
Barros, Clara. (1998). Construções Contrastivas em Português. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- Canceiro, Nácia. (2016). Coordenação, Subordinação Adverbial e Relações Referenciais entre Sujeitos. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Depiante, Marcela. (2000). The syntax of Deep and Surface Anaphora: a Study of Null Complement Anaphora and Stripping/Bare Argument Ellipsis. Tese de Doutoramento. Universidade de Connecticut.
- Ducrot, Oswald. (1972). Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique. Paris: Hermann.
- Flamenco García, Luis. (1999). "Las construcciones concesivas y adversativas", in Ignacio Bosque & Violeta Demonte (eds.) Gramática descriptiva de la Lengua Española, vol. 3. Madrid: Editorial Espasa, pp. 3805-3878.
- Horn, Laurence R. (1989). A Natural History of Negation, The University of Chicago Press. Chicago.
- Matos, Gabriela. (1992). Elipse do Predicado em Português - SV Nulo e Despojamento. Tese de doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Matos, Gabriela. (2003). "Estruturas de coordenação", in Maria Helena Mira Mateus et alii, Gramática da Língua Portuguesa, 5ª ed., Editorial Caminho, Lisboa, pp.869-913.
- Matos, Gabriela (2017) "TP Ellipsis with polarity particles", in Lopes, Ruth E.V., Juanito O. Avelar & Sonia M. L. Cyrino (eds.) Romance Languages and Linguistic Theory 12.143-158. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins.
- Prada, Edite. (2000). Produção de Construções Adversativas no Português Europeu. Dissertação de Mestrado. Universidade Aberta. Lisboa.
- Prada, Edite. (2002). "Coordenação adversativa: regularidades e singularidades", in Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, pp. 377-385.
- Saab, Andrés. (2010). "Silent interactions: Spanish TP-ellipsis and the theory of island repair". Probus 22: 73–116.
- Sousa, Sara. (2006). Contributos para o estudo das construções refutativo-rectificativas em Português Europeu. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Sousa, Sara. (2014). Contributos para o estudo da refutação em Português Europeu Contemporâneo. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

JOÃO CARRILHO e MATILDE GONÇALVES

Comentando comentários: questões de texto, género e *corpus*

A seguinte proposta insere-se nas atividades do grupo de investigação Gramática & Texto do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, as quais visam, entre outras, descrever e compreender as práticas de linguagem relacionadas com o comentário.

A partir do processo de constituição de um corpus sobre as práticas do comentário (Comentário.com), pretende-se, na presente comunicação, discutir e exemplificar alguns aspetos relativos à recolha e à organização desse mesmo corpus. Deste modo, evidenciar-se-á que uma metodologia linear – definição de um corpus e do método de pesquisa, elaboração da base de dados, catalogação do material recolhido, criação de um motor de busca – necessária para a constituição de um corpus torna-se uma tarefa complexa que motiva uma reflexão e uma problematização quer sobre a constituição de um corpus, quer sobre as características textuais e genológicas (Adam, 1999, Bronckart, 1997, Gonçalves & Jorge, no prelo, Saussure, 2002). De facto, o processo de recolha evidenciou duas problemáticas:

1- A definição de um corpus de comentários requer que se tenha à partida um conhecimento do que é um comentário que só o resultado do estudo pode trazer. Ou seja, se se pretende com este estudo saber o que é um comentário e o que se deve considerar como comentário, como definir um corpus para o efeito?

2- A realização da base de dados está sujeita a um dilema semelhante ao apontado anteriormente. A catalogação dos comentários requer uma definição dos descritores, mas, por sua vez, esses descritores requerem um conhecimento prévio do material a catalogar, algo que se pretende alcançar com o estudo desta base de dados.

Para além disso, o Comentário.com incentiva uma reflexão em torno da representatividade. Esta será abordada e equacionada a partir do que refere F. Rastier, a saber a «representativité n'a rien d'objectif et dépend du type d'utilisation prévue" (2001: 86). Finalmente, tendo em conta que grande parte dos textos recolhidos advêm principalmente da esfera digital, as características dos textos e dos géneros motivam à observação de novas relações que se tecem a partir do suporte digital (Gonçalves, 2014), tal como sublinhado por F. Rastier (2011 :12): "toutes les disciplines ont maintenant affaire à des documents numériques et cela engage pour elles un nouveau rapport à l'empirique".

Em suma, esta comunicação procura contribuir para uma melhor compreensão das relações entre corpus, géneros textuais e textos, a partir do Comentário.com, evidenciando a necessidade premente de encarar uma metodologia heurística, procedendo por critérios e modelos situados. (Coutinho, 2017).

Palavras-chave: texto, género, *corpus*, comentários

Referências bibliográficas

Adam, J.-M. (1999). Linguistique textuelle. Des genres de discours aux textes. Paris: Nathan.

Bronckart, J.-P. (1997). Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionnisme discursif. Lausanne: Delachaux et Niestlé.

- Coutinho, M. A. (2017). Da natureza heurística da Teoria do Texto. *Investigações* 30, 2: 153 - 172.
- Coutinho, M. A. (2005). "Para uma linguística dos géneros de texto", *Diacrítica* 19, 1: 73 – 88.
- Gonçalves, M. & Jorge, N. (no prelo) Promoção da Literacia científica: balanço e perspectivas. *Atas do I Encontro Nacional Discurso Académico*.
- Rastier, F. (2001). *Arts et sciences du texte*. Paris: P.U.F.
- Rastier, F. (2011). *La Mesure et le Grain: Sémantique de corpus*. Paris: Honoré Champion.
- Saussure, F. (2002). *Écrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard.

O impacto de animacidade referencial e clutter visual na descrição de imagens referencialmente ambíguas: uma comparação entre Português e Inglês

Na sequência de trabalho prévio que olhou para a forma de enunciados referenciais em contexto visual, sob o impacto de variáveis de animacidade do referente (Fukumura & Gompel, 2011), de clutter visual (imagem mais ou menos profusa de informação visual, Koolen, Krahmer & Swerts, 2015; Clarke, Elsner & Rohde, 2013) e de potencial ambiguidade na referência (Arnold & Griffin, 2007), criámos uma experiência de produção em que colocámos estes três fatores em interação. Considerando o trabalho de Coco e Keller (2015), de que replicámos a metodologia e de onde adaptámos os materiais, optámos por uma perspectiva de comparação linguística entre os dados do Português Europeu e os obtidos para o Inglês, de modo a ver até que ponto propriedades específicas de cada língua interagem com os fatores experimentais acima referidos.

24 falantes de Português Europeu observaram e descreveram 24 imagens, precedidas por uma palavra-guia a usar na descrição, com manipulação a dois níveis: clutter visual - mais ou menos informação visual - e animacidade do referente da palavra - mais ou menos animado, dando lugar a 4 listas de 24 itens cada, mais 48 imagens distratoras. A ambiguidade de referência era desencadeada pelo facto da palavra-guia nomear ambigualmente uma de duas entidades semelhantes representadas (duas mulheres / duas esponjas, ...). A única restrição imposta para a descrição das imagens era a da obrigatoriedade de usar a palavra-guia apresentada anteriormente pelo menos uma vez.

Os dados de produção obtidos foram transcritos e anotados morfológicamente com a ferramenta LXTagger (Branco & Silva, 2004). Foram marcadas e contadas as categorias linguísticas consideradas relevantes para a informação referencial e estrutural dos enunciados: nomes e pronomes, verbos, conjunções e preposições. Analisámos também os tempos de latência das descrições (quanto tempo os participantes demoraram antes de começarem a descrever cada imagem), a escolha de referência a uma ou ambas as entidades e a forma das expressões usadas para referir o segundo referente (nome ou pronome).

Tal como em literatura prévia (por exemplo Coco, 2011 e Fukumura & Gompel, 2011), a animacidade do referente teve o maior impacto nos resultados: quando a palavra-guia referia uma entidade animada, os participantes referiam ambos os referentes em competição mais frequentemente, começavam a descrever as imagens mais cedo e produziam descrições com uma proporção maior de verbos. Contrariamente ao esperado, não encontrámos nenhum efeito significativo de clutter visual (como encontrado, entre outros, em Clarke et al., 2013), o que pensamos poder ser atribuído à natureza guiada da tarefa, que pode levar a que informação visual menos relevante seja ignorada. Os falantes do Português Europeu fizeram um maior uso de proporções de informação referencial com nomes e pronomes, e referiram segundos referentes mais frequentemente com formas pronominais quando a palavra-guia era animada (na mesma linha que literatura prévia como Fukumura & Gompel, 2011), o que pode indicar que o Português facilita o uso destas formas reduzidas, talvez devido ao seu estatuto enquanto língua de sujeito nulo.

De uma forma geral, os nossos resultados mostram, em consistência com literatura prévia, que a animacidade referencial tem uma forte influência na produção de expressões referenciais e que esta influência é facilitada ou inibida por propriedades específicas de cada língua.

Palavras-chave: psicolinguística, referência, eye-tracking

Referências

- Arnold, J. E., & Griffin, Z. M. (2007). The effect of additional characters on choice of referring expression: Everyone counts. *Journal of Memory and Language*, 56(4), 521–536. <https://doi.org/10.1016/j.jml.2006.09.007>
- António Branco, & João Silva. (2004). Evaluating Solutions for the Rapid Development of State-of-the-Art POS Taggers for Portuguese. In Maria Teresa Lino, Maria Francisca Xavier, Fátima Ferreira, Rute Costa, & Raquel Silva (Eds.), *Proceedings of the 4th International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC2004)* (pp. 507–510). Paris: ELRA.
- Clarke, A. D. F., Elsner, M., & Rohde, H. (2013). Where's Wally: the influence of visual salience on referring expression generation. *Frontiers in Psychology*, 4. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2013.00329>
- Coco, M. I. (2011). *Coordination of Vision and Language in Cross-Modal Referential Processing*. University of Edinburgh.
- Coco, M. I., & Keller, F. (2015). Integrating mechanisms of visual guidance in naturalistic language production. *Cognitive Processing*, 16(2), 131–150.
- Fukumura, K., & Gompel, R. P. G. van. (2011). The effect of animacy on the choice of referring expression. *Language and Cognitive Processes*, 26(10), 1472–1504. <https://doi.org/10.1080/01690965.2010.506444>
- Fukumura, K., van Gompel, R. P. G., & Pickering, M. J. (2010). The use of visual context during the production of referring expressions. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 63(9), 1700–1715. <https://doi.org/10.1080/17470210903490969>
- Koolen, R., Krahmer, E., & Swerts, M. (2015). How Distractor Objects Trigger Referential Overspecification: Testing the Effects of Visual Clutter and Distractor Distance. *Cognitive Science*, 40(7), 1617–1647. <https://doi.org/10.1111/cogs.1229>

EDUARDO CASTRO, ANA AFONSO, MARIA DO CÉU CAETANO E MARIA FRANCISCA XAVIER

Um Dicionário de Preposições Complexas do Português Medieval

Este poster serve o propósito de apresentar o subprojeto “Elaboração e disponibilização no site do CIPM de um dicionário de preposições complexas e de conjunções complexas do Português Medieval”. Este subprojeto, em execução no Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa – CLUNL (<http://clunl.fcsh.unl.pt/>), está associado à infraestrutura europeia CLARIN (<https://www.clarin.eu/>), através do seu parceiro português PORTULAN-CLARIN (<https://portulanclarin.net/>). Com a finalidade de elaboração do dito dicionário foram numa primeira etapa identificadas e classificadas sintática e semanticamente as ocorrências de preposições/conjunções complexas numa seleção de textos do CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval (<https://cipm.fcsh.unl.pt/>), dada a grande extensão deste recurso. Esta tarefa abrangeu todas as cronologias e tipologias documentais do CIPM, por forma a documentar o maior número de sentidos e construções participantes, e observar o percurso diacrónico do seu uso. As fichas lexicográficas do futuro dicionário contêm para todos os itens um conjunto de quatro campos com informação fundamental, a saber: ETIMOLOGIA, VARIANTES GRÁFICAS, DESCRIÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICA e ABONAÇÕES. Cada entrada do dicionário contém ainda verbetes diferenciados para todas as aceções semânticas do item em causa, sendo estas exemplificadas com ocorrências retiradas do CIPM. Apresentaremos neste poster como estudo de caso as entradas lexicográficas para as preposições em e com. À semelhança do que acontece com o Dicionário de Verbos do Português Medieval – DVPM (<http://clunl.fcsh.unl.pt/recursos-em-linha/dicionario-de-verbos-portuguesmedieval-dvpm/>), pretende-se que o Dicionário de Preposições Complexas do Português Medieval seja um recurso pesquisável online, disponibilizado a qualquer utilizador.

Palavras-chave: português medieval, preposições, preposições complexas

MADALENA COLAÇO E ANABELA GONÇALVES

Sobre interferência sintática em tradução

Gonçalves & Colaço (2018) apresentam dados de escrita recolhidos de traduções envolvendo o par de línguas inglês-português, realizadas em contexto académico por alunos do mestrado em Tradução. Este trabalho teve como objeto de estudo a construção, no texto de chegada, de cadeias de referência integrando expressões pronominais nulas e com realização lexical em posição de sujeito. Os dados recolhidos das traduções revelaram essencialmente três tipos de problemas: (i) utilização indevida de sujeitos nulos na língua de chegada, impedindo a identificação adequada do antecedente, (1); (ii) não aplicação da estratégia de minimização da expressão nominal em casos em que tal estratégia é preferida, (2); (iii) utilização de anáforas com realização lexical inadequada, com impacto na interpretação, (3).

Nesse trabalho, as autoras atribuem a generalidade dos problemas identificados a uma estratégia de decalque por parte do aprendente de Tradução, que faz com que propriedades de uma das línguas de trabalho sejam transferidas para a língua de chegada.

O papel da interferência na tradução tem sido também discutido relativamente a outros pares de línguas que envolvem igualmente o inglês e uma outra língua românica de sujeito nulo. Em particular, Cardinaletti (2004, 2012) e Giusti (2004) apresentam dados de traduções inglês-italiano relacionados com a forma dos pronomes em posição de sujeito e com a própria posição do sujeito em textos traduzidos. Os dados apresentados levam à colocação de hipóteses interessantes sobre a questão da interferência em contextos de tradução: Cardinaletti (2004: 129) sugere que a interferência sintática, contrariamente aos empréstimos lexicais e aos decalques morfológicos, não surge de forma aleatória, mas antes opera sobre aspetos que a autora considera "vulneráveis", como aqueles em que a sintaxe interage com outros sistemas de natureza cognitiva ou pragmática. Por outro lado, Giusti (2004) mostra que os problemas encontrados nos textos traduzidos violam sobretudo princípios informacionais e não princípios sintáticos mais centrais do sistema da língua de chegada.

Neste trabalho, pretendemos retomar dados como os de Gonçalves & Colaço (2018) e reanalisá-los à luz das hipóteses colocadas para o italiano. Para tal, confrontaremos dados de textos traduzidos como os já apresentados com dados recolhidos do corpus CUTE e analisados por Cardoso & Magro (2013), com os seguintes objetivos: (i) mostrar, na linha de Cardinaletti (2004, 2012), que os problemas com a forma do sujeito em textos que resultam da tradução inglês-português revelam que a interferência sintática opera sobre uma área crítica em que a sintaxe se cruza com aspetos de natureza interpretativa; (ii) distinguir entre interferência decorrente do próprio processo de tradução, em que duas línguas estão em contacto - esperando-se, neste caso, naturalmente, uma influência da língua de partida na língua de chegada - e interferência decorrente da competência de escrita - esperando-se, neste caso, observar problemas idênticos em textos traduzidos e em textos que não foram produzidos em contexto de tradução, (4)-(6); (iii) discutir a diferença entre construção de cadeias de referência e reconstrução (ou manutenção) de cadeias de referência já existentes num texto de partida.

(1) a. Se o seu gato começar a apresentar sinais de medo, [-] pode alterar o seu comportamento através de brincadeiras interativas pouco energéticas para que ele se possa distrair. Se [-] for detetado na fase inicial, [-] pode conseguir alterar a mentalidade do seu gato aos despoletar o seu instinto de caça.

b. If a cat begins showing initial signs of fear, behavior modification can be done in the form of low-intensity interactive playtime for distraction. If caught early, you may be able to change his mindset as you trigger his prey-drive.

[Gonçalves & Colaço 2018, (69)]

(2) a. Ela não tinha ideia do que estava a dizer. O que raio estava a fazer? Ela nunca tinha visto tantas armas juntas e muito menos se tinha posto deliberadamente no alcance dessas mesmas, mas ela explodiu e descobriu que dela veio uma força enorme.

b. She had no idea what the hell she was saying. What the hell she was doing. She had never seen so many guns before, much less deliberately put herself within point-blank range of such weapons - but she had snapped and discovered a surprising surge of power came with the unhinge.

[Gonçalves & Colaço 2018, (81)]

(3) a. Desta forma, Richis não parecia particularmente preocupado com o facto de Laure poder vir a tornar-se uma das vítimas do assassino já que era do conhecimento geral que ele não atacava nem crianças nem mulheres adultas (...).

b. And thus he had not been seriously afraid that Laure would be one of the murderer's victims, since everyone knew that he attacked neither children nor grown women (...)

[Gonçalves & Colaço 2018, (87)]

(4) Muitas decisões dos alunos acabam por ser tomadas inconscientemente só para [-] não serem mal vistos pelos seus colegas e não serem excluídos do grupo.

[CUTe, F11, L16-18; Cardoso & Magro 2013]

(5) Há que conversar com os alunos e perceber quais os seus interesses, de modo a oferecer aprendizagens que proporcionem interesse e motivação aos alunos.

[CUTe, F35, L53-55; Cardoso & Magro 2013]

(6) Há casos de pais que se preocupam e acompanham o percurso escolar dos seus filhos, contudo, esses continuam a cometer atos de indisciplina e de mau comportamento.

[CUTe, F07, L18-19; Cardoso & Magro 2013]

Palavras-chave: interferência sintática, tradução, cadeias de referência, sujeito

Referências

Cardinaletti, A. (2004). La traduzione dei pronomi: interferenza sintattica e cambiamento linguistico. In G. Garzone and A. Cardinaletti (eds.). *Lingua, mediazione linguistica e interferenza*. Milano: FrancoAngeli, 129-150.

Cardinaletti, A. (2012). Ancora sull'italiano delle traduzioni. *Altre Modernità*, numero speciale: Traduzione e riscrittura, 78-86.

- Cardoso, A. & C. Magro (2013). Problemas de coesão referencial na escrita académica em português. Comunicação proferida na 3ª Conferência Internacional em Gramática e Texto - GRATO 2013. Lisboa, FSCH-UNL.
- Giusti, G. (2004). Interferenza dell'inglese sulla posizione del soggetto in italiano: alcune considerazioni sulle traduzioni italiane di Harry Potter. In G. Garzone and A. Cardinaletti (eds.). *Lingua, mediazione linguistica e interferenza*. Milano: FrancoAngeli, 151-166.
- Gonçalves, A. & M. Colaço (2018). A coesão referencial em textos traduzidos do inglês para o português: a questão dos sujeitos nulos. Comunicação proferida no XXXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, Universidade Aberta.

CLARA NUNES CORREIA e MARIA ANTÓNIA COUTINHO

Género comentário: como se constrói (dialogicamente) a referência?

Neste trabalho propomo-nos discutir quais as formas e quais as construções que desencadeiam valores referenciais em textos que podem ser integrados no género comentário, a partir do corpus Comentário.com

Como é sabido, a discussão sobre o conceito de referência longe de ser pacífica, desencadeia problemas de ordem diversa, nomeadamente, sobre o domínio das áreas em que pode incidir. Quando Carlson 2004 defende que o conceito de referência está ligado a princípios que 'regem' a forma como se fala do mundo que nos cerca e que nos é exterior (designando, no seguimento de Hockett & Altmann 1968, este fenómeno como 'aboutness'), mostra de que forma esta 'exterioridade', ao ser construída linguisticamente, obriga a que haja uma aproximação dos domínios de análise que tradicionalmente a discutem: "(...) Perhaps, in the end, notion of reference as a type of direct connection to objects in the world might well be appropriate for both a semantics and a pragmatic, as Kripke (1977) suggests (...)” (Carlson 2004: 94).

Este ponto de vista poderá ainda ser discutido em termos epistemológicos, confrontando a perspetiva pragmática com a abordagem praxiológica suscitada pela análise (linguística) de textos e discursos (Bronckart, 2008).

Aceitando a amplitude deste debate, propomo-nos desenvolvê-lo através da análise de um conjunto de textos do corpus. Tentaremos mostrar de que forma o valor referencial (na aceção de, e.o., Campos 1997) resulta da interseção das formas e construções presentes no texto 'comentário' e no texto 'comentado' – evidenciando ao mesmo tempo em que medida esse processo é determinado pelo carácter dialógico próprio da atividade da linguagem. A análise a desenvolver permitir-nos-á consolidar a caracterização do comentário como género de texto.

Palavras-chave: comentário, valor referencial, dialogismo

Referências

- Bronckart, J.-P. 2008) Discussion de quelques concepts pour une approche praxéologique du langage. In: CD-ROM des Actes du 1er Congrès mondial de linguistique française, pp. 855-861. URL : <http://dx.doi.org/10.1051/cmlf08313>.
- Campos, M.H. Costa 1997. Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de linguística portuguesa, Porto: Porto Editora.
- Carlson. G. 2004. Reference. In Horn, L.H. & G. Hard (eds) The Handbook of Pragmatics. Malden, MA: Blackwell Publishing, pp. 74-96.
- Culioli, A. 2005. Onze rencontres sur le langage et les langues, avec Claudine Normand. Paris: Ophrys.

LILIANA CORREIA

O efeito de fatores extralinguísticos sobre o desenvolvimento lexical de crianças bilingues. Um estudo sobre falantes de herança do Português Europeu residentes na Alemanha

Embora a literatura sobre o desenvolvimento lexical de falantes de herança (FH) do Português Europeu (PE) seja escassa, a investigação empírica realizada com FH de diversas línguas-alvo tem revelado que: (i) os repertórios lexicais produtivos e recetivos de crianças bilingues são quantitativamente inferiores aos dos seus pares monolíngues quando apenas uma das suas línguas é avaliada (Cobo-Lewis et al., 2002); (ii) a dimensão do seu vocabulário, em particular na língua de herança (LH), é significativamente influenciada pela quantidade de exposição linguística à língua-alvo (Unsworth, 2016) e pelas atitudes dos pais (Gharibi & Boers, 2017) e as das crianças face à aquisição/manutenção da mesma (Schwartz, 2008); (iii) o vocabulário produtivo é mais vulnerável a efeitos de exposição linguística reduzida do que o recetivo (Thordardottir, 2011).

Nesta comunicação, apresentaremos os resultados preliminares de um estudo centrado na aquisição do PE como LH por crianças bilingues lusodescendentes (6-10 anos) residentes na Alemanha. À luz da investigação realizada na área do Bilinguismo de Herança, o presente estudo procurou: (i) aferir a proficiência lexical produtiva e recetiva de dois grupos distintos de FH – crianças expostas ao PE maioritariamente em contexto doméstico e crianças expostas ao PE quer no meio familiar quer em contexto escolar; (ii) verificar se existem diferenças significativas intra e intergrupais quanto ao conhecimento lexical recetivo e produtivo na LH; (iii) avaliar o efeito que a quantidade e o tipo de input do PE exercem sobre o desenvolvimento lexical da LH; (iv) identificar fatores preditivos do desenvolvimento lexical na LH; e (v) investigar se a competência lexical produtiva é mais suscetível a efeitos de input reduzido do que a recetiva. O estudo procurou ainda avaliar a complexa interação entre as atitudes dos pais face à transmissão intergeracional da LH e as das crianças face à aquisição/manutenção da mesma, os padrões de uso do PE, e o desenvolvimento lexical das crianças bilingues na LH. O conhecimento lexical dos participantes foi avaliado em duas tarefas experimentais: (i) nomeação de imagens (Brownell, 2000a; Cunha, 2011) e (ii) identificação de imagens (Brownell, 2000b; Costa, 2011). Os dados relacionados com a experiência sociolinguística dos FH e as atitudes dos pais e das crianças face à LH foram recolhidos através de questionários sociolinguísticos (adaptados de Miller (2017), Schwartz (2008) e Unsworth (2013)).

Palavras-chave: português língua de herança, aquisição bilingue, léxico produtivo e recetivo, exposição linguística

Referências

Brownell, R. (2000a). Expressive one-word picture vocabulary test. Novato: Academic Therapy Publications.

Brownell, R. (2000b). Receptive one-word picture vocabulary test. Novato: Academic Therapy Publications.

Cobo-Lewis, A., Pearson, B., Eilers, R., & Umbel, V. (2002). Effects of bilingualism and bilingual education on oral and written Spanish skills: A multifactor study of standardized test outcomes. In D. K. Oller & R. Eilers (Eds.), *Language and literacy in bilingual children* (pp. 98-117). Clevedon, UK: Multilingual Matters.

- Costa, O. (2011). *Análise do Desempenho do Vocabulário Compreensivo em Crianças dos 5 aos 10 Anos de Idade: Um Estudo Exploratório no Concelho de Fafe*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga.
- Cunha, I. (2011). *Análise do Desempenho do Vocabulário Expressivo em Crianças dos 5 aos 10 Anos de Idade: Um Estudo Exploratório no Concelho de Fafe*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga.
- Gharibi, K., & Boers, F. (2017). Influential factors in incomplete acquisition and attrition of young heritage speakers' vocabulary knowledge. *Language Acquisition*, 24, 52-69.
- Miller, L. (2017). The relationship between language proficiency and language attitudes: Evidence from young Spanish-English bilinguals. *Spanish in Context*, 14, 99-123.
- Schwartz, M. (2008). Exploring the relationship between family language policy and heritage language knowledge among second generation Russian-Jewish immigrants in Israel. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 29(5), 400-418.
- Thordardottir, E. (2011). The relationship between bilingual exposure and vocabulary development. *International Journal of Bilingualism*, 15, 426-445.
- Unsworth, S. (2013). Assessing the role of current and cumulative exposure in simultaneous bilingual acquisition: The case of Dutch gender. *Bilingualism: Language and Cognition*, 16(1), 86-110.
- Unsworth, S. (2016). Quantity and Quality of Language Input in Bilingual Language Development. In E. Nicoladis & S. Montanari (Eds.), *Bilingualism Across the Lifespan* (pp. 103-122). Berlin, Boston: De Gruyter.

Compreensão de construções passivas em Crianças com Perturbação do Espectro do Autismo

1. Enquadramento

Segundo o nosso conhecimento, não existem estudos para o Português Europeu (PE) que analisem a interpretação de passivas por crianças diagnosticadas com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA). Este estudo procura, assim, investigar se as crianças com PEA apresentam dificuldades na compreensão de passivas longas e curtas, com verbos agentivos e não agentivos.

Num estudo levado a cabo por Estrela (2012), concluiu-se que as crianças falantes de PE compreendem as passivas aos 4 anos, sendo indiferente tratar-se de passivas curtas ou longas. O que interfere na compreensão é a presença de um verbo agentivo ou não agentivo.

A compreensão da passiva em crianças com PEA também tem sido alvo de investigação em várias línguas, encontrando-se diferenças significativas. Em algumas línguas, como é o caso das línguas inglesa e persa (Perovic, Modyanova, Wexler, 2007; Gavarró & Heshmati, 2014), as crianças com PEA parecem compreender a estrutura passiva mais tardiamente do que as crianças com DT. Ainda que as investigadoras persas afirmem que a grande discrepância se verifica entre as crianças com PEA de baixo funcionamento e as de alto funcionamento, sendo a diferença entre estas últimas e as crianças com DT pouco significativa (Gavarró & Heshmati, 2014).

Também Durrleman et al (2017) identificaram dois grupos distintos de crianças entre as crianças francesas com PEA: um grupo com desenvolvimento de linguagem dentro dos parâmetros normais e outro com perturbação da linguagem. Os investigadores concluíram que a performance das crianças com PEA sem perturbação da linguagem é aproximada à performance obtida pelas crianças com DT na compreensão de passivas com verbos agentivos. As crianças francesas com PEA, à semelhança do que se observa nas crianças com DT, apresentaram uma melhor performance com verbos agentivos do que não agentivos, não se verificando diferenças entre as passivas longas e curtas. Estes autores concluíram ainda que nem as competências não verbais nem as capacidades de memória de trabalho têm influência nos resultados.

Por sua vez, Terzi, Marinis, Francis e Kotsopoulou (2014) concluíram, para a língua grega, que a aquisição é igualmente tardia em ambos os grupos, quer em crianças com PEA, quer em crianças com DT.

Contrariando os estudos referidos, Schroeder (2013) concluiu que as crianças dinamarquesas com PEA de alto funcionamento não só não apresentaram dificuldade na compreensão das passivas, como obtiveram uma prestação melhor do que as crianças com DT.

2. Metodologia

Foram avaliadas até ao momento 14 crianças diagnosticadas com PEA, entre os 7 anos e 2 meses e os 13 anos e 1 mês, com QI não verbal dentro da média (4), abaixo da média (8) e acima da média (2). Foi aplicado um teste de seleção de imagens, com três imagens, constituído por 40 passivas reversíveis: 10 passivas curtas agentivas; 10 passivas curtas não agentivas; 10 passivas longas agentivas e 10 passivas longas não agentivas.

3. Resultados

Os resultados obtidos até ao momento mostram que as crianças com PEA apresentam dificuldades na compreensão desta estrutura e, à semelhança do observado no estudo persa, têm mais dificuldade em interpretar passivas curtas do que passivas longas.

Verificamos também que as crianças com PEA apresentaram uma melhor performance nas passivas com verbos agentivos do que nas passivas com verbos não agentivos, à semelhança do que tem sido verificado em outros estudos com crianças com PEA e em crianças com DT falantes de PE.

Se tivermos em conta os resultados obtidos no teste de avaliação do QI não verbal, verificamos que um dos participantes com resultados acima da média, obteve percentagens de acerto muito baixas (5% nas passivas curtas e 35% nas passivas longas), não se observando diferenças significativas entre os participantes com QI não verbal abaixo da média e dentro da média, o que parece indicar que um QI não verbal elevado não está diretamente relacionado com uma melhor performance.

Estamos neste momento a recolher dados junto do grupo de controlo (crianças com DT) para podermos concluir se as crianças com PEA apresentam ou não mais dificuldades na compreensão desta estrutura do que as crianças com DT e se as dificuldades observadas seguem o mesmo padrão.

Palavras-chave: passivas, autismo, aquisição da linguagem, sintaxe

Referências

- Durrleman, Stephanie, Hélène Delage, Philippe Prévost and Laurice Tuller (2017) The comprehension of passives in Autism Spectrum Disorder. *Glossa* 2(1): 88. 1–30.
- Estrela, A. P. (2014). A Aquisição da Estrutura Passiva em Português Europeu. Diss. doutoramento. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- Gavarró, A., & Heshmati, Y. (2014). An investigation on the comprehension of Persian passives in typical development and autism. *Catalan Journal of Linguistics*, 13, 79–98.
- Perovic, A., Modyanova, N., & Wexler, K. (2007). Knowledge of c-command and A-movement in children and adolescents with autism and with Asperger syndrome. *Generative Approaches to Language Acquisition. GALA. Barcelona*.
- Schroeder, K. (2013). What Was Done to Whom ? Diss. mestrado. Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona.
- Terzi, A., Marinis, T., Kotsopoulou, A., & Francis, K. (2014). Grammatical abilities of Greek-speaking children with autism. *Language Acquisition*, 21(1), 4-44.

VIVIANE COSTA e RUI SOUSA-SILVA

Da autenticidade à falsificação linguística: uma análise de autoria forense das cartas de suicídio de Getúlio Vargas

Em 1954, Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, deu supostamente fim à sua própria vida com um tiro no peito. Ao lado do corpo foi encontrada uma carta datilografada e assinada por Vargas. Dirigida ao povo brasileiro, a “carta-testamento”, como ficou conhecida, explica os motivos que o levaram a cometer suicídio. Além desta, Vargas deixou uma outra carta, manuscrita e muito mais concisa, que foi encontrada pela família dentre seus pertences, e que é por muitos considerada a verdadeira “carta-testamento”. No entanto, apesar das especulações acerca da autoria da carta datilografada, nunca foi demonstrado que Vargas realmente escreveu essa carta, podendo questionar-se a sua autoria. Assim, neste estudo analisamos as duas cartas deixadas por Getúlio Vargas pelo prisma da atribuição de autoria forense. Apoiando-nos em estudos teóricos e pressupostos metodológicos prévios (Coulthard, Johnson, & Wright, 2017; Grant, 2013; Love, 2002; McMenamin, 2002, 2010; Sousa-Silva, 2009; Sousa-Silva et al., 2011; Turell, 2010), identificamos padrões linguísticos (marcadores) potencialmente idiossincráticos. Partindo da premissa de que as escolhas feitas pelos falantes, quando recorrentes, definem um padrão e tornam-se marcadores de estilo (isto é, elementos identificativos do estilo idioletal do autor), comparamos os padrões encontrados nas duas cartas de suicídio supostamente escritas por Getúlio Vargas e analisamos a sua consistência e distinção. Além dos aspectos de macroestrutura e sinais de pontuação, observamos padrões linguísticos nos níveis sintático, semântico, lexical, morfológico, ortográfico e discursivo, para além de estatísticas de texto (fundamentais em análise de autoria). O resultado de nossa análise mostra que as cartas apresentam características distintivas, inclusive nos níveis lexical e discursivo e, por conseguinte, na construção identitária do locutor. Por exemplo, observamos que o autor constrói imagens de si diferentes nas duas cartas: na carta manuscrita, ele se coloca como “velho e cansado” e, na “carta-testamento”, como uma pessoa que lutou incansavelmente pelo seu povo e que não se deixou abater pelo ódio, pelas infâmias e pela calúnia. A partir dos resultados encontrados, concluímos que existem diferenças significativas entre as duas cartas que reforçam a hipótese de que não foram escritas pela mesma pessoa. Pretendemos, com este estudo, lançar luz sobre um tema pouco explorado em Português, uma vez que ainda são poucos os estudos em Linguística Forense aplicados a nossa língua (e.g. Sousa-Silva, 2009; Sousa-Silva & Coulthard, 2016) e ao gênero específico carta de suicídio e, simultaneamente, contribuir para a clarificação de um caso histórico de autoria questionada.

Palavras-chave: linguística forense, análise de autoria forense, carta de suicídio, Getúlio Vargas

Bibliografia

- Coulthard, M., Johnson, A., & Wright, D. (2017). *An introduction to Forensic Linguistics: Language in evidence* (2 ed.). London and New York: Routledge.
- Grant, T. (2013). Txt 4n6: Method, consistency, and distinctiveness in the analysis of SMS text messages. *J. L. & Pol’y*, 21(2), 467-494. Fonte: <https://brooklynworks.brooklaw.edu/jlp/vol21/iss2/9>
- Love, H. (2002). *Attributing Authorship: An introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.

- McMenamin, G. R. (2002). *Forensic Linguistics – Advances in Forensic Stylistics*. Boca Raton, Florida: CRC Press.
- McMenamin, G. R. (2010). Forensic stylistics Theory and practice of forensic stylistics. Em M. Coulthard, & A. Johnson, *The Routledge Handbook of Forensic Linguistics* (pp. 487-507). London: Routledge.
- Sousa-Silva, R. (2009). Riqueza lexical como critério de detecção de autoria. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (pp. 575-587). Lisboa: APL.
- Sousa-Silva, R., & Coulthard, M. (2016). Linguística Forense. Em R. J. Dinis-Oliveira, & T. Magalhães (Eds.), *O que são as Ciências Forenses? – Conceitos, Abrangência e Perspetivas Futuras* (pp. 137-144). Lisboa: Pactor.
- Sousa-Silva, R., Laboreiro, G., Sarmiento, L., Grant, T., Oliveira, E., & Maia, B. (2011). 'twazn me!!!;'(automatic authorship analysis of micro-blogging messages. Em R. Muñoz, A. Montoyo, & E. Métais (Ed.), *Natural Language Processing and Information Systems*. 6716, pp. 161-168. Berlin: Springer.
- Turell, M. T. (2010). The use of textual, grammatical and sociolinguistic evidence in forensic textcomparison. *The International Journal of Speech, Language and the Law*, 17.2, pp. 211-250.

JOÃO DELGADO, RODRIGO PEREIRA, BRUNO FAUSTINO, ANTÓNIO FARINHA-FERNANDES, JOSÉ C. GUERREIRO, MIGUEL FERREIRA e PAULO VENTURA

Is sound symbolism modulated by linguistic experience?

Sound symbolism is the non-arbitrary mapping between linguistic sounds and meanings. In the *bouba-kiki* paradigm, participants are presented with two pseudowords (such as *kiki* and *bouba*) and two unfamiliar shapes, one jagged and one rounded, and are asked to intuitively match the pseudowords with the shapes. Typically, the vast majority of the population associates pseudowords like *kiki* (i.e., with /t/, /k/, /i/, /e/) with the jagged shape and pseudowords like *bouba* (i.e., with /b/, /m/, /l/, /u/, /o/) with the rounded shape (Styles & Gawne, 2017). This effect has been replicated with preliterate children (Ozturk, Krehm, & Vouloumanos, 2013) and non-western adults (Bremner et al., 2013), suggesting that it may be universal (Ramachandran & Hubbard, 2001). However, Ross and Rogers (1975) and Styles and Gawne (2017) failed to elicit the effect from Hunjara and Syuba speakers, respectively. Under the assumption of universality, these null results remain to be clarified. Noting that the stimuli used in these studies violated the phonological structure of the participants' languages, Styles and Gawne (2017) propose that the *bouba-kiki* effect may be sensitive to linguistic experience. More specifically, the authors suggest that the phonological legality of the stimuli may be a prerequisite for typical performance in the task. Here, we tested this hypothesis in an experiment with European Portuguese participants. One group (n=36) performed a two-trial *bouba-kiki* task with phonotactically valid pseudowords (*pikité* and *manobu*, on the 1st trial; *kipeki* and *baluba*, on the 2nd trial), whereas another group (n=36) performed the same task with phonotactically invalid pseudowords (obtained from the valid pseudowords, by changing the order of the phonemes or the accent: *pitkié* and *manbou*, on the 1st trial; *kípeki* and *baulba*, on the 2nd trial). Valid pseudowords elicited the classical *bouba-kiki* effect, with 91% expected associations on the 1st trial and 86% on the 2nd. Invalid pseudowords also elicited the typical effect on the 2nd trial, with 86% expected associations. However, performance with invalid pseudowords on the 1st trial was considerably low, with 69% expected associations. While the atypical performance with invalid pseudowords on the 1st trial is consistent with Styles and Gawne's (2017) proposal, the typical performance on the 2nd trial is unexpected. It may be that the invalid pseudowords of the 1st trial are very atypical and hard to parse, disrupting sound symbolism, whereas those of the 2nd trial are not. To test this hypothesis, we recruited 15 additional participants who classified the stimuli used in the *bouba-kiki* task, along with 12 fillers, as a function of "perceived strangeness/distance from Portuguese", using a 9-point scale. Invalid pseudowords from the 1st trial were perceived as stranger than valid pseudowords from the 1st trial (7.5 vs 4.2), but invalid pseudowords from the 2nd trial were not perceived as stranger than valid pseudowords from the 2nd trial (5.1 vs 5.3). These results suggest that invalid pseudowords from the 1st trial are more atypical than those from the 2nd trial, as expected. We thus conclude that the phonotactic illegal status of the stimuli might be a necessary, albeit not sufficient condition for sound symbolism disruption: only strong phonological violations seem to disrupt the standard mapping between sound and shape representations.

Keywords: Sound symbolism, bouba-kiki effect, pseudoword legality, European Portuguese (EP).

References

- Bremner, A. J., Caparos, S., Davidoff, J., de Fockert, J., Linnell, K. J., & Spence, C. (2013). "Bouba" and "Kiki" in Namibia? A remote culture make similar shape-sound matches, but different shape-taste matches to Westerners. *Cognition*, 126(2), 165–172. <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2012.09.007>
- Mateus, Maria Helena Mira; Isabel Falé & Maria João Freitas (2005) *Fonética e Fonologia do Português*. 2ª Edição (2016). Universidade Aberta. Lisboa
- Ozturk, O., Krehm, M., & Vouloumanos, A. (2013). Sound symbolism in infancy: Evidence for sound-shape cross-modal correspondences in 4-month-olds. *Journal of Experimental Child Psychology*, 114(2), 173–186. <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2012.05.004>
- Ramachandran, V. S., & Hubbard, E. M. (2001). Synaesthesia--a window into perception, thought and language. *Journal of consciousness studies*, 8(12), 3-34.
- Rogers, S. K., & Ross, A. S. (1975). A Cross-Cultural Test of the Maluma—Takete Phenomenon. *Perception*, 4(1), 105–106. <https://doi.org/10.1068/p040105>
- Styles, S. J., & Gawne, L. (2017). When Does Maluma/Takete Fail? Two Key Failures and a Meta-Analysis Suggest That Phonology and Phonotactics Matter. *I-Perception*, 8(4), 204166951772480. <https://doi.org/10.1177/2041669517724807>

JOANA FERREIRA

A função de “mas” em segmentos que estão ligados a outros pela relação de avaliação: o seu papel na análise do sentimento

QUESTÕES PRELIMINARES. A reflexão sobre a importância das relações retóricas (RR) na análise do sentimento, ou AS, tem sido cada vez mais reconhecida e trabalhada por vários linguistas – nomeadamente, no estudo de corpora relacionado com críticas literárias, críticas cinematográficas, entre outras (Silva et al., 2015, 2018; Taboada, 2008, 2011; Trnavac, 2015) –, isto porque, o sentimento global de um texto é intimamente afetado pela sua estrutura discursiva. Assim, ao dividir um texto em diferentes macro e microestruturas ligadas umas às outras através de RR distintas, conseguimos extrair diferentes pesos destas relações, no sentido de calcular o sentimento global de um texto e, assim, desvendar quais as RR que têm mais impacto nesse cálculo. Contudo, tanto quanto temos conhecimento, não parece haver estudos que relacionem a inferência de uma relação de contraste, ou RC, (Kehler, 2002) com textos de avaliação positiva e negativa, tendo em conta o quadro da Appraisal Theory (AT), de Martin & White (2005).

ESTUDO. Tal problematização direcionou-se no sentido de submetermos alguns aspetos teóricos da noção da RC (Kehler, 2002) e da AS (Taboada, 2008, 2011) a partir da observação, exclusivamente, do comportamento que as diferentes leituras semânticas da conjunção “mas” tem em 75 textos de avaliação positiva e negativa, escritos em PE. Assim, investigamos a natureza semântica desse elemento linguístico – as leituras podem ser: refutativa (Anscombe & Ducrot, 1977; Sousa, 2007; Amaro, 2010), contra-argumentativa (idem, 1977; idem, 2010), fática (Amaro, 2010), correlativa (ibidem) ou aditiva-argumentativa (Fachada, 2019) –, observando, no quadro da AT, de que forma os segmentos avaliativos podem sofrer uma alteração do significado em virtude de estar numa RC (em relação à oração principal). Atente-se nos quatro valores possíveis (Martin & White, 2005: 38): reversão; intensificação; atenuação; nenhuma mudança.

CONCLUSÃO. Tendo em conta o estudo que realizamos, observamos que: 1) a leitura de “mas” mais proeminente é a contra-argumentativa, com 89 ocorrência; em oposição, encontramos 3 “mas” refutativos, 10 “mas” fáticos e 1 “mas” com leitura correlativa; 2) dos quatro valores, propostos por Martin & White (2005), observamos que o segmento que “mas” modifica pode sofrer: reversão (63,72%); intensificação (13,73%); atenuação (4,90%); e nenhuma mudança (17,65%); 3) relativamente à reversão, verificamos que apenas 13,11% das frases revertia a oração principal dada como negativa para uma oração coordenada positiva.

Palavras-chave: semântica dinâmica, relações retóricas, relação de contraste, análise do sentimento, Appraisal Theory

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaro, A. 2010. Valores de mas em textos de opinião. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto.
- Asher, N. & Lascarides, A. 2003. Logics of Conversation. Cambridge: University Press.
- Fachada, B. 2019. Os valores de mas em artigos de opinião. In Revista elingUP 8(1). (no prelo)
- Kehler, A. 2002. Coherence, Reference, and the Theory of Grammar. United States: CSLI Publications.

- Martin, J. R. 2000. Beyond Exchange: Appraisal Systems in English. In Hunston, S. & Thompson, G. (eds.). *Evaluation in Text*. (pp. 142-175). Oxford: Oxford University Press.
- Martin, J. R.; White, P. R. R. 2005. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. Eastbourne: Palgrave Macmillan.
- Mejova, Y. 2009. Sentiment Analysis: An Overview. Disponível na Internet em: https://www.researchgate.net/publication/264840229_Sentiment_Analysis_An_Overview (acedido a 09.04.2018)
- Mohammad, S. M. 2017. Challenges in Sentiment Analysis. (pp. 61-84). In E. Cambria, D. Das, S. Bandyopadhyay & A. Feraco (eds.). *A Practical Guide to Sentiment Analysis*. Suíça: Springer.
- Pang, B.; Lee, L. 2008. Opinion mining and sentiment analysis. *Foundation and Trends in Information Retrieval* 2(1-2): 1-135.
- Silva, F. et al. 2015. Marcas linguísticas da apreciação crítica. In: E. Ferreira, F. Viegas, J. P. Aldo, L. Redes, P. Ferreiro, T. Cunha (orgs.). *Atas do 11.º Encontro Nacional da APP - Literatura e Gramática. Um diálogo infinito*, Lisboa: Associação de Professores de Português.
- Silva, F. et al. 2018. Crítica cinematográfica em blogues e jornais: análise linguístico-textual. In Veloso, João; Guimarães, Joana; Silvano, Purificação & Silva, Rui (orgs.). *A Linguística em diálogo. Volume comemorativo dos 40 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: CLUP.
- Silvano, P. 2010. *Temporal and Rhetorical Relations: The Semantics of Sentences with Adverbial Subordination in European Portuguese*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Somasundaran, S. et al. 2009. Supervised and unsupervised methods in employing discourse relations for improving opinion polarity classification. In *Proceedings of the ENMLP*: 170-179.
- Sousa, S. 2007. Contributos para o estudo das construções refutativo-rectificativas em PE. In *Textos seleccionados do XXII Encontro Nacional da APL*, Lisboa: APL, pp. 435-449.
- Taboada, M. et al. 2008. Extracting sentiment as a function of discourse structure and topically. *Technical Report 20*. Simon Fraser University.
- Taboada, M. 2011. Stages in an online review genre. In *Text & Talk* 31 (2): 247-269.
- Taboada, M.; Mann, W. C. 2006. Rhetorical Structure Theory: Looking Back and Moving Ahead. In *Discourse Studies* 8 (3): 423-459.
- Trnavac, R. et al. 2015. Discourse relations and evaluation. Disponível na internet em: https://www.sfu.ca/~mtaboada/docs/publications/Trnavac_Das_Taboada_Corpora.pdf (acedido a 12.12.2018)
- Wiebe, J. M. et al. 2004. Learning Subjective Language. *Computational Linguistics* 30 (3): 277-308.

ALEXANDRA FIÉIS E ANA MADEIRA

Controlo e infinitivos flexionados em português L2

De acordo com Raposo (1987), o infinitivo flexionado (InfFlex) em português europeu (PE) ocorre com sujeitos referenciais, nulos ou expressos, num conjunto restrito de contextos sintáticos (e.g. complementos de verbos factivos como lamentar, mas não de verbos de controlo de sujeito como querer). Sheehan (2014, 2018), no entanto, mostra que o InfFlex pode ocorrer também em alguns contextos de controlo obrigatório, como é o caso dos complementos de verbos como preferir e prometer, com um sujeito não realizado lexicalmente que é controlado pelo sujeito matriz. Porém, neste caso, os verbos preferir e prometer apresentam comportamentos distintos no que diz respeito às leituras que permitem: os falantes nativos de PE tendem a rejeitar leituras de controlo exaustivo com estes verbos (sendo a rejeição consideravelmente mais forte com preferir do que com prometer (1)), embora se observe InfFlex com estas leituras em dados de produção (Gonçalves, Santos & Duarte 2014); no entanto, muitos falantes nativos aceitam InfFlex com leitura de controlo parcial com ambos os verbos (sendo esta aceitação mais elevada com prometer do que com preferir (2)). Os juízos dos falantes nativos caracterizam-se, contudo, por uma grande variabilidade. Sabemos também que, na aquisição de PE L1, o controlo de sujeito é adquirido cedo, embora as crianças apresentem atrasos com verbos com um argumento interno como prometer (Agostinho 2014). No que diz respeito ao InfFlex, embora as suas propriedades morfosintáticas não sejam, em geral, problemáticas, alguns aspetos da sua interpretação desenvolvem-se tardiamente quer na aquisição de L1 (Pires, Rothman & Santos 2011) quer na de L2 (Madeira, 2018). Contudo, nenhum dos estudos realizados até ao presente se debruçou sobre a aquisição do InfFlex em contextos de controlo de sujeito.

Tendo em conta o estado da arte relativamente a controlo em contexto de InfFlex, neste trabalho investigamos as propriedades dos sujeitos nulos de complementos infinitivos (flexionados e não flexionados) de verbos de controlo de sujeito na interlíngua de falantes nativos de espanhol, uma língua que não possui InfFlex (embora permita infinitivos pessoais num conjunto restrito de contextos; cf. Mensching 2000), e de falantes nativos de inglês, que não possui InfFlex nem infinitivos pessoais. Sendo a interpretação dos sujeitos em contextos de controlo determinada por propriedades gramaticais (sintáticas e semânticas), de acordo com a Hipótese da Interface (Sorace 2011), prediz-se que os falantes não nativos no nível mais avançado de proficiência não apresentem dificuldades neste domínio.

De modo a testar esta hipótese, utilizámos uma tarefa de seleção, com 32 itens de teste (e 32 distratores). Os verbos utilizados nas orações de infinitivo flexionado são predicados coletivos (reunir-se e encontrar-se), que exigem um sujeito plural. As variáveis testadas foram as seguintes: a) tipo de verbo: querer / prometer / preferir / lamentar; b) tipo de infinitivo: flexionado / não flexionado; c) tipo de sujeito matriz: 3sg (favorece leitura de controlo parcial) / 3pl (favorece leitura de controlo exaustivo). Em primeiro lugar, pedia-se aos participantes que decidissem se a frase era ou não aceitável; em caso afirmativo, pedia-se-lhes que seleccionassem a interpretação ou interpretações mais adequada(s) para o sujeito do InfFlex: controlo exaustivo, controlo parcial ou referência livre (3). Os participantes são aprendentes de português europeu L2, falantes nativos de espanhol ou de inglês, de nível intermédio e avançado. O estudo inclui ainda um grupo de controlo de falantes nativos de PE.

Os resultados preliminares indicam que os falantes não nativos desenvolvem gradualmente conhecimento dos contextos em que InfFlex é permitido com verbos de controlo e das interpretações preferidas em cada um dos contextos. Assim, à semelhança dos controlos nativos (que, contudo, apresentam grande variação individual), os grupos de nível avançado apresentam uma aceitação generalizada de ambos os infinitivos com todos os verbos, embora mostrem uma preferência clara por infinitivo não flexionado nos complementos de preferir e, particularmente, de querer. Além disso, as taxas de aceitação de uma interpretação não controlada do sujeito infinitivo são muito baixas com todos os verbos, verificando-se uma

preferência marcada por uma leitura de controlo do sujeito quer com o infinitivo não flexionado quer com o flexionado. No entanto, a interpretação depende mais das características gramaticais do sujeito matriz do que do tipo de verbo, observando-se preferência por uma leitura de controlo parcial quando o sujeito matriz é singular e por uma leitura de controlo exaustivo quando é plural, com todos os verbos exceto prometer (que favorece sempre uma interpretação de antecedente descontínuo). O conhecimento do InfFlex em contextos de controlo, contudo, parece desenvolver-se tardiamente: existem diferenças entre os grupos de nível intermédio e os grupos de nível avançado, que indiciam um efeito de desenvolvimento, em particular no grupo de falantes nativos de inglês. Este desenvolvimento tardio poderá dever-se à inexistência de InfFlex na gramática da L1 dos aprendentes (podendo a existência de infinitivos pessoais na L1 dos falantes nativos de espanhol facilitar a aquisição das propriedades do InfFlex para estes aprendentes), ao facto de estas propriedades não serem, em geral, ensinadas explicitamente e/ou ao facto de esta estrutura ser pouco frequente e caracterizar-se por um elevado grau de variabilidade no input linguístico.

Exemplos

- (1) a. Preferias chegar(*es) a tempo
b. Prometemos à professora chegar(%mos) a tempo
- (2) a. O João preferia reunir(%em)-se mais tarde
b. O Pedro prometeu-me reunir%(em)-se em Braga
- (3) Os delegados preferem reunirem-se amanhã. [preferir, sujeito plural, InfFlex]

1. A frase é aceitável em português? Sim/Não

Se sim, responda à seguinte pergunta:

2. Quem é que se vai reunir amanhã?

- (a) os delegados [leitura de controlo exaustivo]
- (b) os delegados e outra(s) pessoa(s) não mencionada(s) na frase [leitura de controlo parcial]
- (c) outra(s) pessoa(s) não mencionada(s) na frase [leitura de referência livre]

Palavras-chave: controlo, infinitivo flexionado, Português L2

Referências

Agostinho, C. (2014) The acquisition of control in European Portuguese complement clauses. Dissertação de Mestrado, FLUL.

Gonçalves, A., Santos, A. L. & Duarte, I. (2014) (Pseudo-)inflected infinitives and control as Agree. In K. Lahousse & S. Marzo (eds.) Romance languages and linguistic theory. Amsterdam: John Benjamins, 161-180.

- Madeira, A. (2018) Inflected infinitives in L2 Portuguese. In A.L. Santos & A. Gonçalves (eds.) *Complement clauses in Portuguese: Syntax and acquisition*. John Benjamins, 321-360.
- Mensching, G. (2000) *Infinitive constructions with specified subjects: A syntactic analysis of the Romance languages*. Oxford: Oxford University Press.
- Pires, A., J. Rothman & A.L. Santos (2011) L1 acquisition across Portuguese dialects: Modular and interdisciplinary interfaces as sources of explanation. *Lingua* 121, 605-622.
- Raposo, E. (1987) Case Theory and Infl-to-Comp: The inflected infinitive in European Portuguese. *Linguistic Inquiry* 18, 85-109.
- Sheehan, M. (2018) Control of inflected infinitives in European Portuguese. In A.L. Santos & A. Gonçalves (eds.) *Complement clauses in Portuguese: Syntax and acquisition*. John Benjamins, 27-58.
- Sheehan, M. (2014) Portuguese, Russian and the theory of control. In H. Huang, E. Poole & A. Rysling (eds.) *Proceedings of the 43rd annual meeting of the North East Linguistic Society 43 (NELS 43)*, vol. 2. Amherst, MA: GLSA, 115-126.
- Sorace, A. (2011) Pinning down the concept of 'interface' in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism* 1, 1-33.

Expressão do objeto em Português e Polaco como Línguas de Herança em contacto com o Alemão

O presente estudo analisa a produção de objetos diretos por crianças bilingues de duas combinações linguísticas diferentes: polaco-alemão (média de idade 7,8) e português-alemão (média de 8,3 anos), residentes na Alemanha, comparando os dois grupos entre si e com crianças monolíngues de português e de polaco, da mesma idade. Com base nesta análise comparativa, argumentamos que a aquisição bilingue é crucialmente determinada pelas propriedades gramaticais das respetivas línguas, tendo outros fatores muito menos peso (por exemplo, a influência interlinguística).

Tanto o polaco como o português são línguas que possuem clíticos e objetos nulos, tendo em comum o facto de a aquisição de diferentes tipos de objetos representar uma tarefa bastante complexa e tardia (Costa & Lobo, 2016; Sopata 2016; Varlokosta et al. 2016). As crianças monolíngues que adquirem estas línguas apresentam um estágio de objeto nulo (inadequado) mais longo do que crianças monolíngues que adquirem outras línguas clíticas. Com base numa tarefa de produção (adaptada de Sopata, 2016), o presente estudo analisa a realização de objetos em diferentes contextos discursivos. A tarefa diferencia entre contextos onde (1) o referente não é imediatamente acessível (NIA) ou imediatamente acessível (IA) no discurso e (2) refere-se a entidades animadas ou inanimadas. Em contextos NIA, é esperado sobretudo o uso de SNs completos, enquanto em contextos IA deve ser produzido um pronome clítico ou um objeto nulo. Espera-se, ainda, que os referentes animados tendem a ser realizados como clítico, e que a taxa de objeto nulo seja mais elevada quando o referente é acessível e inanimado.

O objetivo é analisar se as crianças bilingues, em idade escolar, adquiriram as condições pragmáticas e referenciais que condicionam a expressão do objeto, nas respetivas línguas de herança (português/polaco). Também se pretende saber se os grupos bilingues sobregeneralizam, de forma idêntica, algum tipo de objeto (ex. SNs ou objetos nulos).

Os resultados revelam que ambos os grupos bilingues adquiriram com sucesso as diferentes condições de uso do objeto. Uma análise de regressão logística multinominal, com 'resposta' como variável dependente e os fatores fixos 'grupo', 'condição' e 'grau de exposição linguística acumulada' (calculada com base num questionário parental) mostram um efeito preditivo de 'condição', e um efeito muito marginal de 'exposição linguística', mas nenhum efeito de 'grupo' bilingue. Concluimos que os dois grupos bilingues apresentam um comportamento linguístico idêntico: distinguem os diferentes contextos pragmáticos e referenciais, mostrando uma clara preferência por SNs em contextos NIA e por objetos pronominais (clítico / nulo) quando o referente é imediatamente acessível (cf. diagrama 1). No entanto, ambos os grupos também produzem taxas mais elevadas de objetos nulos e o efeito de animacidade é menos expressivo em comparação com crianças monolíngues da mesma idade (cf. diagrama 2).

Concluimos que estas particularidades do desempenho das crianças bilingues se devem a uma interação de vários fatores: a) algum atraso na aquisição da distribuição de objetos em comparação com crianças monolíngues (cf. os resultados de monolíngues mais jovens no diagrama 3), potencialmente como consequência de uma exposição mais reduzida às línguas de herança (como mostrado pelo efeito marginal do fator 'exposição linguística') e b) a uma evolução diacrónica interna das línguas, que procede ao longo de uma hierarquia referencial (tal como proposto em Rinke et al. 2018) e que é independente do contacto linguístico. Crucialmente, argumentamos que os grupos bilingues diferem em termos quantitativos,

mas não qualitativos, de crianças monolíngues que adquirem português ou polaco. Acima de tudo, são as propriedades gramaticais, que ambas as línguas partilham, que determinam o percurso de aquisição, tanto no desenvolvimento monolíngue como no bilingue.

Palavras-chave: Português Língua de Herança, Polaco Língua de Herança, objeto direto, objeto nulo

ISABEL GIL

Polémica, construção identitária e relações de poder

Partindo da análise do discurso político (em sentido amplo), analisa-se, com base num corpus constituído por textos publicados no Diário da Assembleia da República e na imprensa entre 1997 e 2007, numa perspetiva enunciativo-pragmática, argumentativa e retórica, as estratégias postas ao serviço de um ethos favorável ao Locutor em ordem à identificação deste com o Alocutário/Destinatário, de tal modo que, no contexto de uma polémica desencadeada por propostas de alterações legislativas, o Locutor se apresenta e representa como um NÓS coletivo representativo do povo. Assim, pelo discurso o EU apresenta-se como uma voz incluída na / assimilada à do grupo de destinatários que visa persuadir/convencer. Nesse processo dinamizador de mudança no plano político, parte-se da construção verbal das emoções em ordem à descrição de um statu quo que se referencia como negativo, propondo-se uma análise multimodal sobre os diversos modos de semiotização das emoções (Gil, 2013, 2014, 2017, 2018).

Este estudo assume a perspetiva do uso/funcionamento do sistema (Fonseca, 1992a, 1992b, 1994a, 1994b, 1994c, 1998a, 1998b, 1999), bem como os estudos sobre argumentação na esteira de Koren (1997, 2006, 2011) e Amossy (1999, 2010, 2014) e ainda Plantin (1990, 1996, 2011) e Micheli (2008, 2012, 2013), para além dos estudos de Marques (2000, 2012, 2017) e Charaudeau (2008).

Palavras-chave: argumentação, emoções, identidade

MAITE GIL

A construção “V de movimento + em” em um *corpus* de Português Brasileiro: uma análise a partir dos pressupostos da Gramática Cognitiva

Os verbos de movimento são alvo de numerosos estudos em diferentes línguas, revelando distintos padrões de lexicalização e de comportamento. Além disso, a variação nas possibilidades combinatórias de SP com diferentes verbos de movimento é observada tanto entre línguas quanto em diferentes variedades da mesma língua. Os diferentes usos nas variedades nacionais do PB e do PE podem ser entendidos como um elemento de divergência entre ambas, o que contribui para a caracterização da natureza pluricêntrica da língua. Internamente, há também um comportamento divergente entre as combinações de SP e verbos de movimento realizadas por alunos de PB em seus textos e aquelas prescritas nas abordagens tradicionais da gramática da mesma variedade nacional.

Diante disso, este estudo visa a responder à questão: quais são as características semânticas e de distribuição sintática da construção “Vde movimento + em”? Para tanto, propomos a análise das ocorrências em um corpus composto por textos elaborados por alunos de Ensino Médio integrado a cursos técnicos em suas aulas de PB. Foi utilizada a ferramenta Sketch Engine para gerar a lista de frequência de verbos no corpus, a fim de selecionar para a análise aqui apresentada os dois verbos de movimento mais frequentes, a saber: ir e chegar. Em seguida, suas ocorrências foram listadas e, então, selecionadas apenas aquelas que eram seguidas por um SP. Em ambos os verbos, observou-se um número significativo de ocorrências da construção “Vde movimento + em”, a qual não está prevista nos compêndios gramaticais (ex.: Bechara, 2009; Cunha & Cintra, 2017) e que, por isso, foi escolhida para descrição detalhada.

Dois aspectos merecem destaque na descrição proposta: a semântica da preposição “em” e a natureza dos locativos que a seguem na combinação com os verbos de movimento. Como afirmam Evans e Tyler (2005), os conceitos vinculados pelas preposições são imagético-esquemáticos por natureza e têm uma base corporificada. Segundo os autores, a preposição “em” expressa um elemento funcional de contêiner, o qual acarreta noções de locação, confinamento, proteção e potencial ocultamento do objeto foco. Sobre essa preposição no PB, merece destaque o trabalho de Oliveira (2009), que descreve as relações semântico-cognitivas no uso da preposição “em” no português do Brasil. A proto-cena da preposição em questão sinaliza que o locativo associado a ela tem natureza tridimensional, o que nos leva à compreensão de restrições do uso de “em” com determinados locativos. Diante disso, pode-se afirmar que a restrição do uso de “em” com alguns sentidos dos verbos analisados não é imposta exclusivamente pela semântica dos verbos, mas, antes disso, ela é decorrência da semântica da preposição.

Diante do exposto e da descrição dos usos feitos por alunos em suas aulas de PB, argumentamos, por fim, que os pressupostos da Gramática Cognitiva têm o potencial para representar uma alternativa para compreensão dos usos dos alunos e para o ensino de gramática, informando descrições baseadas no uso e, portanto, levando a abordagens menos artificiais e normativas.

Palavras-chave: Gramática Cognitiva, verbos de movimentos, preposição “em”

MATILDE GONÇALVES, MIGUEL MAGALHÃES e SÍLVIA BARBOSA

Padrões linguísticos do femicídio na imprensa escrita portuguesa

O aumento de notícias sobre violência doméstica sobre mulheres (14 femicídios, de acordo com o Público a 3 de maio de 2019) e a necessidade de intervir socialmente para contribuir para a erradicação das formas de violência, em particular o assassinio de mulheres e jovens de sexo feminino são motivadoras da proposta de comunicação aqui apresentada. Sabendo que a comunicação social, enquanto elemento indispensável para a informação, divulgação e a construção de opinião se rege pela Lei da Imprensa, pelo Estatuto do Jornalista e pelo Código Deontológico, pretende-se observar, através da linguagem utilizada, como o femicídio é divulgado nos meios de comunicação social escrita em Portugal.

O objetivo da comunicação é analisar notícias que divulgam o femicídio tendo em conta o que é dito e como é dito e, conseqüentemente, determinar a presença de padrões linguísticos. Para tal, foram tidos em conta os seguintes parâmetros de análise: 1) formato textual: notícia, reportagem, breve, entrevista, entre outros, 2) organização do conteúdo informativo: quê/quem/como/quando/porquê; 3) caracterização dos envolvidos e do evento a partir de uma análise do léxico. A análise incide sobre um corpus de textos de caráter noticioso relativos a crimes de femicídio ocorridos em Portugal e com vítimas portuguesas, onde o agressor é ou foi cônjuge/parceiro/namorado da vítima (com relação emocional) extraídas quer do repositório digital Arquivo.pt (www.arquivo.pt) quer de periódicos portugueses. O Arquivo.pt, permite observar diacronicamente o fenómeno, enquanto a recolha em periódicos permite uma visão sincrónica e atual do mesmo.

O presente trabalho, de caráter multidisciplinar - linguística do texto e do discurso e a lexicologia/lexicografia -, segue uma metodologia mista (qualitativa e quantitativa) sustentando-se em trabalhos já desenvolvidos para outras temáticas (turismo, vinho, comunicação de ciência), e replicável para este fenómeno.

A análise dos dados permitiu destacar alguns padrões: (i) a diferenciação nos critérios para nomear/caracterizar a mulher (p.e., idade, estado civil, profissão, descendência) e o homem (p.e. temperamento e profissão); (ii) a variabilidade na nomeação do crime; (iii) a textualização da ação do crime em função do grau de informatividade (informativo versus sensacionalista).

Os dados preliminares mostram que existem padrões linguísticos distintos (alguns remetendo para estereótipos sexistas) na modalização dos envolvidos e do evento em notícias sobre o femicídio e evidenciam a necessidade de uma abordagem linguística para colmatar os estudos já desenvolvidos.

Palavras-chave: padrões discursivos, femicídio, imprensa portuguesa, texto, léxico

Referências bibliográficas

Adam, J.-M. (1999). *Linguistique textuelle. Des genres de discours aux textes*. Paris: Éditions Nathan.

Bronckart, J.-P. (1997). *Activité langagière, textes et discours : pour un interactionnisme socio-discursif*. Paris : Delachaux et Niestlé.

- Correia, M. & Barbosa, S. (2014). "Para o estudo da denominação da cor em português: estrutura e significado dos nomes e adjetivos construídos", in *Revista Filologia e Linguística Portuguesa* 15(2) Jan./Jun. 2013. pp. 385-406. (link <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/79798>)
- Coutinho, Maria A; Miranda, F. (2009). To describe textual genres: problems and strategies. In *Genre in a Changing World*, ed. Bazerman, Charles, Bonini, Adair, and Figueiredo, Débora, 1 - 528. Fort Collins, Colorado: The WAC Clearinghouse and Parlor Press.
- Gonçalves, Matilde, Jorge, Noémia. (org). 2018. A literacia científica na escola. In www.literaciacientifica.pt/publicacoes. ISBN 978-989-54081.
- Gonçalves. M., Magalhães, M. (submetido) "Corpus e géneros textuais nas práticas de divulgação de ciência ou as novas hierarquias na construção do conhecimento". In *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*.
- Marcuschi, L. A. 2003. "A questão do suporte dos gêneros textuais". In *DLCV* - vol. 1, n.º 1, João Pessoa, pp. 9-40.
- Martinez W. & Barbosa S. (2018). Building a Portuguese oenological dictionary: from corpus to terminology via co-occurrence networks. In *18TH EURALEX INTERNATIONAL CONGRESS - Lexicography in global contexts* - Ljubljana, (Slovenia): 17-21 July 2018. (link <http://euralex.org/publications/building-a-portuguese-oenological-dictionary-from-corpus-to-terminology-via-co-occurrence-networks/>)
- Rastier, F. (2011). *La Mesure et le Grain: Sémantique de corpus*. Paris: Honoré Champion.
- Rastier, François (2001) *Arts et Sciences du Texte*. Paris : P.U.F.
- Voloshinov, V.N. (1977), *Le marxisme et la philosophie du langage*. Paris : Minuit.

NEIDE GONÇALVES, HELENA CARMO, MARA MOITA, PAULO CARVALHO E ANA MINEIRO

Construção e anotação do *Corpus* Linguístico de Referência para a Língua Gestual Portuguesa

Perante a escassez de descrição e de caracterização linguística da Língua Gestual Portuguesa (LGP) e a consequente falta de recursos linguísticos e materiais educativos para esta língua, está em construção o primeiro corpus linguístico de referência da LGP, no âmbito do Projeto Corpus Linguístico & Avatar da LGP (Refª PTDC/LLT-LIN/29887/2017).

Este corpus será constituído por 70 horas de vídeos em LGP recolhidos desde da década de 80 até à atualidade com um número variado de gestuantes oriundos de diferentes regiões geográficas de Portugal Continental e dos Arquipélagos, e de diferentes faixas etárias (entre os 10 e os 60 anos de idade). As vídeo-gravações contêm discursos formais, não formais e semiformais, espontâneos ou orientados sob um tema. Esta diversidade permitirá a realização de futuras análises diacrónicas e sincrónicas e estudos de variação dialectal à LGP (McEnery e Wilson, 2001).

No âmbito deste projeto, destas 70 horas, serão transcritas e anotadas 20 horas para uma primeira análise e descrição linguística da LGP. Tendo em consideração os desafios de anotação de corpora, sobretudo, de línguas de modalidade visuo-espacial, propomos, com este trabalho, a apresentação da metodologia de anotação deste corpus.

O processo de transcrição e de anotação das 20 horas de vídeos em LGP é realizado com base na ferramenta de transcrição ELAN e realiza-se a diferentes níveis linguísticos. Ao nível superior, o corpus de 20 horas apresentará transcrição livre para Português Europeu e anotação escrita literal da LGP (respeitando a ordem de gestos desta) de forma a que o corpus seja acessível a investigadores não gestuantes (Johnston, 2010).

Ao nível lexical, são anotadas as unidades lexicais através do uso de glosas permitindo a representação do gesto produzido juntamente com todas as suas variações fonológicas e morfológicas num único lema (Johnston e Schembri, 1999; Cormier et al., 2012). A glosa é anotada numa trilha superior e distribuída pelos articuladores manuais em produção (Mão Dominante e Mão Não Dominante), permitindo, assim, detetar a ordem (sequencial e simultânea) de produção de gestos. A este nível, também são anotados alguns elementos linguísticos, como classificadores, numerais, pronomes, elementos negativos e interrogativos, entre outros.

Ao nível morfossintático, são anotadas as classes gramaticais dos gestos e os argumentos da oração em semelhança aos critérios de anotação utilizados no corpus da Língua Gestual Australiana (Johnston, 2016). Ao nível fonético-fonológico, são anotados todos os parâmetros das categorias fonológicas (configuração, localização, movimento, orientação da mão e expressão facial) com base no sistema de anotação fonética para as línguas gestuais HamNopSys utilizado em outros corpora gestuais (Hanke, 2004).

Neste trabalho, apresentar-se-ão os critérios de constituição do corpus linguístico de referência para a LGP e da seleção de vídeos para as 20 horas de corpus transcritas e anotadas. No âmbito da anotação dos dados, discutir-se-á o conjunto de convenções estabelecidas para cada item linguístico tendo em consideração a sua natureza lexical e morfossintática.

Palavras-chave: corpus linguístico, transcrição, anotação, língua gestual, Língua Gestual Portuguesa

TJERK HAGEMEIJER, FELICIANO CHIMBUTANE, RITA GONÇALVES, ANTÓNIO LEAL e AFONSO MIGUEL

A expressão de Alvo e Origem de verbos de movimento em variedades africanas do português

Diferentes estudos sobre as variedades africanas do português (VAP) têm descrito a reestruturação das grelhas argumentais dos verbos de movimento quando envolvidos os papéis temáticos de Alvo e Origem (e.g. Cabral 2005; Chavagne 2005; Mingas 2000; Gonçalves & Chibutane 2004, 2012; P. Gonçalves 1990, 2010, 2013; R. Gonçalves 2010) e têm-na frequentemente atribuído ao contacto de línguas. Nesta comunicação propomo-nos descrever, analisar e comparar a expressão de Alvo e Origem com verbos de movimento no português falado em Angola/Luanda (PA), Moçambique/Maputo (PM) e São Tomé e Príncipe/São Tomé (PST), assim como avaliar o efeito do contacto com o quimbundo (QB) e o changana (CH) (ambas do grupo banto), e o forro (FO - crioulo de S. Tomé). Os dados das VAP que estão a ser utilizados para esta investigação foram extraídos de corpora do português falado em Angola, Moçambique e São Tomé, recolhidos entre 2008 e 2013; os dados das referidas línguas africanas foram obtidos na literatura disponível (e.g. Chatelain 1888-1889; Ngunga & Simbine 2012; Siteo 2001), num corpus do FO e elicitados junto de falantes nativos. Tendo em conta as diferenças tipológicas entre as línguas bantas, por um lado, e o forro, por outro, e também entre as referidas línguas bantas, que se inserem em subgrupos distintos, este estudo comparativo tem por objetivo compreender melhor se os fenómenos observados nas VAP se correlacionam, e de que forma, com o contacto de línguas ou se são determinados igualmente por princípios que regulam o processo de aquisição (histórica) do português como L2, por exemplo através de processos de reanálise semântica das preposições.

A título de exemplo – e abstraindo-nos de aspetos ligados à variação sociolinguística –, uma análise preliminar dos dados e da bibliografia disponível mostra que, nas três VAP, a preposição em pode introduzir o Alvo dos verbos chegar e ir (e.g. Chavagne 2005; P. Gonçalves 2010; R. Gonçalves 2010), sendo também comuns as preposições a e para, bem como argumentos não preposicionados. As estratégias nas línguas de contacto destas variedades apresentam soluções distintas: um elemento locativo (ku) no QB (e.g. Chatelain 1888-1889); um sufixo locativo (-ini), com um prefixo opcional (á- ou é-) no CH (Siteo 2001), exceto com topónimos endógenos, que requerem o prefixo locativo ka- (Chibutane 2002; Siteo 2001); um argumento não preposicionado no FO (e.g. Hagemeijer 2000, 2004). Estas mesmas estratégias também se aplicam, genericamente, a argumentos com o papel temático de Origem, exceto no FO. No caso dos verbos de movimento que selecionam um argumento Origem, como por exemplo sair, o uso da preposição em é frequentemente atestado no PM e especialmente no PA; no PST, por outro lado, a solução preferida com sair é preposição de, afastando-se do FO, onde ocorre a preposição locativa ni. Com base nestes casos ilustrativos, coloca-se a hipótese de a uniformidade da estratégia na língua de contacto e as semelhanças sintáticas entre esta língua e a VAP poder promover uma maior convergência (e.g. Siegel 2008). O caso paradigmático é o uso generalizado da preposição em no PA, que corresponde, em larga medida, à preposição locativa ku do QB (inclusive com outros papéis temáticos, nomeadamente os Recipientes (Hagemeijer 2016)). Nessa lógica, exploramos a ideia de que uma maior diversidade de estratégias na língua de contacto (e.g. Changana), incluindo um maior afastamento tipológico (e.g. afixos vs. preposições), aliados à própria ambiguidade do input do português (e.g. P. Gonçalves 1990), poderá resultar numa maior difusão das estratégias na VAP.

A adoção de uma perspetiva comparada mostra facilmente que o contacto de línguas não serve como resposta unificadora, sendo necessário, em primeiro lugar, uma análise detalhada dos contextos nas VAP e nas línguas de contacto que leve em consideração, para este caso de estudo, não

apenas a distinção Alvo/Origem, como também, entre outros, o contraste entre verbos de movimento direcionado e de modo de movimento, entre movimento físico e não físico, a duração do movimento e a expressão de locativos inerentes e não inerentes.

Exemplos

- (1) a. estou a chegar aqui no município (PA-corpus)
b. fui no casamento do meu sobrinho (PA-corpus)
c. muita coisa que saiu mesmo na perna (PA-corpus)
- (2) a. nem chega em cemitério (PM-corpus)
b. vou em casa da minha mãe (PM-corpus)
c. sessenta e dois saiu na tropa (PM-corpus)
- (3) a. quando cheguei em São Tomé (PST-corpus)
b. às vezes vamos no Lagoa Azul (PST-corpus)
c. saí de casa de minha tia (PST-corpus)
- (4) a. ki abixidile ku Putu (QB- adapt. de Chatelain 1894: 37)
quando chegou LOC Portugal
'quando chegou a Portugal...'
b. ngiya ku kalunga (QB-elicitado)
1SG.ir LOC 12.mar
'vou ao mar'
c. watundu ku Putu (QB-adapt. de Chatelain 1894)
3SG.sair LOC Portugal
'ele saiu de Portugal'
- (5) a. rhole rifiké áxiváléni (CH-adapt. de Sitoe 2001: 7)
5.bezerro 5.chegar.PST LOC.curral.LOC
'o bezerro chegou ao curral.'
b. Bilá átáya áxikólwni múndzuku... (CH-adapt. de Sitoe 2001: 93)
Bila 1.ir.PRES LOC.escola.LOC amanhã
'Bila irá à escola amanhã...'
c. rhole ríhúmé áxiváléni (CH-adapt. de Sitoe 2001: 7)
5.Bezerro 5.sair.PST LOC.curral.LOC
'o bezerro saiu do curral'
d. Bilá áya áJoní (CH-adapt. de Sitoe 2001: 11)
Bila 1.ir.PRES LOC.Joanesburgo
'Bila vai a Joanesburgo'
e. xibómba xísuké káMátsolo (CH-adapt. de Sitoe 2001: 11)
7.autocarro 7.sair.PST LOC.Matola

- 'o autocarro saiu da Matola'
- (6) a. ê xiga ø awa se (FO-corpus)
 3SG chegar rio DEM
 'ele chegou ao rio.'
- b. ê ba ø matu (FO-corpus)
 'ele foi ao mato'
- c. so sun xê ni tela sun (FO-corpus)
 CON 3SG.FRM sair LOC terra POSS
 'então ele (formal) saiu da sua terra'

Palavras-chave: variedades africanas do português, contacto de línguas, verbos de movimento

Referências

- Cabral, L. 2005. Complementos verbais preposicionados do português em Angola. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Chatelain, H. (1888-1889). Grammatica elementar do kimbundu ou lingua de Angola. Ridgewood, New Jersey: The Gregg Press Incorporated.
- Chavagne, J.-P. 2005. La langue portugaise d'Angola: Étude des écarts par rapport à la norme européenne du portugais. Tese de Doutoramento, Université Lumière.
- Chimbutane, F. 2002. Grammatical functions in Changana: Types, properties and function alternations. Dissertação de Mestrado, The Australian National University.
- Gonçalves, P. 2010. A génese do português de Moçambique. Lisboa: INCM.
- Gonçalves, P. 2013. O português em África. In Eduardo Paiva Raposo et al. (orgs.), Gramática do português, vol. 1, 157-178. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gonçalves, P. & F. Chimbutane. 2004. O papel das línguas Bantu na génese do português de Moçambique: o comportamento sintáctico de constituintes locativos e direcionais. *Papia* 14, 7-30.
- Gonçalves, R. 2010. Propriedades de subcategorização verbal no português de São Tomé. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.
- Hagemeijer, T. 2000. Serial verb constructions in São-Tomense. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Sitoe. 2001. Verbs of motion in Changana. Leiden: CNWS.

DERMEVAL DA HORA, ANDRÉ AMORIM e PEDRO HENRIQUE

Palatalização das Oclusivas Dentais no Português Brasileiro: produção versus percepção

O processo de palatalização das oclusivas dentais no Português Brasileiro, resultante da assimilação regressiva, como em po.[t]e > po.[t]i > po.[tʃ]i “pote” e po.[d]e > po.[d]i > po.[dʒ]i “pode”, tem sido um dos temas da variação fonológica mais abordados por estudiosos de diferentes pontos do Brasil (Bisol, 1986; Hora, 1990; Pagotto, 2002; Abaurre, Pagotto, 2006; Battisti, 2007, 2012; Silva Filho, 2018, etc.). O que todos esses estudos têm em comum é o fato de mostrar que o principal gatilho para tornar a oclusiva dental uma palato-alveolar ou africada é a vogal anterior /i/. Isso ratifica a definição para “palatalização” de Kochetov (2011), segundo a qual esse termo denota um processo fonológico por meio do qual consoantes adquirem articulação palatal secundária ou muda seu ponto primário para a região palatal ou próxima dela. Enquanto fenômeno variável, as oposições po.[tʃ]i ~ po.[t]i e po.[dʒ]i ~ po.[d]i, como demonstram os estudos mencionados, são mais marcadas, principalmente nas regiões nordeste e sul, ao contrário das regiões norte e sudeste. O nordeste brasileiro é onde se encontra a realização dental como sendo a mais produtiva. E foi uma comunidade do nordeste brasileiro, a Paraíba, e, mais especificamente, sua capital, João Pessoa, que serviu de base para a implementação desse trabalho, parte do corpus do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB (Hora, 1993, 2015), duas amostras que permitiram estudos em tempo aparente e em tempo real. É, pois, com base nesses dados, que nos propomos a mostrar a relação entre os resultados de produção das oclusivas dentais dos cinco falantes que foram recontactados, após 22 anos da pesquisa original, e a percepção de ouvintes naturais da comunidade acerca da realização ou não da forma palatalizada. Os resultados do estudo de produção revelam que, vinte e três anos mais tarde, houve um aumento estatisticamente significativo na implementação da forma palatalizada, passando de 1,4% para 4% ($\chi^2(1) = 22,237$, $p < 0,001$, $n = 3237$), como se pode verificar no Gráfico 1. No que se refere à percepção, Amorim (2017) desenvolveu um experimento em que 200 participantes nativos da cidade de João Pessoa tiveram de ouvir pares de pronúncias de 24 itens lexicais. Os estímulos tinham como única diferença a realização de um segmento, ora uma oclusiva dental, ora uma africada. A tarefa dos participantes era de indicar qual das duas pronúncias era a mais característica da sua fala e, depois, a de seu dialeto. Conforme o Gráfico 2, os dados revelam que, apesar de, no geral, os pessoenses demonstrarem reconhecer que a forma não palatalizada é a mais utilizada em sua cidade, eles atribuíram a forma palatal mais a si do que a sua comunidade. Esses achados sugerem que os participantes do estudo têm uma atitude mais positiva quanto ao processo de palatalização. Portanto, o resultado dos estudos de produção e percepção mostram que, apesar de a palatalização das oclusivas dentais ser pouco utilizada, e de, no geral, os pessoenses demonstrarem ter consciência de que falam de maneira semelhante aos membros de sua comunidade de fala, as respostas do experimento sugerem uma atitude mais positiva quanto à forma palatalizada, que não é característica do dialeto pessoense.

Palavras-chave: palatalização, oclusivas dentais, português brasileiro, produção, percepção

VALERIE HORN, ESTHER RINKE E CRISTINA FLORES

Variação dialetal na percepção das vogais centrais [a] e [ɐ] do Português Europeu

The paper aims at providing empirical evidence for dialectal phonological variation concerning the perception of the central vowel [ɐ] in European Portuguese (EP). More concretely, this study compares the perception of the contrast between [a] and [ɐ] by native speakers of two varieties of EP. Based on a discrimination test, the results show that the two groups of speakers differ with respect to the perception of the contrast between the two central vowels under investigation.

The study concentrates on the comparison of the variety of EP spoken in the Braga area and the variety of EP spoken in Lisbon with respect to the perception of the contrast [a] and [ɐ]. The Lisbon dialect is part of the Littoral Center varieties and considered to be the Standard Variety of EP (SEP). The dialect of Braga belongs to the northern dialects and is part of the Baixo Minhoto variety (Cintra 1971; Frota et al. 2015).

In the standard dialect, both [a] and [ɐ] occur in the stressed syllable, e.g. before a nasal consonant (e.g. tom[a]mos - tom[ɐ]mos for the present and past form of the 1st person plural of to take). In contrast, in the northern variety, [ɐ] is restricted to unstressed syllables and considerably less salient than [a] (Barbosa 1965 and 1994; Gonçalves 2008; Martinet 1985). Varanda, Barroso & Rato (2016) provide empirical evidence from a production study, showing that the phonetic variant [a] predominates in the analysed contexts in the Braga dialect and that this realization of the central vowel /a/ in stressed syllables is indeed characteristic of this variety.

Our main research question is therefore: Is there a dialectal difference concerning the perception of [ɐ] and [a] in stressed syllables between the EP speakers from Braga and Lisbon?

Given the results of acoustic studies which have shown that speakers from the Braga region in contrast to speakers from Lisbon differentiate less (or not at all) between [ɐ] and [a] in stressed syllables (Rodrigues & Martins 1999; Rodrigues, Rato & Silva 2014; Delgado-Martins 2002 [1973]; Escudero, Boersma, Rauber & Bion 2009), we expect that they will also differ with respect to the perception of the contrast [ɐ] - [a]. The tendency towards the absence of [ɐ] in production in the Braga dialect suggests that the sound contrast between [ɐ] and [a] in stressed syllable may not (always) be perceived by speakers of this variety.

Our study is based on an online vowel discrimination task which was conducted with the perception tool Percy, developed by the LMU Munich. Test subjects were 23 participants from the Lisbon area and 23 participants from the area around Braga. The task design was based on Darcy and Krüger's (2012) Oddity vowel categorization task: The subjects listened to 60 stimulus sequences, each consisting of three CVC artificial words. For the present study, focused on the oral central vowels, we will analyse the speakers' perception of 28 vowel sequences which contain the target vowels either in contrast to each other or, as control condition, in contrast to the vowel [i]. Out of the 28 sequences, 12 were the test items that only contained the vowel contrast between [a] and [ɐ]. Another 12 sequences served as control items and included a contrast between the target vowels and [i] (i.e. [a]-[i] and [ɐ]-[i]). The remaining four sequences were used as distractors as they contained the same target vowel (catch trials).

The overall results show that participants from Lisbon performed more accurately (92.1%) than participants from Braga (80.1%). The identification rate of the target vowels [a] and [ɐ] is considerably lower for the Braga group (64.9%) compared to the Lisbon group (89.1%). Especially the

Standard Deviation value needs to be highlighted, as it is much higher for the northern Portuguese test subjects (22.9) than for the Lisbon group (10.5).

A binary logistic regression model was applied in SPSS version 26 for statistical analysis. It revealed that the only significant factor for indicating the correct answer is European Portuguese variety.

We conclude that speakers of the two different EP varieties perform differently in discriminating the vowel contrast [a] - [ɐ] in a perception task. We presume that the underlying factor might be a difference in the status of [ɐ] in both varieties resulting in a different language acquisition situation. Although speakers of the northern varieties are exposed to some extent to the vowel contrast [a] and [ɐ] when listening to speakers of the standard language, their production and perception of the contrast is shaped by their exposure to their native dialect where this contrast is less prominent.

Keywords: vowel perception, dialectal phonological variation, perception task

References

- Barbosa, J. M. (1965). *Etudes de Phonologie Portugaise* [The study of Portuguese phonology]. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar.
- Barbosa, J. M. (1994). *Introdução ao estudo da fonologia e morfologia do português* [Introduction to the study of the phonology and morphology of Portuguese]. Coimbra: Almedina.
- Darcy, I. & Krüger, F. (2012). Vowel perception and production in Turkish children acquiring L2 German. *Journal of Phonetics* (40), 568-581.
- Gonçalves, M. (2008). *Fonética e Fonologia do Português* [Phonetics and phonology of portuguese]. Braga: Universidade Católica Portuguesa.
- Martinet, A. (1985). *Elementos de Linguística Geral* [Elements of general linguistics]. 10th ed., translation J. M. Barbosa. Lisboa: Livraria Sa da Costa Editora.
- Rodrigues, C., & Martins, F. (1999). 'Espaço acústico das vogais acentuadas de Braga' [Acoustic space of Braga's stressed vowels], in R. V. Castro & P. Barbosa (Eds.), *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística, 301-317.
- Rodrigues, C., Rato, A., Silva, C. (2014). 'O vocalismo acentuado bracarense: Resultados comparados de três amostras' [Stressed vowels in Braga's speech: Compared results of three samples], in *Livro de Resumos-International Symposium on Variation in Portuguese*. Braga: Universidade do Minho, 11-12.
- Varanda, P.; Barroso, H.; Rato, A. (2016). Estudo acústico de [a] acentuado na fala bracarense [An acoustic study of stressed /a/ in the Bracarense speech]. *Revista Portuguesa de Humanidades/Estudos Linguísticos*, 20-1, 101-135.

SHANYI LAO, CELESTE RODRIGUES E FERNANDO BRISSOS

Nasalização regressiva heterossilábica da vogal /a/ acentuada

Este trabalho, inserido nas áreas da dialetologia e da fonologia, incide sobre a estrutura /a/.C[+nas] (/m/, /n/, /ɲ/) em palavras das categorias nome e adjetivo com base em dados de Portugal Continental recolhidos para o Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG). Utilizamos as palavras da base de dados do ALEPG que contêm a estrutura-alvo, de acordo com a transcrição fonética respetiva feita por dialetólogos da equipa do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Trata-se de um subconjunto dos dados afetados pela nasalização regressiva, uma vez que esta atinge não apenas as diferentes vogais nesta estrutura, mas também as vogais seguidas de N tautossilábico. A nasalização regressiva (heterossilábica) no contexto aqui apreciado é variável em Português Europeu (PE) e no Português do Brasil (Moraes & Wetzels, 1992; Goodin-Mayeda, 2016), embora ainda não tenha sido feita uma descrição exaustiva para o PE. Sendo um fenómeno referido nos primórdios da dialetologia portuguesa, este ocorre associado às regiões do Minho, Trás-os-Montes, Beiras, Alentejo e Algarve, mas não em Lisboa, nem Setúbal segundo Vasconcelos (1901), p. 75-76, §40. Não tendo recebido da parte de Cintra (1971) grande destaque, mais recentemente foi registada a sua ocorrência por Brissos (2015), p. 1008, no centro-sul do país. Alguns trabalhos referem que i) as vogais acentuadas mostram mais nasalização do que as não acentuadas, ii) a vogal antes da consoante /ɲ/ é mais facilmente nasalizada do que nos outros contextos, iii) a vogal /a/ nasalizada nesta estrutura ocorre mais frequentemente do que outras vogais e que iv) a ocorrência do fenómeno varia consoante os dialetos. Tendo por base os dados existentes no ALEPG, procuraremos nomeadamente: i) mapear a existência/frequência da nasalização regressiva heterossilábica da vogal /a/ em Portugal Continental; ii) identificar as variantes fonéticas associadas à estrutura em cada região; iii) clarificar o modo como podemos agrupar as diversas formas fonéticas por processos fonológicos, por ex. fusão de vogais (coanha, c[ʰɔŋ]a), alterações de ponto de articulação das consoantes (pragana, prag[ʰɛŋ]a), inserção de semivogais (roldana, rol[ʰãjŋ]a) e por região; iv) fazer uma proposta de análise fonológica das formas variantes encontradas (por ex. inserção de semivogal [j] em roldana [ʰajn]/[ʰɛŋ]/[ʰãjŋ]/[ʰɛjŋ], inserção de semivogal [w] em tutano [ʰɛwn]/[ʰwɛŋ]), tendo em conta a bibliografia revelante e um mapa que, sendo amostra dos dados, será apresentado e analisado na comunicação.

Palavras-chave: nasalização regressiva heterossilábica, variação, variantes fonéticas, mapa dialetal, análise fonológica

Bibliografia

Atlas Linguístico Etnográfico de Portugal e da Galiza, http://www.clul.ulisboa.pt/en/10_research/680_alepg_linguistic_and_ethnographic_atlas_of_portugal_and_galicia [último acesso: 15/03/2019]

Brissos, Fernando, (2015). Dialectos portugueses do Centro Sul: corpus de fenómenos e

revisão do problema da (des)unidade. Published Online: 2015--11--06 | DOI: <https://doi.org/10.1515/zrp--2015--0071>

Cintra, Luís F. Lindley, (1971). Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego --Portugueses. Boletim de Filologia, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 22, p. 81--116.

- Goodin--Mayeda, C. Elizabeth, (2016). Nasals and Nasalization in Spanish and Portuguese Perception, Phonetics and Phonology. John Benjamins. Amsterdam/Philadelphia.
- Mateus, Maria Helena, Ernesto d'Andrade, (2000). The Phonology of Portuguese. Oxford/New York: OUP.
- Moraes, João Antônio de, e Wetzels, W. Leo, (1992). Sobre a Duração dos Segmentos Vocálicos Nasais e Nasalizados em Português. Um Exercício de Fonologia Experimental. In: Caderno de estudos linguísticos, Campinas, (23):153--166, Jul./Dez. 1992.
- Vasconcelos, José Leite de, (1901). Esquisse d'une Dialectologie Portugaise. Lisboa: CLUL/INIC. 3ª ed., 1987.

XINYI LI, ANA LÚCIA SANTOS e MARIA LOBO

Aquisição de estruturas clivadas por falantes de mandarim que adquirem português europeu como língua não materna

Este trabalho visa estudar a aquisição de estruturas clivadas em português europeu (PE) por aprendentes chineses que têm mandarim como L1 e inglês como L2.

Segundo estudos prévios, o PE exhibe várias estruturas de clivagem (Ambar, 1999; Costa & Duarte, 2001; Lobo, 2006): clivada canónica, clivada-Q, pseudoclivada básica e invertida, clivada de *é*-que e semipseudoclivada.

Embora haja diferentes análises para as estruturas clivadas do português, assumiremos aqui, com Lobo (2006), Soares (2006) e Lobo, Santos & Soares-Jesel (2016), que: i) as clivadas canónicas envolvem movimento do constituinte clivado para uma posição periférica na oração encaixada; ii) nas clivadas de *é* que, esta expressão lexicaliza uma categoria funcional na periferia esquerda da frase; iii) as pseudoclivadas são estruturas identificacionais, em que a oração clivada é semelhante a uma relativa livre; iv) nas semipseudoclivadas, o constituinte clivado está *in situ* e o verbo “*ser*” marca a fronteira da periferia esquerda de vP. Nestas estruturas, embora com restrições nas semipseudoclivadas, quer o sujeito, quer o objeto podem ser clivados. No chinês mandarim (CM), as clivadas, que envolvem o verbo *shì* ‘*ser*’ e movimento interno a IP (Paul & Whitman, 2008), têm propriedades diferentes, para além de exibirem restrições à clivagem do objeto.

Dada a divergência entre o PE e o CM, prediz-se que possa haver dificuldades na aquisição por falantes de CM das estruturas clivadas do PE, em particular as clivadas de objeto que envolvem extração. No entanto, sabendo que o PE é L3 destes falantes, sendo o inglês a sua L2, quer o Modelo da Melhoria Cumulativa (MMC; Flynn, Foley & Vinnitskaya, 2004), quer o Modelo de Primazia Tipológica (MPT; Rothman, 2011) predizem um efeito facilitador do inglês L2 na aquisição de algumas estruturas do PE L3, nomeadamente, as clivadas canónicas e pseudoclivadas, bem como clivadas de objeto em geral.

Para testar a aceitação pelos falantes de L3 de diferentes estruturas clivadas do PE, foram aplicadas duas tarefas de juízo de gramaticalidade, um teste centrado em diferentes clivadas de sujeito e objeto (canónicas, de *é* que, pseudoclivadas e semipseudoclivadas, e ainda clivadas superficialmente idênticas às canónicas mas sem C preenchido), e outro centrado na concordância em clivadas com sujeito plural. Foi usada uma escala de Likert com quatro pontos. O teste foi aplicado a três grupos de falantes do CM (N = 60), subdivididos por nível de proficiência (B1-23; B2-20; C1-17), e a um grupo de controlo de 21 falantes nativos do PE. Adicionalmente, foram aplicados dois testes centrados em clivadas do inglês para examinar a transferência eventual da L2.

A observação global dos resultados mostra que os falantes não rejeitam clivadas de objeto. Os dados foram analisados através de testes de Kruskal-Wallis para cada condição. As clivadas canónicas de sujeito e objeto são aceites pelos participantes independentemente da sua proficiência, seguidas pelas pseudoclivadas. Ao contrário, as clivadas de *é* que de sujeito parecem problemáticas para os grupos de B1 e de B2 por contraste com o grupo de controlo ($p < 0.001$); no caso das clivadas de *é* que de objeto, a surpreendente baixa aceitação por parte do grupo de controlo torna a comparação mais complexa. As semipseudoclivadas e as clivadas sem C preenchido foram uniformemente rejeitadas por todos os aprendentes. Quanto às questões de concordância, analisadas no teste 2, a aceitação de clivadas canónicas sem concordância é sobretudo observada no grupo de B1, mas não nos grupos de B2 e C1 (B1 vs. C1 e B1 vs. controlo, $p < 0.05$). Contudo, a aceitação de pseudoclivadas com

concordância não esperada é persistente em todos os níveis, sendo também atestada no grupo de controlo, embora de forma reduzida (todos os grupos não nativos diferem significativamente do grupo de controlo, $p=0.001$ ou $p<0.001$). Assim, embora os falantes aceitem no 1º teste as clivadas canónicas e pseudoclivadas, não adquiriram completamente a gramática-alvo.

Os resultados apresentados não questionam um possível efeito facilitador da L2, esperado de acordo com o MMC ou com o MPT, uma vez que não se atesta rejeição generalizada de clivadas de objeto nem aceitação de C vazio em clivadas. No caso das clivadas de *é* que e das semipseudoclivadas, exploraremos uma explicação na linha da Hipótese de Reconfiguração de Traços (Lardiere, 2008): a dificuldade dos falantes poderá ser associar um traço [+foco] à expressão *é* que e ao “*ser*” nas semipseudoclivadas. Quanto aos problemas de concordância em pseudoclivadas e em clivadas canónicas, discutiremos até que ponto os falantes tomam as clivadas canónicas como estruturas que envolvem extração do constituinte clivado e as pseudoclivadas como estruturas identificacionais.

Palavras-chave: aquisição da língua não materna, sintaxe, estruturas clivadas

Referências bibliográficas

- Ambar, M. (1997) The Syntax of Focus in Portuguese - a unified approach, ms. Universidade de Lisboa.
- Cheng, L.L.-S. (2008) Deconstructing the shi...de construction. *Linguistic Review* 25 (3/4), 235–266.
- Chomsky N. (1995) The Minimalist Program. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Costa, J., Duarte I. (2001) Minimizando a Estrutura: uma Análise Unificada das Construções de Clivagem em Português. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL/Colibri, pp. 627-638.
- Flynn, S., Foley C. & Vinnitskaya, I. (2004) The Cumulative-Enhancement Model for Language Acquisition: Comparing Adults' and Children's Patterns of Development in: First, Second and Third Language Acquisition of Relative Clauses, *International Journal of Multilingualism*, 1:1, 3-16, DOI: 10.1080/14790710408668175
- Hole, D. (2011) The deconstruction of Chinese "shì... de" clefts revisited. *Lingua* 121 (11), 1707-1733
- Huang, C., Li, Y., & Li, Y. (2009). The Syntax of Chinese (Cambridge Syntax Guides). Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9781139166935
- Kiss, K. É. (1998). Identificational Focus versus Information Focus. *Language* 74, 245– 273.
- Lardiere, D. (2008). Feature assembly in second language acquisition. In: *The role of formal features in second language acquisition*. 106-140.
- Lobo, M. (2006). Assimetrias em construções de clivagem do português: movimento vs. geração na base. in: Fátima Oliveira & Joaquim Barbosa (orgs). XXI Encontro Nacional da APL. Textos Seleccionados. Lisboa: APL/Colibri, pp. 457-473.
- Lobo, M., A. L. Santos & C. Soares (2012) Aquisição de estruturas clivadas no português europeu: produção espontânea e induzida. A. Costa, C. Flores & N. Alexandre (eds.) Textos Seleccionados. XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL.
- Lobo, M.; Santos, A. L. e Soares-Jesel, C. (2016). Syntactic structure and information structure: the acquisition of portuguese clefts and be-fragments. *Language Acquisition*, [online] 23(2), pp.142-174.

- Madeira, Ana (2017). Aquisição de língua não materna. In: M. J. Freitas e A. L. Santos, orgs., A aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do Português. 1.^a ed. Berlim: Language Science Press, pp.305-330. ISBN 978-3-96110-016-3.
- Mendes, A., Antunes S., Janssen, M. & Gonçalves, A. (2016) The COPLE2 Corpus: A Learner Corpus for Portuguese. In: Proceedings of the Tenth Language Resources and Evaluation Conference – LREC’16, 23-28 May 2016, Portoroz, Slovenia, 3207-3214.
- Paul, W., Whitman, J. (2008) Shi...de focus clefts in Mandarin Chinese. *Linguistic Review* 25 (3/4), 413–451.
- Paul, Waltraud. (2009) Consistent disharmony: Sentence-final particles in Chinese. Manuscript, CRLAO/CNRS.
- Rothman, J. (2011). L3 syntactic transfer selectivity and typological determinacy: The typological primacy model. In: *Second Language Research*, 27, 107–127.
- White, L. (2003). *Second Language Acquisition and Universal Grammar* (Cambridge Textbooks in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511815065

KÁTIA LOPES

Discursos de tomada de posse presidencial e construção dos objetos discursivos. Brasil e Portugal nos tempos da democracia

O objetivo desta comunicação é apresentar a nossa investigação, no âmbito da dissertação de doutoramento em análise do discurso que estamos a realizar.

Definimos como objeto da nossa análise os Discursos de Tomada de Posse Presidencial, em Portugal e no Brasil. O corpus selecionado para análise é constituído por dezesseis Discursos de Tomada de Posse dos Presidentes eleitos democraticamente em Brasil, de 1990 até 2015 e em Portugal, de 1976 até 2016. Numa perspectiva comparada, nosso trabalho pretende identificar, descrever e explicar a construção dos objetos de discurso mais frequentes nos discursos dos presidentes brasileiros e portugueses, a partir da análise do processo de referenciação que se estabelece centralmente no discurso. O quadro teórico se constitui dos postulados da Análise Textual dos Discursos – ATD (Adam, 2011), teoria que originou-se da ideia de reunir os estudos da Linguística Textual (LT) aos pressupostos da Análise do Discurso (AD), ou melhor na análise dos discursos tal como é desenvolvida atualmente, em diálogo com os estudos sobre argumentação no discurso - Amossy (2007, 2012, 2018 [2018] e com a abordagem enunciativa dos Pontos de Vista (PDV) - Rabatel (2005, 2007, 2016, 2018). Destacamos ainda, a dupla contribuição dos estudos de Charaudeau (2002, 2005, 2008, 2009, 2010, 2016) acerca do gênero textual discurso político e de Maingueneau (1993, 2006, 2015), assim como, os contributos teóricos de Benveniste (1989) em razão da centralidade da problemática da enunciação na análise linguística dos discursos. No que concerne à problemática da referenciação, central para o nosso trabalho, destacamos os textos de Mondada (2001, 2002, 2005, 2003). Quanto aos aspectos metodológicos, para além da vertente comparativa acima referida, trata-se de uma pesquisa documental e, por se tratar de uma pesquisa que analisa o discurso em situação, ou seja, em contexto real de produção, segue os procedimentos da pesquisa qualitativa de base descritiva.

Palavras-chave: discursos de tomada de posse presidencial, género de discurso, argumentação, referenciação, PDV

A aquisição L2 do gerúndio composto em orações adjuntas do português europeu

O objetivo deste trabalho é apresentar um primeiro estudo exploratório sobre a aquisição das propriedades sintáticas e semânticas do gerúndio composto (tendo + particípio passado; doravante GC) por falantes não nativos de português europeu (PE).

Em orações adjuntas, o GC nas línguas românicas tipicamente expressa uma relação de anterioridade entre a situação descrita pela oração matriz e pela gerundiva, como exemplificado em (1). No entanto, em PE, o GC pode estar associado a interpretações de inclusão temporal, posterioridade e relações temporalmente não especificadas (cf. Leal 2001; Móia & Viotti 2004, 2005; Lobo 2006; Cunha et al. 2008; López 2019, e.o.), como ilustrado em (2). A disponibilidade deste GC de não anterioridade distingue o PE de outras línguas românicas, como o castelhano, o francês ou o galego, em que apenas o GC associado a relações temporalmente não especificadas (além do GC típico de anterioridade) é permitido (López 2019).

No material didático para o ensino de português como língua estrangeira (PLE), o gerúndio composto é introduzido no nível C1 (Instituto Camões 2017). Contudo, no programa oficial de PLE do Instituto Camões refere-se que a forma composta expressa uma “ação concluída antes da ação expressa pelo verbo da oração principal” (ibid.), isto é, apenas é mencionado o valor de anterioridade desta forma. Tanto quanto sabemos, os valores de não anterioridade não são ensinados explicitamente segundo os guiões e livros de acompanhamento a que tivemos acesso. Por este motivo, colocou-se a questão de os aprendentes de PLE conseguirem adquirir todas as propriedades sintáticas e semânticas desta forma ou não.

Para responder a esta pergunta, numa primeira fase, analisámos a ocorrência do GC nos quatro maiores corpora de PLE (Mendes et al. 2016): CAL2 (1380 textos, 281.301 tokens), COPLE2 (966 textos, 156.691 tokens), PEAPL2 (629 textos, 142.171 tokens), and Recolha de dados de PLE (470 textos, 70.500 tokens), isto é, um total de 3445 textos e 650.663 tokens. Nestes corpora apenas foram encontradas 14 ocorrências do GC, das quais apenas 9 ocorreram em orações adjuntas. Crucialmente, todos estes casos eram exemplos do GC de anterioridade, como exemplificado em (3). Concluímos, portanto, que nos quatro corpora sob análise o GC de não anterioridade não é atestado. Convém salientar ainda que a maioria das ocorrências se encontraram no nível B1, isto é, num nível em que a forma composta ainda não foi explicitamente ensinada. Isto poderia ser indício ora de um tipo de transferência da L1 ou de outra L2 do falante, ora de uma aquisição naturalística desta forma. A ausência do GC de não anterioridade nos corpora poderia indicar um efeito de fossilização, ou seja, que os falantes de PLE, de facto, não adquirem o leque completo das propriedades sintáticas e semânticas desta forma verbal. Uma explicação alternativa desta ausência observada pode ser o facto que o GC – mesmo na fala nativa – ser um fenómeno restrito a um registo e tipo textual específico (ocorre sobretudo em textos jornalísticos) e que este tipo textual é sub-representado nos corpora consultados.

Por este motivo, numa segunda fase, optou-se por aplicar o teste experimental desenhado e utilizado em López (2019) a alunos de PLE no Instituto de Cultura e Língua Portuguesa da Universidade de Lisboa. Este teste exploratório visa aferir a aceitação do GC com as quatro interpretações temporais possíveis, tanto com sujeito nulo como com sujeito lexicalmente realizado na gerundiva. Este teste de aceitabilidade, que teve em conta o nível, a L1, assim como o conhecimento linguístico explícito do aluno, mostrou que (i) mesmo os alunos de níveis mais elevados não parecem ter adquirido todos os valores temporais do GC, (ii) por vezes, os resultados nos níveis mais elevados são piores que nos níveis mais baixos e (iii) a presença de uma forma semelhante ao GC na L1 dos alunos (ex. línguas românicas, por oposição ao chinês) parece ter um impacto na aquisição do GC.

- (1) A Ana saiu de casa, tendo tomado o pequeno-almoço.
(2) A Ana saiu de casa, tendo ido diretamente ao aeroporto.
(3) Finalmente depois de ter escritas todas estas líneas com um discurso totalmente inconexo, sem coerencia nenhuma, e tendo falado só de "eu", acho qe é um bom momento para deixar de escrever com a esperança de ter escrito pelo menos 250 palavras.
(texto original do aluno, tirado do COPLE2, es011CVATF, nível B2)

Palavras-chave: gerúndio composto, orações adjuntas, relações temporais, aquisição L2, PLE

Referências bibliográficas

- Cunha, L. F. et al. (2008). Relações Retóricas e Temporais em Construções Gerundivas Adverbiais, in F. Oliveira e I. Duarte, O Fascínio da Linguagem: Homenagem a Fernanda Irene Fonseca (Actas do Colóquio), Porto, pp. 265-276.
- Instituto Camões (2017). Referencial Camões PLE - Português Língua Estrangeira (online version). Lisbon: Camões, Instituto da Cooperação e da Língua I.P. Available at http://www.instituto-camoes.pt/?option=com_content&view=article&id=18552 [19/07/2018].
- Leal, A. (2001). O valor temporal das orações gerundivas em português. MA dissertation, Universidade do Porto.
- Mendes, A. et al. (2016). The COPLE2 Corpus: A Learner Corpus for Portuguese. In: Proceedings of the Tenth Language Resources and Evaluation Conference – LREC'16, 23-28 May 2016, Portoroz, Slovenia, pp. 3207-3214.
- Móia, T. & E. Viotti (2005). Sobre a Semântica das Orações Gerundivas Adverbiais, in Actas do XX Encontro Nacional da APL (Lisbon, 13-15 October 2004), Lisboa: APL, pp. 715-729.
- Móia, T. & E. Viotti (2004). Differences and Similarities between European and Brazilian Portuguese in the Use of the «Gerúndio», in Journal of Portuguese Linguistics 3.1, pp. 111-139.
- Lobo, M. (2013). Subordinação adverbial. In E. P. Raposo, Bacelar do Nascimento, Maria Fernanda, A. Coelho da Mota, L. Seguro, and A. Mendes (Eds.), Gramática do português, Volume II, Lisbon: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 1981-2057.
- Lobo, M. (2006). "Dependências temporais: a sintaxe das orações subordinadas gerundivas do português", in Veredas – Revista de Estudos Linguísticos, v. 10, nº 1 e 2.
- López, V. (2019). The non-anteriority compound gerund and its licensing conditions. MA dissertation. University of Lisbon.

DANIEL MARCELO, LEONEL GARCIA-MARQUES e INÊS DUARTE

Como nos julgamos automaticamente? O papel da Linguística na Cognição Social

As IET (Inferências Espontâneas de Traço) são um dos processos mais estudados na área da Cognição com mais de 50 anos de investigação (desde Asch, 1946) em vários contextos e sob diferenciados pontos de vista. Resumindo, este processo explica como é que nós, após obtermos contacto com informação de um comportamento conseguimos automaticamente atribuir traços de personalidade dos intervenientes desses comportamentos, mesmo quando não existe indicação para tal. Por isso é que quando lemos uma frase (1) rapidamente atribuímos um traço de personalidade de “caridoso” ao Pedro, mesmo sem a frase o dizer explicitamente (a história de investigação deste efeito pode ser encontrada em Uleman & Kressel, 2013).

Em 2016, pela primeira vez, foi feito um estudo para se ter em conta uma perspetiva linguística deste efeito. O pressuposto era que as metodologias usadas para estudar este efeito usam frases descritivas de comportamento e, será aí que reside a informação, ainda que implícita, para a IET. No entanto, os corpora utilizados para tal eram diversificados (semântica e sintaticamente), extensos e complexos. A complexidade das frases ia desde frases como (2) até frases como (3). Então, procedeu-se a um estudo que usava um corpus linguisticamente controlado que foi também analisado na sintaxe e semântica (usando parâmetros de Raposo, 2016) – tendo resultados positivos em obter IET – e a inserção de um modificador de grupo verbal adverbial, nomeadamente advérbios de modo acabados em -mente (Costa, 2008) em posição pós-verbal (Costa, 1998), para verificar como é que os sujeitos mudavam e geriam a informação de forma a haver uma IET.

Os resultados foram elucidativos, mostrando que não só os sujeitos são sensíveis ao advérbio inserido (e ao traço que o acompanhava), como também seguem as regras do processamento sintático e semântico, opondo-se a incongruências de significados e mantendo o traço do verbo como o ponto de partida para a IET. Ou seja: se o verbo transmitisse o traço “violento” e o advérbio um traço “calmo”, como o verbo tem primazia no significado da frase, os participantes mantinham esse traço. Demonstrou-se ainda que quanto mais atributiva fosse a interpretação do advérbio de modo ao Sujeito da frase, mais forte era a IET, mostrando mais uma vez o peso da Semântica.

A junção da Linguística e da Cognição Social irá permitir-nos chegar a algumas questões importantes que poderão ter também indícios pertinentes aos estudos linguísticos. Atualmente, está a ser feita uma análise semântica, sintática e fonológica de três corpora portugueses usados nesta área; está a ser preparada uma revisão de literatura sobre efeitos de ERP juntando os processamentos linguísticos na leitura e aquilo que atualmente se sabe sobre o funcionamento das IET no cérebro; a construção de um modelo teórico, o primeiro até agora, baseado em premissas e observações linguísticas; e, finalmente, um estudo que opõe a sintaxe e a semântica neste processo, usando frases passivas e medindo a IET numa situação de Sujeito e Complemento verbal vs. Agente e Paciente.

Exemplos:

(1) O Pedro ajudou a Carla

(2) O João entornou o café. (traço implicado: desastrado)

(3) A Mafalda candidatou-se ao mesmo curso superior durante três anos seguidos antes de conseguir entrar tal como a grande maioria dos outros candidatos ao seu curso. (traço implicado: estudiosa)

Palavras-chave: linguística, cognição social, sintaxe, semântica, inferência

Referências Bibliográficas:

Asch, S. (1946). Forming impressions of personality. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 41, 258–290.

Costa, J. M. (1998). Word order variation. A constraint-based approach. The Hague: Holland Academic Graphics.

Costa, J. M. (2008). O advérbio em português europeu. Lisboa: Edições Colibri.

Raposo, E., Nascimento, M., Mota, M., Segura, L., & Mendes, A. (2013). Gramática do Português, Volume I & II. Lisbon: Fundação Calouste Gulbenkian.

Uleman, J. S. & Kressel, L. M. (2013). A brief history of theory and research on impression formation. In D. E. Carlston (Ed.), *Oxford handbook of social cognition* (pp. 53-73). New York, NY: Oxford University Press.

ISABELLE SIMÕES MARQUES

“Les gilets jaunes triompheront”: análise discursiva e semiótica de grafitis nas ruas de Paris

O estudo que nos propomos desenvolver está ancorado na perspetiva linguístico-discursiva, embora convoque noções do âmbito da sociologia, da análise (crítica) do discurso e da linguística textual (enunciador, deixis pessoal, dialogismo, polifonia, intertextualidade), da retórica e, ainda da antropologia.

Dada a pluralidade de universos simbólicos associados aos discursos que serão objeto da nossa análise, é nosso objetivo mostrar que os escritos veiculados nos grafitis, assumem um caráter transgressivo. Por outro lado, a estas práticas discursivas e semióticas, ficam subjacentes valores, visões do mundo, rituais, manifestações de pertença individual ou coletiva que visam agregar identidades individuais e sociais e que são comprovadamente similares.

A estas formas textuais e icónicas de exposição subordina-se uma intenção (reivindicada) de «marcação e realização identitária», visando um diálogo intra e interpessoal, bem como uma lógica de ostentação e de interpelação, ancoradas numa dinâmica de diferenciação.

A natureza permanente e irreversível destes escritos contribui para que adquiram valores de durabilidade identitária, sendo o sujeito enunciador seu inalienável proprietário, que deixa as marcas da sua rebeldia ou autenticidade, da sua ousadia ou da assunção da diferença.

Neste sentido abordaremos a questão da atração que os muros e as paredes das cidades exercem para a expressão verbo-icónica de manifestações mais ou menos radicais de rebelião, cujo objetivo primeiro parece ser a contestação do poder político ou social vigente, mas que subrepticiamente configuram formas de expressão de pertença e diferenciação social, assumindo-se como guardiões de memórias.

Palavras-chave: grafitis, ideologia, violência, análise discursiva e semiótica

Referências

- Campos, Ricardo (2014) A luta voltou ao muro, *Análise Social*, 212, xlix (3.º).
- Ramallo, Fernando & BARCIA, Susana. (2015). Graffiti y conflicto lingüístico: el paisaje urbano como espacio ideológico, *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, 25, p. 131-153.
- Ramos, C. M. Antonacci (2002). Dos grafites às tatuagens/ da cidade ao corpo: o imaginário político de jovens partindo de expressões visuais desde os anos 70, *Projecto História*, 25, p.115-124.

GABRIELA MATOS E PATRÍCIA RODRIGUES

Orações paratáticas de Que-conjuntivo

1. Objeto e objetivos. As orações iniciadas pela forma conjuncional que têm sido classificadas, de acordo com o seu grau de integração gramatical, como casos de hipotaxe (1), parataxe (2), ou insubordinação, no sentido de Evans (2007, Extepare 2014, Gras & Sansineña 2015) i.e., orações independentes com um marcador de subordinação que visa manter a conexão discursiva entre os interlocutores (3).

Analisaremos os casos em (2a) e (2b), o último bastante negligenciado em Português. Procuraremos mostrar que apesar das diferenças de interpretação, as orações-Que em (2) partilham o mesmo comportamento paratático, que as diferencia dos casos em (1) e (3).

2.Diferenças. A oração-Que em (2a) é tradicionalmente incluída nas explicativas causais, pelo seu valor e a consequente possibilidade de que comutar com porque, (4). Porém, a oração-Que em (2b) não tem um valor causal, como mostra a alteração de sentido decorrente da comutação de que com porque em (5), explicitando antes a consequência ou resultado da situação expressa ou inferida a partir da oração precedente, como indica a possibilidade de parafrasear (2b) pela frase complexa (6). Designaremos orações como (2b) orações-Que de resultado.

As orações-Que de resultado em Português diferem das subordinadas predicativas de resultado em Espanhol, classificadas como consecutivas (Demonte & Masullo 1999), porque não exibem uma expressão de grau ou quantificadora implícita ou explícita, (7a) vs.(7b).

3. Semelhanças. As orações-Que explicativas causais e resultativas têm um estatuto híbrido entre a hipotaxe e a parataxe: Exibem propriedades de subordinação — que introduz frases finitas e apenas seleciona TPs (2), e a oração-Que não admite gapping (8).

Apresentam igualmente propriedades típicas das construções paratáticas (entre as quais a coordenação) — têm uma posição fixa na frase, não podendo preceder a frase com que estão relacionadas (9) e não são facilmente coordenáveis com orações idênticas, (10).

Assim, embora no escopo de que as orações-Que se comportem como subordinadas, estabelecem com a oração com que estão associadas uma relação paratática.

4. Proposta. As orações-Que explicativas e de resultado são parentéticas: relativamente à expressão hospedeira, têm autonomia prosódica, correspondem a informação secundária, podem frequentemente ocorrer como “parentéticas flutuantes”, (2) e (11), e bloqueiam c-comando – e.g., em (12), a negação frásica da hospedeira não tem escopo sobre a oração-Que, daí resultando uma anomalia pragmática.

Com Colaço & Matos (2016), adotamos a análise das parentéticas de Vries’ (2012), segundo a qual as parentéticas são adjungidas ao seu hospedeiro como uma projeção funcional específica, ParP*, que inicia um novo domínio prosódico e bloqueia c-comando do hospedeiro. A oração-Que é inserida como complemento do núcleo de ParP, (13):

5. Observações finais. Assumimos que as diferentes interpretações das orações-Que analisadas, explicativa causal ou resultativa, se devem em grande parte ao diminuto conteúdo semântico da forma que, designada Que-conjuntivo, entre outros, por Corr (2016) e Extepare (2014), autores que admitem que este conector está igualmente presente nos casos de insubordinação, como (3). No entanto, embora a forma que nas orações explicativas e de resultado no Português tenha essencialmente um valor conjuntivo e seja fundamentalmente motivada pelo desejo do locutor de manter o fluxo conversacional (Corr 2016), não está ainda completamente gramaticalizada. Não funciona, assim, como um conector meramente discursivo, capaz de legitimar uma oração raiz insubordinada, como ilustrado em (14).

Consideramos, pois, que o principal contributo de Que-conjuntivo em Português é o de indicar que a oração que introduz deverá ser conectada com a oração com que está relacionada.

Exemplos

- (1) Ele disse que arrumava o dicionário.
- (2) a. Dê-me esse dicionário, que eu quero {arrumá-lo (PE) /arrumar (PB)} na estante.
b. Dê-me esse dicionário, que eu arrumo na estante.
- (3) Que viene (Espanhol) '(Ele/Ela) vem.'
- (4) Dê-me esse dicionário, que/ porque eu quero arrumá-lo na estante.
- (5) Dê-me esse dicionário, que/#porque eu arrumo na estante.
- (6) Se você me der esse dicionário, eu {arrumo-o (PE)/arrumo (PB)} na estante
(cf.(2b))
- (7) a. Salió da la bañera [-] que semejaba una sirena.
saiu da banheira de tal modo que parecia uma sereia
b. *Dê-me esse dicionário {de tal modo/ tanto} que eu arrumo(-o) na estante.
- (8) *Eles estão em casa, que as luzes [-] acesas.
- (9) a. *Que eu quero {arrumá-lo (PE)/arrumar (PB)} na estante, dê-me esse dicionário. (cf.(2a)).
b. *Que eu arrumo na estante, dê-me esse dicionário. (cf. (2b))
- (10) *Dê-me esse dicionário, que eu arrumo na estante e que não se fala mais do assunto.
- (11) Dê-me depressa, que eu arrumo na estante, esse dicionário de Inglês-Português.
- (12) #Não me dê esse dicionário, que eu arrumo na estante.
- (13) [XP XP [ParP* Par CPque]]
- (14) [Situação: Alguém (A) dá um dicionário a outrem (B).] B: #Que eu arrumo na estante.

Palavras-chave: orações-Que, Que-conjuntivo, parataxe, orações causais explicativas, orações de resultado

Referências

Colaço, M. & G. Matos. 2016. Explicative clauses in Portuguese as a case of parentheses. Romance Language and Linguistic Theory, Carrilho et al. eds. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

- Corver, N. 1997. The internal syntax of the Dutch extended adjectival projection. *Natural Language and Linguistic Theory* 15:89-368.
- Corr, A. 2016. Ibero-Romance and the syntax of the utterance. PhD thesis. Cambridge University.
- Demonte, V. & P. Masullo (1999) La predication: los complementos predicativos In *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Vol.2. Bosque, I & V.Demonte eds. Madrid: Espasa
- Evans, N. 2007 Insubordination and its uses. In *Finiteness: Theoretical and Empirical Foundations*, I. Nikolaeva (ed.), 366–431. Oxford: OUP
- Extépare, R. 2014. Coordination and Subordination. In *The Handbook of Hispanic Linguistics*. Wiley-Blackwell.
- Giusti, Giuliana. 1991. Le frase consecutive. In L. RENZI and G. SALVI (eds.) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*, volume II. Bologna: Il Mulino.
- Gras & Sansineña, 2015 An interactional account of discourse-connective que-constructions in Spanish. *Text & Talk* 35(4): 505–529
<https://hdl.handle.net/10067/1265690151162165141>

AMÁLIA MENDES, PIERRE LEJEUNE E CAROLINA NUNES

Perguntas-respostas em textos escritos: uma análise no âmbito das relações discursivas

Os pares pergunta-resposta estão tipicamente associados a contextos de oralidade e a atos de fala diretivos, no entanto ocorrem também com alguma frequência em textos escritos, com diversas funções (por exemplo, perguntas no âmbito de entrevistas transcritas em notícias de jornal ou perguntas retóricas com uma função assertiva). O nosso objetivo é analisar contextos de português escrito (extraídos do corpus CRPC) no âmbito de um projeto de constituição de um corpus anotado com relações discursivas, isto é, relações conceptuais que se estabelecem, a nível intrafrásico ou interfrásico, entre elementos proposicionais, como a relação de CAUSA, EXPANSÃO, CONTRASTE (Prasad et al., 2008).

Os pares de pergunta-resposta foram tratados de formas um pouco diferentes em várias teorias discursivas. No âmbito da Segmented Discourse Representation Theory - SDRT (Asher e Lascarides, 1988), consideram-se 3 valores de topo na lista de relações retóricas: Question-Answer Pair, Question-Elaboration e Question-Clarification (Asher et al., 2016; 2017); a Rhetorical Structure Theory - RST (Mann e Thompson, 1986; Carlson e Marcu, 2001) inclui, na sua tipologia, as relações Question-Answer (com subtipos de acordo com a localização do núcleo e do satélite), e ainda uma categoria Rhetorical-Question. No âmbito do Penn Discourse Tree Bank 3.0 (PDTB3) (Webber et al., 2019) e do TED-MDB (Zeyrek et al., 2016), os pares pergunta-resposta produzidos por um único autor são considerados um novo tipo de relação discursiva, Hypophora, uma figura de estilo pragmática com uma função fática em que o mesmo enunciador coloca a pergunta e responde (Lanham, 1991; Mayoral, 1994).

Para uma análise das relações discursivas que se estabelecem entre pergunta e resposta, teremos em consideração:

(i) A natureza da pergunta. Podemos tomar uma definição restrita do conceito de pergunta, como sendo um pedido ou a manifestação de um desejo de informação dirigido por um dos locutores ao seu interlocutor (cf. exemplo (1) – exemplos no anexo), mas a definição tem sido alargada para incluir perguntas retóricas que têm uma função assertiva e perguntas postas e respondidas por um único locutor, que não são portanto um pedido de informação e que apresentam por vezes um grau elevado de certeza em relação à proposição, o que leva a propor uma partilha de propriedades com as verdadeiras perguntas retóricas (2) (Grésillon and Lebrave, 1984). A natureza global vs. parcial da pergunta é ainda outro aspeto a ter em conta.

(ii) a natureza da resposta. À semelhança do ponto (i), a resposta consistiria em providenciar a informação solicitada, definição ainda assim limitada, pelo que se inclui frequentemente no conceito de “resposta” os segmentos linguísticos que seguem a pergunta, incluindo casos de não reposta (a resposta não é conhecida ou são feitos comentários à pergunta, cf. (3)) (Grésillon e Lebrave, 1984).

(iii) a existência de um ou dois locutores, e ainda o conceito de enunciador. Na nossa análise, iremos organizar os dados distinguindo entre os contextos verdadeiramente interacionais, que envolvem duas entidades, e contextos com um único locutor (dupla locução, cf. Grésillon e Lebrave (1984)), embora os dados mostrem que a distinção nem sempre é óbvia. Por exemplo, em (4), não é claro se a pergunta fez parte da interação real entre o entrevistador e o entrevistado ou se constitui um relato indireto da fala do entrevistado. Um único locutor pode ainda convocar vários enunciadores (Ducrot, 1972), com pontos de vista partilhados ou opostos.

(iv) a função do par pergunta-resposta em termos de relação discursiva, isto é, de que forma o par-pergunta resposta contribui para a coesão e coerência e que funções desempenha. Esta análise não pode deixar de ter em conta os pontos acima referidos. Podemos considerar o par como um tipo específico de valor de relação discursiva (Question-Answer), à luz de propostas como a SDRT ou RST, para situações em que existe resposta a um pedido de informação? Mas será esse o único valor de relação discursiva? Repare-se que certos pares de pergunta-resposta veiculam

igualmente valores de MODO, CAUSA (veja-se (4)) e de introdução de TÓPICO (veja-se (5)), podendo a pergunta constituir um elemento de rutura para introduzir um novo desenvolvimento do tópico, sendo então uma interação construída com uma função estrutural. Em situações de locutor único, será necessário distinguir o tipo de pergunta-resposta e dar conta de uma relação específica de Hypophora, à semelhança do PDTB3?

No seguimento da análise de vários pares pergunta-resposta, pretende-se apresentar uma proposta de tratamento destes contextos no âmbito do enquadramento teórico do PDTB, aplicado ao português.

Palavras-chave: análise do discurso, relações discursivas, pares pergunta-resposta

Referências

- Asher, Nicholas, J. Hunter, M. Morey, B. Farah, S. Afantenos (2016) Discourse structure and dialogue acts in multiparty dialogue: the STAC corpus. In The Tenth International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC 2016).
- Asher, Nicholas e A. Lascarides (1988) The semantics and pragmatics of presupposition. *Journal of Semantics*, 15(2):239-299.
- Asher, Nicholas, Philippe Muller, Myriam Bras, Lydia Mai Ho-Dac, Farah Benamara, Stergos Afantenos, Vieu, Laure (2017) ANNODIS and related projects: Case studies on the annotation of discourse structure. In Ide, Nancy and James Pustejovsky, editors, *Handbook of Linguistic Annotation*, pages 1241–1264. Springer.
- Borillo, Andree (1981) Quelques aspects de la question rhétorique en français. *DRLAV*, 25.
- Carlson, L. e D. Marcu (2001) Discourse tagging reference manual. Technical Report ISI-TR-545.
- Ducrot, Oswald (1972) *Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique*. Hermann.
- Grésillon, Almuth e Jean-Louis Lebrave (1984) Qui interroge qui et pourquoi? In *La langue au ras du texte*, pages 57–132. Presses Universitaires de Lille.
- Lanham, Richard (1991) *A Handlist of Rhetorical Terms*. University of California Press, Berkeley.
- Mann, William C. e Sandra A. Thompson (1988) Rhetorical Structure Theory: Toward a functional theory of text organization. *Text*, 8(3):243–281.
- Mayoral, José António (1994) *Figuras Retóricas*. Editorial Sintesis, Madrid.
- Prasad, Rashmi, Nikhil Dinesh, Alan Lee, Eleni Miltsakaki, Livio Robaldo, Aravind K Joshi, Bonnie L Webber (2008) The penn discourse treebank 2.0. In LREC.
- Therkelsen, Rita (2009) Comment identifier une question polyphonique, *Langue française*, 4(164), pp 113 à 122.
- Webber, Bonnie, Rashmi Prasad, Alan Lee, Aravind Joshi (2019) The Penn Discourse Treebank 3.0 annotation manual. Technical report, Institute for Research in Cognitive Science.
- Zeyrek, Deniz, Amália Mendes, Murathan Kurfalı (2018) Multilingual extension of PDTB-style annotation: The case of TED Multilingual Discourse Bank. In LREC.

Anexo: exemplos do Corpus de Referência do Português Contemporâneo

<http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/>

(1) A. **E como se vão defender os agricultores do quase certo desastre que se avizinha?**

B. **"Em Trás-os-Montes, os seguros de colheita quase não existem, porque as companhias fogem a isso ou só os fazem se forem acompanhados por seguros de outro tipo".** (pu92205)

(2) Manuel Baptista, pastor da povoação de Suções, perto de Mirandela, confessou-nos que nunca viu ano como este: "Não há água nem há que comer para elas" - e apontou para as 130 ovelhas do rebanho à sua guarda - "nem para a gente. Olhe que até comem os ramos das oliveiras, senhor! "Os bovinos não terão melhor sorte. As forragens não duram sempre e pasto quase não há." **O senhor viu as vacas na televisão, que não se podiam levantar com a fraqueza? É o que vai acontecer aqui", concluiu Manuel Batista.** (pu92205)

(3) PÚBLICO - **Em sua opinião, quais são os principais obstáculos à melhoria das previsões meteorológicas? (...)**

GODWIN OBASI - Antes de mais, deixe-me dizer-lhe que as previsões meteorológicas de curto e médio prazo (respectivamente de 1-3 dias e 4-10 dias) melhoraram enormemente a sua qualidade nos últimos anos. (pu92214)

(4) Isto é, espera-se da natureza o milagre de fazer cair dos céus, nas próximas dez semanas, sensivelmente o dobro da água dos últimos três meses. **Mas ... chover como? A água não pode cair de qualquer maneira.** "É bom que chova bem, forte, durante três semanas, por exemplo, mas não em grandes bátegas" (...), explicou Nuno Moreira." (pu92205)

(5) desta observação poderás deduzir que existem áreas favoráveis e áreas desfavoráveis à presença do Homem. - **Quais as razões deste facto? Vamos procurá-las através de um estudo pormenorizado de cada continente. 2.1 Europa** (geo9)

MARA MOITA E MARIA LOBO

Compreensão e Produção Oral de Frases Passivas do Português Europeu por Crianças Surdas com Implante Coclear

Na literatura, tem sido evidenciado que a privação auditiva durante o período crítico para a aquisição da linguagem se reflete em dificuldades na aquisição sintática, em particular de dependências com movimento sintático (1, e.o.). No entanto, encontram-se diferentes resultados quanto à compreensão de dependências com movimento-A. Se, em alguns estudos, a compreensão de frases passivas agentivas se apresenta difícil para a população com surdez sem dispositivos auditivos em tarefas de leitura (2, 3, 4), em outros estudos, as crianças surdas com dispositivos auditivos têm resultados semelhantes aos das crianças ouvintes tanto na compreensão oral destas estruturas (5) como no seu processamento quando inseridas em interrogativas-Q (6).

A literatura sobre a compreensão de frases passivas na população ouvinte com desenvolvimento típico refere que, aos 3 anos de vida da criança, algumas destas estruturas já são compreendidas, e que outras (em particular, frases passivas com verbos não agentivos) são compreendidas por volta dos 5 anos de vida (7, 8, e.o.).

Uma vez que crianças surdas com implante coclear (IC) estão privadas de input linguístico oral até à colocação do IC, ou seja, durante o período crítico para a aquisição da linguagem, o presente estudo tem como objetivo observar os efeitos da privação de exposição linguística no(s) primeiro(s) ano(s) de vida na compreensão e na produção de frases passivas (longas vs. curtas; agentivas vs. não agentivas).

Com este objetivo, foi observado o desempenho linguístico de 47 crianças surdas com IC dos 3;00 aos 16;11 de idade cronológica e dos 2;00 aos 13;11 de idade auditiva (Tabela 1) numa tarefa de compreensão oral e numa tarefa de produção oral de frases passivas. Tendo em consideração a idade de ativação do IC, idade cronológica e idade auditiva (tempo de exposição linguística) como variáveis extralinguísticas, o desempenho linguístico da população-alvo é comparado com o desempenho de 80 crianças ouvintes com desenvolvimento típico emparelhadas por idade auditiva e por idade cronológica.

Os resultados da tarefa de compreensão, numa primeira análise estatística, revelam que, no total de respostas corretas, as crianças surdas com IC apresentam um desempenho significativamente inferior em comparação com o grupo de controlo em todas as condições testadas (Gráfico 1). Este desempenho inferior observa-se mesmo quando se compara a maturação biológica e o tempo de exposição linguística entre grupos. Nas crianças surdas com IC, verifica-se um aumento de respostas corretas à medida que a idade auditiva aumenta observando-se diferenças significativas entre os grupos mais novos e os grupos mais velhos.

Na tarefa de produção, os primeiros resultados revelam que a população surda com IC apresenta uma taxa baixa de produção de frases passivas, em particular com verbos não agentivos, em todas as faixas etárias cronológicas e auditivas, mesmo nas faixas etárias mais velhas.

Neste trabalho, apresentar-se-ão os resultados quantitativos e qualitativos das tarefas de compreensão e de produção oral de frases passivas em crianças surdas com IC.

Palavras-chave: frases passivas, surdez, implante coclear, compreensão, produção, aquisição da linguagem

Referências Bibliográficas:

1. Friedmann, N. & Rusuo, D. (2015). Critical period for first language acquisition: the crucial role of language input during the first year of life. *Current Opinion in Neurobiology*, 35, 27-34. doi: 10.1016/j.conb.2015.06.003
2. Schmitt, P. (1969). Deaf children's comprehension and production of sentence transformation and verb tenses (Dissertação de Doutorado). Universidade de Illinois, Illinois.
3. Power, D. & Quigley, S. (1973). Deaf children's acquisition of the passive voice. *Journal of Speech and Hearing Research*, 16, 5-11. doi:10.1044/jshr.1601.05
4. McGill-Franzen, A. & Gormley, K. A. (1980). The influence of context on deaf readers' understanding of passive sentences. *American Annals of the Deaf*, 125(7), 937-942.
5. Ruigendijk, E. & Friedmann, N. (2017). A deficit in movement-derived sentences in German-speaking hearing-impaired children. *Frontiers in Psychology*, 8(689). doi:10.3389/fpsyg.2017.00689
6. Schouwenaars, A., Finke, M., Hendricks, P. & Ruigendijk, E. (2019). Which questions do children with cochlear implants understand? An eye-tracking study. *Journal of Speech and Hearing Research*, 62, 387-409. doi: 10.1044/2018_JSLHR-H-17-0310
7. Estrela, A. (2013). A aquisição da estrutura passiva em português europeu (Dissertação de Doutorado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
8. Armon-Lotem, S., de Jong, J. & Meir, N. (2015). Assessing multilingual children: Disentangling bilingualism from language impairment. Bristol: Multilingual Matters.

CELDA MORGADO E ANA MARIA BRITO

Entre verbos principais, verbos copulativos e cópulas vazias na Língua Gestual Portuguesa e no Português Europeu

Os verbos estar (do lat. stare) e ficar (do lat. figicare), apresentam na sua definição semântica original a associação a posicionamento (estar na vertical) e espaço (colocar ou fixar algo), respetivamente, ainda que, na evolução do Latim para o Português, tenham passado por um percurso de extensão semântica (Raposo, 2013). Estes verbos culminam a sua evolução em usos considerados copulativos (1)-(3).

(1) A Maria está cansada. (Raposo, 2013, p. 1330)

(2) O carro ficou no parque subterrâneo. (Duarte, 2003, p. 538)

(3) A Maria ficou cansada. (Raposo, 2013, p. 1330)

Desde Stowell (1981), é comumente aceite em Sintaxe das Línguas orais a proposta de que os verbos copulativos selecionam uma “oração pequena”, cujo predicado (tradicionalmente designado predicativo do sujeito) é diversificado categorialmente e estabelece uma relação com um sujeito, que acaba por subir para a posição de sujeito frásico (cf. 4) (ver também Moro 1997, den Dikken & O’Neill, T. 2017, entre outros, para uma tipologia de construções copulativas em Língua Orais).

(4) a) Hoje, a Joana está bonita. (PE)

b) O João está um rapaz simpático. (PE)

c) O rapaz ficou em pânico. (PE)

d) A senhora ficou bem. (PE)

Os verbos estar e ficar, seguidos de sintagma preposicional ou adverbial, apresentam também usos locativos (5), com uma interpretação locativa de curta duração ou com delimitação temporal, o que permite a alguns autores argumentar a favor da realização de um estado delimitado e localizado (cf., e.o., den Dikken, 2007).

(5) a) Os meus filhos estão na escola/lá/aqui. (PE)

b) Ontem, eu fiquei em casa/lá/aqui. (PE)

No âmbito destas estruturas, não é conhecido qualquer estudo para a Língua Gestual Portuguesa (LGP), pelo que se justifica esta investigação. O nosso principal objetivo é estudar os verbos ESTAR e FICAR, na LGP, particularmente nas interpretações de estados (1, 3, 4) e nas interpretações relativas a localizações (2, 5), no sentido de perceber o seu funcionamento léxico-sintático.

Para isso, realizou-se uma pequena experiência com frases simples, maioritariamente declarativas, sendo a amostra composta por 4 surdos fluentes e nativos e 1 intérprete fluente. Deste modo, a partir de frases recolhidas em LGP, foi possível perceber os diferentes gestos realizados para estes verbos, avaliar as formas de realização e alguns dos aspetos sintáticos das construções.

Em LGP, nas frases de (4), com leitura de estado, o predicado parece apresentar cópula vazia, sendo apenas gestualizado o sujeito e o predicativo do sujeito, como podemos observar pelas frases (6a) e (6b), correspondentes em LGP às frases (4a) e (4c) do PE.

_____it

(6a) J-O-A-N-A HOJE BONITA (LGP) (Choupina et al., 2015).

_____ict

(6b) RAPAZ PÂNICO_[Prolongamento do gesto] (LGP)

Contudo, quando se quer exprimir o sentido de um estado delimitado e localizado, isto é, quando há um constituinte do tipo sintagma preposicional ou adverbial, com valor locativo, o verbo é expresso e temos um verbo realizado:

(7a) FILHO MEU ESCOLA ESTAR_CM (Mão Aberta) [estático e suspenso] (LGP)

(7b) ONTEM CASA FICAR_CM (F)_[repetido](LGP)

A questão que se coloca é então se estamos perante os mesmos verbos com dois usos (estados/locativos), ou se estamos perante verbos distintos: um copulativo, sintaticamente nulo (também referido por Benveniste (1966) e mais recentemente por Stassen (2013) para certas Línguas orais, e outro pleno, com realização sintática.

Raposo (2013, p. 1332) equaciona esta problemática para o PE. A LGP traz novos dados à discussão: nos usos com predicados que expressam um estado ou uma mudança de estado não há realização linguística da cópula, nem marcação de pontos espaciais; nos usos com interpretação locativa, existe gesto correspondente a cada verbo (cf. 7a e 7b), realizado num ponto específico no Espaço Sintático.

Nesta comunicação, propomos que, quer em PE, quer em LGP, estar / ESTAR contém um traço interpretável de coincidência terminal que aponta para uma interpretação de percurso (desenvolvendo a proposta de Bruckart, 2012); mas se, na LGP, com um predicado de percurso abstrato, não é necessária a sua expressão quer por um movimento manual quer por um mecanismo não manual, com um sentido locativo, isto é, com uma interpretação de percurso não abstrato, então ESTAR deve ser realizado por um gesto manual. Tentaremos, ainda, na interpretação locativa, na LGP, uma aproximação entre construções com diferentes verbos.

Palavras-chave: tipos de predicação, verbo principal e verbo copulativo em PE e LGP, cópula vazia em LGP

Referências:

- Benveniste, É. (1966). La phrase nominale. In Benveniste, Émile (ed.), *Problèmes de linguistique générale*, 151-167. Paris: Gallimard.
- Bruckart, J. M. (2012). Copular alternation in Spanish and Catalan attributive sentences. *Linguística: Revista da Universidade do Porto*. Vol. 7 (9 – 43).
- Choupina, C. et al. (2015). ESTAR e FICAR na Língua Gestual Portuguesa: entre verbos copulativos e verbos principais. In 1.as Jornadas de Morfossintaxe da LGP e de outras Línguas de Sinais. Livro de resumos. 26 e 27 de novembro de 2015, Porto: FLUP e ESE. Poster.
- den Dikken, M. (2007). Specificational Copular Sentences and Pseudoclefts. In Martin Everaert & Henk C. Van Riemsdijk (Eds.). *The Blackwell Companion to Syntax*, 2nd edition (pp.292 – 409). DOI: 10.1002/9780470996591.ch61

- den Dikken, M., & O'Neill, T. (2017). Copular Constructions in Syntax. In Mark Aronoff (ed.). Oxford Research Encyclopedia of Linguistics. Oxford: Oxford University. Doi: 10.1093/acrefore/9780199384655.013.137
- Duarte, I. (2003). Frases copulativas. In Mateus, M. H. et al.(2003). Gramática de Língua Portuguesa. Lisboa: Caminho. Cap. 13.4, pp. 538-548
<http://linguistics.oxfordre.com/view/10.1093/acrefore/9780199384655.001.0001/acrefore-9780199384655-e-137?print>
- Moro, A. (1997). The Raising of Predicates: Predicative Noun Phrases and the Theory of Clause Structure. Cambridge Studies in Linguistics, Volume 80, ISSN 0068-676X. Publisher, Cambridge University Press.
- Raposo, E. P. (2013). Orações copulativas e predicções secundárias. In Raposo et al. (Coord.). Gramática do Português. Lisboa: FCG. Pp.1285-1356.
- Stowell, T. (1981) Origins of phrase structure, PhD Diss., MIT.
- Stassen, L. (2013). Zero Copula for Predicate Nominals. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.) The World Atlas of Language Structures Online. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. (Available online at <http://wals.info/chapter/120>, Accessed on 2018-02-15.)

IOLANDA NUNES, ARMANDA COSTA e ISABEL FALÉ

Fluência de leitura, complexidade textual e propriedades lexicais – estudo com crianças de 4º ano de escolaridade

A fluência na leitura é definida pela habilidade de um falante ler um texto com precisão na produção das palavras, velocidade e prosódia adequadas (Rasinski et al 2009). Na investigação com instrumentos para análise dos movimentos oculares (*eye tracker*) ou para análise de fala (*PRAAT*, e. o.), a análise da leitura em voz alta revela pistas sobre os processos de descodificação e compreensão em tempo real, permitindo avaliar desempenhos e prever níveis de competência na leitura (Costa 2012; Falé, Costa e Luegi 2016). Nomeadamente, a análise da “fala de leitura” permite avaliar efeitos da complexidade textual na fluência de leitores em fase de consolidação de competências de leitura, que estão dependentes de uma identificação eficiente das palavras impressas, implicando reconhecimento da forma e acesso ao significado.

O objetivo do presente estudo foi o de verificar o impacto da complexidade textual resultante de propriedades lexicais do vocabulário do texto. Em dois textos adaptados de manuais escolares para o 4º ano, manipularam-se variáveis relativas à extensão das palavras (curtas vs. longas), à sua frequência na língua (baixa e alta frequência) e à sua complexidade silábica (padrões silábicos mais ou menos frequentes, Freitas 2016). Os textos, de tipo informativo, são similares em termos de extensão e estrutura informacional, tendo aproximadamente as mesmas estruturas sintáticas; são distintos em termos de Tema e vocabulário e correspondem a dois níveis de complexidade: PAP_C1 e PIN_C2.

A amostra foi constituída por vinte e quatro crianças, doze do sexo masculino e doze do sexo feminino, com uma média de idades de 9 anos e 11 meses, alunos do 4º ano de escolaridade de uma escola da rede pública. Os participantes no estudo leram os dois textos em voz alta, respondendo a um questionário de compreensão após a leitura de cada texto, tendo a ordem de apresentação dos textos sido balanceada. As leituras foram gravadas em áudio e os registos analisados com o software de análise PRAAT.

Analisaram-se os resultados relativamente ao tempo total de leitura, ao tipo de disfluências produzidas pelos sujeitos e ao número de pausas ocorridas. Os resultados obtidos confirmaram que o texto mais complexo elicitou: um débito mais lento (131s *versus* 120s, $F(1,23)=96.7$; $p<0.001$); maior número de hesitações (36 contra 15); mais substituições (183 *versus* 127); maior número de pausas e pausas mais longas.

Considerando um conjunto delimitado de palavras-alvo, assim designadas pelas suas características específicas de frequência, tamanho e formato silábico, verificou-se ainda que a sua produção precisa é independente das suas propriedades, o que denota boas capacidades de descodificação neste grupo de escolaridade. Contudo, verificou-se que palavras mais longas, menos frequentes e mais complexas são frequentemente seguidas por pausas silenciosas. Este resultado é interpretado como indicador de processos de acesso ao significado ou de integração na estrutura sintática ou textual em construção, denotando processos de mais alto nível do que os implicados na identificação da forma da palavra.

Concluiu-se, deste modo, que a fluência de leitura em voz alta dos sujeitos deste nível etário e de escolaridade é afetada pela complexidade textual consequência da manipulação lexical, e que há indicadores de que os processos que mais são afetados são os processos pós-lexicais.

Palavras-Chave: Leitura em Voz Alta; Fluência de Leitura; Complexidade Lexical; Extensão da Palavra; Frequência da Palavra; Estrutura da Sílabas

Referências Bibliográficas:

- Costa, Maria Armanda (1992). Leitura: conhecimento linguístico e compreensão. In Delgado-Martins, Maria Raquel (dir.) (1992). Para a Didática do Português. Seis Estudos de Linguística. Lisboa: Edições Colibri, pp. 105-117.
- Costa, Armanda (2012). Investigação em Leitura – Estudos Psicolinguísticos. In Costa, A. e Duarte, I. (coord.) (2012). Nada na linguagem lhe é estranho- Homenagem a Isabel Hub Faria. Porto: Edições Afrontamento, pp. 149-163.
- Falé, Isabel, Costa, Armanda e Luegi, Paula (2016). Leitura em voz alta, movimentos oculares e prosódia. Integração de informação sintática e discursiva. Revista da Associação Portuguesa de Linguística, nº1 – 10 / 2016. Porto: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 345-395.
- Freitas, M. J. (2016). A sílaba na gramática do adulto e na aquisição de língua materna. In Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho (eds.) Manual de Linguística Portuguesa. MRL Series, De Gruyter, pp. 663-687.
- Morais, José (1997). A arte de ler. Psicologia cognitiva da leitura. Lisboa: Edições Cosmos.
- Rasinski, Timothy; Homan, Susan & Biggs, Marie (2009). Teaching Reading Fluency to Struggling Readers: Method, Materials, and Evidence. Reading & Writing Quarterly: Overcoming Learning Difficulties, 25:2, pp. 192-204.

INÊS DA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA

Os infinitivos independentes em Português Europeu – independência ou dependência?

O infinitivo impessoal não aparece em orações simples independentes, em frases declarativas. De acordo com a teoria do caso, como o infinitivo impessoal não possui o elemento [+Conc] não é capaz de atribuir caso nominativo, assim, não é um regente e atribuidor de caso. De igual modo, embora o infinitivo flexionado tenha [+Conc], é considerado [-tempo] e não pode surgir em orações simples independentes.

No entanto, na literatura, diferentes autores mencionam a existência de infinitivos independentes em frases imperativas, interrogativas e exclamativas (Dias, 1889; Gomes, 1935; Cunha e Cintra, 2000; Ambar, 1992; Martins, 1999).

Este trabalho procura estudar o que legitimará o uso de infinitivo impessoal/pessoal em construções independentes imperativas, interrogativas e exclamativas, problematizando se poderemos considerar realmente estes infinitivos como independentes. Assim, propomos analisar as características sintáticas das construções de infinitivos independentes em orações imperativas (1), interrogativas (2) e exclamativas (3) de infinitivo não flexionado e infinitivo flexionado, tendo por base exemplos extraídos de um corpus informatizado, o CETEMPúblico (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos Ministério Ciência Tecnologia /Público), um corpus informatizado, disponível em <http://www.linguateca.pt/cetempublico/>. Do mesmo modo, procuraremos apresentar uma possível estrutura sintática que legitime o surgimento do infinitivo em orações independentes.

(1) Meninos, sair imediatamente da sala. / Por favor não fumar.

(2) Telefonar à mãe hoje? / Ficar aqui?

(3) Viver é sonhar! / TU fazeres-me isso na véspera do meu aniversário!

Nas orações infinitivas imperativas, o destinatário pode ser específico e não específico. Mesmo quando este é específico não é possível o uso de infinitivo flexionado. Como o infinitivo é [-Conc / - Tempo] não há sujeitos expressos. Embora nestas construções não haja tempo sintático, defendo a existência de um tempo semântico futuro e essa informação estará na sua estrutura sintática.

Nas construções interrogativas infinitivas independentes, quer de sim/não, quer de constituintes, o sujeito não está expresso uma vez que o infinitivo é [-tempo/-Conc] e assim não atribui caso nominativo. À semelhança das orações infinitivas imperativas, sugere-se a existência de um tempo semântico de futuro.

Nas construções infinitivas exclamativas, é possível o uso de infinitivo flexionado e a existência de um sujeito lexical. Aqui a Flex é [+tempo], [-Conc], e haverá de igual modo um tempo semântico em Comp.

Em síntese, as construções de infinitivos independentes (infinitivos imperativos, interrogativos e exclamativos) podem ser consideradas modalizadas, à semelhança do que Hernanz (1999) defende para o espanhol, pois transmitem diferentes valores semânticos (surpresa, admiração). A sua independência é “falsa”, na medida em que a sua interpretação, em muitos casos, está intimamente dependente do contexto.

Palavras-chave: infinitivos independentes, propriedades sintáticas, dependência, estrutura sintática, valor semântico

Referências bibliográficas:

- Ambar, M. (1992b). Temps et structure de la phrase. In H.-G. Obenauer, & Zribi-Hertz (ed.), *Structure de la Phrase et Théorie du Liage*. Paris: Sciences du Language, Presses Universitaires de Vincennes, pp. 29-49.
- Ambar, M. (1999). Infinitives vs. Participles. In E. Trevino, & J. Lema, José (eds.) *Semantic Issues in Romance Syntax, Current Issues in Linguistic Theory*. Amsterdam-USA: John Benjamins, pp. 1-20
- Brito, A. M. (2003). Frases Interrogativas. In M. H. M. Mateus et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. 6ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, pp.460-479
- Cunha, C., & Cintra, L. (2000). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- Dias, A. E. S. (1889). *Grammatica portugueza elementar*. Lisboa : A. Ferreira Machado.
- Dias, A. E. S. (1933). *Syntaxe historica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora
- Duarte, I. (2003a). Subordinação completiva – as orações completivas. In M. H. M. Mateus et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. 6ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 595-651
- Duarte, I. (2003b). Frases Exclamativas. In M. H. M. Mateus et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. 6ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 479-487
- Hernanz, M. L. (1999). El infinitivo. In I. Bosque, & V. Demonte (eds.) (1999). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Espasa, Madrid, vol II, pp. 2197-2212.
- Matos, G. (2003a). Frases Imperativas. In M. H. M. Mateus et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. 6ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, pp.449-460.
- Raposo, E. P. (1987). Case Theory and Infl-to-Comp: the inflected infinitive in European Portuguese. *Linguistic Inquiry*, 18,1, pp. 85-110.
- Raposo, E. P., & Miguel, M. (2013). Introdução ao sintagma nominal. In E. B. P. Raposo et alii, *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. I, pp. 703-735.

Measuring early development of language skills in infants and toddlers learning Portuguese and an Additional Language: Implications for language assessment in Bilinguals

Parental reports are a well-known and widely used tool to evaluate the development of infant and toddler language skills. The MacArthur-Bates Communicative Development Inventories (CDI) is one of the best-known and widely used parental reports (Fenson et al., 1993, 2007). The CDI was adapted to more than 60 languages. For European Portuguese (EP), CDI Short forms (SFI 8-18 months, and SFII 16-30 months) have been adapted and norms have been provided for EP-learning monolingual infants and toddlers (Frota et al., 2016). The use of the CDI tool with bilingual infants has been studied for several language groups. Some studies suggest that bilinguals have similar vocabulary development to monolinguals, whereas other studies report that bilinguals show lower performance with smaller vocabulary sizes (O'Toole et al, 2016). Other studies have underlined that vocabulary development is similar in bilinguals and monolinguals when the total vocabulary from the two languages bilinguals are acquiring is considered instead (Core et al, 2013). Floccia et al. (2018) focused on 24-month-old toddlers learning English and one Additional Language and concluded that amount of exposure and gender are crucial factors behind the bilingual norms developed based on the CDI: as a general finding, bilinguals understood and produced significantly less words than monolinguals in the English language. In this paper, using the EP-CDI Short Forms, we measured early language development in infants and toddlers learning Portuguese and an Additional Language (Spanish, English and French are the predominant additional languages in our sample), (i) providing CDI data for bilingual children whose main language of exposure is Portuguese, and (ii) comparing bilingual performance on receptive and expressive vocabulary development, and on emerging word combinations, with the norming study based on monolinguals (Frota et al., 2016). Our sample (N=147) was collected together with sample for the norming study and shares the same sociodemographic characteristics. This is the first CDI study with bilingual children that have Portuguese as their main language of exposure. Its main goals are to contribute to the development of norms for language assessment in this population of bilinguals. Developmental trends for vocabulary production and comprehension in bilingual infants by age and percentile are given in Figs. 1-2. Results show that at 16 - 18 months 50 % of the infants understand around 45 words, which is less than the 55 words understood by the monolinguals. Similarly to monolinguals, bilinguals word comprehension scores show a significant increase with age (8-12 months, $M=32.3$, $SD=30.95$; 13-18 months, $M=59.85$, $SD=20.51$; $t(56)=-3.887$, $p<.005$). This developmental trend in bilinguals is less visible for production, with 50% of the infants at 16 - 18 months producing 15 words (contra 22 for the monolinguals). Like for monolinguals, a general effect of age was found for production in bilinguals (8-12 months, $M=32.34$, $SD=30.95$; 13-18 months, $M=59.84$, $SD=20.51$.; $t(56)= -3.887$, $p<.005$). Fig.3 provides comparative data for bilinguals and monolinguals. A Language group (Bilinguals, Monolinguals) x Age Group (8-12, 13-18) between-subjects ANOVA on words understood yielded a significant effect of age ($F(1,464)=46.12$, $p <.001$) and of language group ($F(1, 464)= 18.79$, $p <.001$) with no interaction between the two factors ($F<1$); for words produced we found a significant effect of age ($F(1, 464)= 25.29$, $p <.001$) but not of language group ($F(1, 464)= 0.002$, $p=.962$). No interaction between the two factors was found ($F<1$). The developmental trend for vocabulary production (SFII) in bilingual toddlers is shown in Fig.4. An Age Group (16-20, 21-25, 26-30) between-subjects ANOVA on words produced found a significant main effect of age ($F(2,86) = 11.70$, $p<0.001$), like in monolinguals. Again, bilingual children under-perform relative to monolingual norms, as shown in Fig.5. A Language Group (2) x Age Group (3) between-subjects ANOVA on words produced yielded significant main effects of age group ($F(2,517)=71.66$, $p<.001$) and language group ($F(1, 517)= 6.55$, $p <.05$), with no interaction between Language group

and Age group ($F < 1$). Finally, the developmental trend for word combinations (Fig.6), based on the 'often' answer, shows that bilingual children also underperform relative to monolingual norms for this measure of early syntactic development. The present findings on children learning Portuguese and an Additional Language support previous reports on other languages indicating that, when assessed in their main language of exposure, bilingual children score lower in vocabulary development relative to monolingual norms. This pattern of results is extended to the development of the ability to combine words. Furthermore, the difference between bilinguals and monolinguals is greater for toddlers (SFII) than for infants (SFI). These findings strongly suggest the need to develop specific norms for children learning Portuguese and an Additional Language, with implications for language assessment in typical and atypical language development in bilinguals.

Palavras-chave: language assessment in bilinguals, portuguese CDI, language development

References

- Armon-Lotem, S. & Ohana, O. (2015). A CDI study of Bilingual English-Hebrew children – frequency of exposure as a major source of variation. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*. 20(2), 201-217.
- Cattani, A., Abbot-Smith, K., Farag, R., Krott, A., Arreckx, F., Dennis, L. & Floccia, C. (2014) How much exposure to English is Necessary for a Bilingual toddler to Perform like a Monolingual Peer in Language Tests? *International Journal of Language and Communication Disorders* 49(6): 649-671.
- Fenson, L., Dale, P. S., Reznick, J. S., Thal, D., Bates, E., Hartung, J. P., ... Reilly, J. S. (1993). *The MacArthur Communicative Development Inventories: User's guide and technical manual*. San Diego, CA: Singular Publishing Group
- Fenson, L., Marchman, V. A., Thal, D. J., Dale, P. S., Reznick, J. S., & Bates, E. (2007). *The MacArthur Communicative Development Inventories: User's guide and technical manual* (2nd ed.). Baltimore, MD: Brookes Publishing.
- Floccia, C., Sambrook, T.D., Luche, C.D., Kwok, R., Goslin, J., White, L., ... Plunkett, K. (2018) Vocabulary of 2-year-olds Learning English and an Additional Language: Norms and effects of Linguistic Distance. *Monographs of the Society for Research in Child Development* (83).
- Frota, S., Butler, J., Correia, S., Severino, C., Vicente, S. & Vigário, M. (2015) Questionários McArthur-Bates CDI para o Português Europeu: formas reduzidas. Lisboa: Laboratório de Fonética, CLUL/FLUL. [<https://labfon.letras.ulisboa.pt/babylab/pt/CDI/index.html>].
- Frota, S., Butler, J., Correia, S., Severino, C., Vicente, S. & Vigário, M. (2016) Infant communicative development assessed with the European Portuguese MacArthur-Bates Communicative Development Inventories short forms, *First Language* 36, 5: 525-545.
- O'toole, C., Gattb, D., Hickey, T., Miekisz, A., Haman, E., Armon-Loteme, S., Rinker, T., Ohana, O., dos Santos, C. & Sophie, K. (2016). Parent report of early lexical production in bilingual children: a cross-linguistic CDI comparison. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*.

RODRIGO PEREIRA, MARGARIDA RAMALHO e MARIA JOÃO FREITAS

O Rato Roeu a Rolha: sobre a aquisição do rótico dorsal por crianças portuguesas com perfis típico e atípico

Introdução: No inventário segmental do português europeu (PE), é assumida a presença de duas consoantes róticas, contrastivas em posição intervocálica - /r, ɾ/, embora a sua natureza fonológica seja discutida na literatura (Barbosa 1983, Mateus & Andrade 2000, Amorim & Veloso 2018). Vários trabalhos relatam a variação alofónica associada a /r/ em PE, espelhada nos alofones [ɾ, ʁ, χ, x, r] (Barbosa 1983, Mateus & Andrade 2000, Jesus & Shadle 2005, Rennie & Martins 2012, Rodrigues 2015). Dados da aquisição do PE têm revelado a aquisição de /r/ antes de /r/ em ataque simples (Mendes et al. 2009/13, Costa 2010, Amorim 2014) e o uso de diferentes alofones para /r/. Os factos expostos têm levado a questionar a natureza [+/- soante] de /r/ no PE, dado o uso de alofones obstruintes [ɾ, χ, x] em adultos e crianças, com preferência pelas fricativas uvulares sonora e surda [ʁ, χ]. No presente trabalho, é nosso objetivo contribuir com evidência empírica adicional para a discussão sobre a natureza fonológica de /r/ em PE, descrevendo dados da sua aquisição em contextos típico e atípico.

Metodologia: Serão descritos dados recolhidos na mesma área dialetal (dialetos centro-meridionais (Cintra, 1971)) junto de: (i) 87 crianças com idades entre os 2;11 e os 6;6 anos, do distrito de Lisboa, monolíngues em PE, sem alteração ou suspeita de alteração do desenvolvimento linguístico (Ramalho 2017); (ii) 9 crianças com alterações fonológicas primárias (AFP, associada a PDL ou a PSF), com idades entre os 3;0 e os 7;6, do distrito de Évora. Os dados foram recolhidos com aplicação do instrumento CLCP-PE (<http://www.clul.ulisboa.pt/pt/24-recursos/851-clcp-pe-crosslinguistic-child-phonology-project-portugues-europeu>). A análise dos dados foi feita com o apoio do programa PHON (Rose et al. 2006; Hedlund & Rose, 2019). Foram analisadas todas as instâncias fonéticas de alvos /r/, as quais foram comparadas com as produções de /r/, sempre em ataque simples.

Descrição e discussão: Na amostra típica, as taxas para /r, ɾ/ estão acima dos 80% (cf. tabela 1), o que denota aquisição de ambos segmentos aos 3;0, contrariamente ao descrito na literatura. Já na amostra atípica, /r, ɾ/ têm comportamentos distintos, surgindo /r/ com taxas preferencialmente acima de 50% e /ɾ/ abaixo de 50% (tabela 2). Os resultados apontam, assim, para /r/ em ataque simples como marcador clínico de AFP. Quanto às variantes fonéticas, [ɾ, χ, x] são as mais usadas pelas crianças com desenvolvimento típico, o que vai ao encontro da tendência atestada na literatura para o PE. Nas crianças com AFP, apesar dos valores baixos de produção, identificaram-se [ɾ, ʁ, χ, x], com variantes fricativas em 6 das 8 crianças com produções para /r/. A proveniência geográfica das crianças, as taxas de acerto e a descrição das estratégias de reconstrução nas duas amostras permitir-nos-ão discutir a construção gradual das representações fonológicas do rótico dorsal na aquisição, tendo em conta as propriedades do input e a sua natureza [+/- soante] no PE.

Palavras-chave: consoantes róticas, aquisição e desenvolvimento fonológico típico, aquisição e desenvolvimento fonológico atípico, alterações fonológicas primárias

Bibliografia:

Amorim, Clara (2014) Padrão de aquisição de contrastes do PE: a interação entre traços, segmentos e sílabas. Tese de doutoramento. Universidade do Porto.

- Amorim, C. & Veloso, J. 2018. "O estatuto fonológico do rótico dorsal em português à luz dos dados da aquisição", *Estudos em Fonética e Fonologia. Coletânea em Homenagem a Carmen Matzenauer*, ed. C. Lazzarotto-Volcão & M. J. Freitas, Brasil: Editora CRV.
- Barbosa, Jorge Morais. 1983. *Études de Phonologie Portugaise*. Universidade de Évora
2nd edn.
- Cintra, L. (1971). "Estudos de Dialectologia Portuguesa". 2ª Ed. (1995) Livraria Sá da Costa Editora. Lisboa
- Costa, T. (2010). *The Acquisition of the Consonantal System in European Portuguese: Focus on Place and Manner Features*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Jesus, L. M. T., & Shadle, C. H. (2005). Acoustic Analysis of European Portuguese Uvular [χ, ʁ] and Voiceless Tapped Alveolar [ɾ̥] Fricatives. *Journal of the International Phonetic Association*, 35(1), 27–44.
- Mateus, M. H. & E. d'Andrade (2000). *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Mendes, A., Afonso, C., Lousada, M., Andrade, F. (2009). *Teste Fonético- Fonológico da Avaliação da Linguagem pré-escolar – ALPE*. Aveiro: Designeed, Lda.
- Mendes, A., Afonso, E., Lousada, M., Andrade, F. (2013). *Teste Fonético-Fonológico da Avaliação da Linguagem Pré-Escolar (TFF-ALPE) (2nd ed.)*. Aveiro: Edubox.
- Ramalho, Ana Margarida (2017) *Aquisição Fonológica na Criança - Tradução e adaptação de um instrumento de avaliação interlinguístico para o português europeu*. Tese de doutoramento. Universidade de Évora. Évora.
- Rennicke, I. & Martins, P. (2012). As realizações fonéticas de /R/ em Português Europeu: análise um corpus dialetal e implicações no sistema fonológico. in *textos selecionados, XXVIII Encontro Nacional da APL*, ed. F. Silva, I. Falé & I. Pereira, Coimbra: Associação Portuguesa de Linguística
- Rodrigues, Susana (2015) "Caracterização acústica das consoantes líquidas do Português Europeu". Tese de doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Rose, Y., Macwhinney, B., Byrne, R., Hedlund, G., Maddocks, K., Brien, P. O., Wareham, T. (2006). *Introducing Phon: A Software Solution for the Study of Phonological Acquisition*. In David Bamman, Tatiana Magnitskaia & Colleen Zaller (eds.), *Proceedings of the 30th Annual Boston University Conference on Language Development*. Somerville, MA: Cascadilla Press. 489-500.
- Hedlund, Gregory & Yvan Rose. 2019. *Phon 3.0 [Computer Software]*. Retrieved from <https://phon.ca>

CLARA PINTO

Sobre a sintaxe dos minimizadores em PE

Os minimizadores são habitualmente descritos como um tipo particular de itens de polaridade negativa que designam pontos mínimos numa escala de dimensão ou valor (cf. Horn 1989). Embora tenham habitualmente origem em nomes comuns, distinguem-se deles por não serem interpretados referencialmente. São considerados Itens de Polaridade Negativa fracos, na aceção de Martins 2000, sendo interpretados de acordo com o contexto polar em que ocorrem. Em contextos negativos assumem valor negativo (1a), ao passo que em contextos modais têm interpretação positiva (1b). O Português Europeu (PE) dispõe de um vasto leque de elementos considerados minimizadores. No entanto, o seu comportamento sintático-semântico não é uniforme, assistindo-se a variações que estão diretamente relacionadas com o grau de gramaticalização destes elementos.

Nesta comunicação mostraremos que alguns minimizadores do PE conservam algumas propriedades nominais do nome que lhes deu origem. Apenas podem ocorrer com verbos semanticamente relacionados (confronte-se (2a) com (2b)), desempenham função argumental (2a), admitem modificação adjetival (mas também preposicional e oracional), como em (2c). Uma vez que conservam algum grau de referencialidade, em contextos negativos produzem uma interpretação equivalente à da conjugação do nome comum com o quantificador nenhum (e também algum nos casos de inversão nominal negativa (cf. Martins 2015)), como se verifica pela comparação entre (2a) e (2d). Por outro lado, existem no PE minimizadores cujo comportamento se afasta do nome comum que está na sua origem. Ocorrem sozinhos, sem a presença de determinante e, embora possam ocorrer com função argumental como em (3a), ocorrem igualmente com verbos intransitivos, como partícula de reforço da negação (3b). Além disso, não admitem modificação adjetival ou oracional, mas podem ocorrer seguidos de um PP (Prepositional Phrase) com leitura partitiva (3d).

A diferença de comportamento entre estes minimizadores sugere que ocupam uma posição diferente na estrutura interna de DP (Determiner Phrase). De acordo com alguns autores (Cf. Déprez 2011, Garzonio & Poletto 2008, 2009), à medida que um minimizador gramaticaliza, tende a ocupar uma posição mais à esquerda dentro da projeção DP. Nesta comunicação proporemos que os minimizadores menos gramaticalizados do PE projetam DP e permanecem como núcleos nominais de NP, ao passo que os mais gramaticalizados ocupam uma projeção semi-funcional, nomeadamente NumP/QP (Number Phrase/ Quantifier Phrase).

- (1) a. O filme não valeu um caracol. = O filme não valeu nada.
b. Se o filme valesse um caracol teria tido mais sucesso. = Se o filme valesse alguma coisa...
- (2) a. O Pedro não disse uma palavra.
b. *O Pedro não dormiu uma palavra.
c. O Pedro não disse uma única palavra que fosse.
d. O Pedro não disse palavra nenhuma.
- (3) a. O Pedro não fez puto todo o dia.
b. O Pedro não dormiu puto esta noite.

- c. *O Pedro não estudou puto que fosse.
- d. O Pedro não fez puto do trabalho.

Referências

- Déprez, Viviane. 2011. From N to negative D: charting the time course of the historical rise of French n-words. In Sleeman, Petra and Harry Perridon (eds.) *The Noun Phrase in Romance and Germanic: Structure, variation, and change*. John Benjamins. pp. 257-280.
- Garzonio & Poletto. 2008. Minimizers and quantifiers: a window on the development of negative markers. *CISCL Working Papers*. vol. 2. University of Siena.
- Garzonio & Poletto. 2009. Quantifiers as negative markers in Italian dialects. *Working Papers in Linguistics*. Vol. 19. University of Venice.
- Horn, L. 1989. *A Natural History of Negation*. Stanford: CSLI Publications. 2001.
- Martins, Ana Maria 2000. Polarity Items in Roman e: Underspecification and Lexical Change. In Susan Pintzuk, George Tsoulas e Anthony Warner (eds.). *Diachronic Syntax: Models and Mechanisms*. Oxford/New York: Oxford University Press. 191- 219.
- Martins, Ana Maria. 2015. Ordem de palavras e polaridade: inversão nominal negativa com algum / alguno e nenhum. *Diacrítica* [online]. vol. 29, n.1. 400-427.

ÂNGELA QUARESMA e FAUSTO CAELS

A progressão linguística na didática das ciências: que textos e géneros são utilizados no estudo do sistema circulatório em diferentes etapas de escolaridade?

É objetivo desta comunicação apresentar um estudo sobre a progressão linguística em manuais escolares do Ensino Básico e Ensino Secundário. Pretende-se, mais concretamente, identificar e caracterizar os textos e os géneros utilizados no estudo do sistema circulatório, tópico abordado, de forma progressivamente mais aprofundada, no 3.º, 6.º, 9.º e 10.º ano de escolaridade. O trabalho, integrado no projeto "Textos, géneros e conhecimento" da Linha Temática "Discurso e Práticas Discursivas Académicas" (CELGA-ILTEC/Universidade de Coimbra), é enquadrado pela Linguística Sistémico-Funcional e pelos estudos de género da "Escola de Sydney" (Rose, 2012; Rose & Martin, 2012).

Partindo de um corpus de 29 manuais das disciplinas de Estudo do Meio (1.º CEB), Ciências Naturais (2.º e 3.º CEB) e Biologia/Geologia (Ensino Secundário), foram identificados e extraídos cerca de 100 textos dedicados ao tópico em apreço. Os textos foram classificados quanto aos seus conteúdos específicos, extensão, género e estrutura. Os resultados evidenciam algumas tendências expectáveis, como o facto de haver um aumento no número de textos e na sua extensão à medida que a escolaridade avança, havendo uma ligação direta com o aprofundamento do tópico de estudo. Mais surpreendentes, talvez, serão os resultados que se prendam com o género e a estrutura dos textos. O ensino do tópico envolve sobretudo géneros da família dos relatórios e da família das explicações, ainda que nem sempre na mesma proporção. Enquanto os relatórios se mostram claramente predominantes no Ensino Básico, no Ensino Secundário parece haver uma distribuição mais equitativa de géneros das duas famílias. O 2.º e 3.º ciclo, em específico, mobilizam ainda vários géneros da família dos procedimentos. Quanto à estrutura dos textos, parece haver uma maior uniformidade dos textos do Ensino Básico, aproximando-se mais dos modelos de género propostos pela Escola de Sydney. No Ensino Secundário, por seu turno, é mais comum encontrar textos que, de um ponto de vista estrutural, combinam características de dois ou mais géneros do repertório científico, assim dificultando a sua classificação e segmentação.

Palavras-chave: género, escola de Sydney, manuais escolares, ciências naturais, progressão escolar

Referências bibliográficas

- Rose, D. (2012). Genre in the Sydney school. In Gee, J. P. & Handford, M. (eds.) The Routledge Handbook of Discourse Analysis. London and New York: Routledge. 209-225.
- Rose, D. & Martin, J. R. (2012) Learning to Write, Reading to Learn: Genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School. London: Equinox.

TÂNIA REIS, CRISTIANE LAZZAROTTO-VOLCÃO E MARIA JOÃO FREITAS

A rota dos Róticos

Introdução: Os róticos são uma classe de difícil definição fonológica, sendo tradicionalmente assumida mas debatida, para o PE, a presença de dois róticos fonológicos - /ʀ, r/ (Amorim & Veloso 2018, Jesus & Shadle, 2005; Mateus & Andrade 2000; Rennie & Martins, 2012). No PE, /ʀ/ pode ser articulado como vibrante (soante) ou como fricativa (obstruente), com implicações no vozeamento e no ponto de articulação ([ʁ, x, x]), sendo os alofones fricativos uvulares sonoro ou surdo os mais comuns no PE atual (Mateus & d'Andrade 2000; Jesus & Shadle 2005; Rennie & Martins 2012). A forma como as crianças portuguesas processam o rótico dorsal pode dar pistas sobre a sua categorização no PE (obstruente ou soante). Em PE, a aquisição de /ʀ/ precede a de /r/ (Amorim 2014, Costa 2010, Mendes et al. 2013, Ramalho 2017). Dois modelos construídos para formalizar a aquisição fonológica do PB indicam que a aquisição de /ʀ/ também precede a de /r/. No Modelo Padrão de Aquisição de Contrastes - PAC (Lazzarotto-Volcão 2009) - que parte do pressuposto de que a aquisição da fonologia é uma tarefa de estabelecimento de contrastes, produzidos a partir das coocorrências de traços distintivos -, o contraste entre líquidas laterais e não laterais, bem como o contraste entre não laterais coronal e dorsal, são os últimos a serem estabelecidos pelas crianças brasileiras. A adaptação desse modelo ao PE (Amorim 2014, Lazzarotto-Volcão 2016, Reis 2018, Lazzarotto-Volcão no prelo) dão conta de que esses contrastes também estão entre os últimos. No caso do Modelo Implicacional de Complexidade de Traços - MICT (Mota, 2001), construído a partir de dados de crianças brasileiras com perturbação dos sons da fala, analisa a aquisição a partir das relações implicacionais que os diferentes traços mantêm entre si. Para os róticos, o MICT revela que /ʀ/ se encontra num grau de complexidade inferior ao /r/ e que aquele segmento mantém relações implicacionais com os segmentos dorsais, fricativos e líquidos. No presente trabalho, forneceremos evidência empírica sobre a aquisição de /ʀ/ em crianças com perturbação fonológica observadas longitudinalmente (2 estudos de caso), no sentido de discutir a natureza fonológica do rótico em PE.

Metodologia: Serão descritos dados de intervenção com 2 crianças com perturbação fonológica, com idades entre os 4;6 e os 5;9 anos, do distrito de Lisboa, monolíngues em PE, sem alteração ou suspeita de alteração dos restantes domínios linguísticos (Reis 2018). Os dados foram recolhidos em dois momentos de intervenção com aplicação do TFF-ALPE (Mendes et al. 2013); os estímulos alvo de intervenção foram selecionados através do MICT, tendo sido usada na intervenção a metodologia os Sons D'a Relicário (Alves & Reis, 2011; 2014). Os dados de avaliação foram analisados à luz do PAC-PE.

Descrição e discussão: Neste trabalho, a análise das estratégias usadas pelos 2 sujeitos permitiram observar a utilização preferencial de um segmento da classe das obstruintes - uma oclusiva dorsal (67% a 100%) - no lugar do rótico dorsal, que se encontra em falta nos sistemas fonológicos de ambos os sujeitos, o que aponta para a ausência do contraste entre oclusivas e fricativas dorsais. O uso de oclusivas é atestado também para alvos fricativos (tabela 1). Amorim (2014) relata também o uso desta estratégia na aquisição típica. As estratégias para /r/ não são as mesmas, ocorrendo preferencialmente omissão e semivocalização, esta última associando /r/ às soantes. A análise das estratégias de reconstrução revela que os dois róticos estão a ser categorizados de forma distinta, o /ʀ/ como fricativa ([-soante]) e o /r/ como líquida ([+soante]). Na intervenção realizada para os dois sujeitos através do estímulo alvo /ʀ/, observaram-se implicações na aquisição da classe das fricativas: através da aquisição do traço [+contínuo], possibilitado pela aquisição de /ʀ/, todas as fricativas surgiram nos sistemas fonológicos de ambos os sujeitos, sem ter um efeito tão evidente na classe das soantes, reforçando o processamento do rótico como fricativa. Estes resultados reforçam a

ideia de que ambas as crianças processam o /r/ como uma fricativa. Os resultados serão confrontados com os disponíveis na literatura sobre a natureza fonológica dos róticos em PE (Amorim & Veloso 2018; Mateus & d'Andrade 2000; Jesus & Shadle 2005; Rennie & Martins 2012).

Palavras-chave: róticos, aquisição e desenvolvimento fonológico atípico, perturbação fonológica

Bibliografia:

- Alves, D. C., & Reis, T. (2011) (1. Ed.). Os Sons d'A Relicário – treino do conhecimento fonológico por associação de onomatopeias aos sons da fala. Lisboa, Portugal: Relicário de Sons
- Alves, D. C., & Reis, T. (2014) (2. Ed.). Os Sons d'A Relicário – treino do conhecimento fonológico por associação de onomatopeias aos sons da fala. Lisboa, Portugal: Relicário de Sons.
- Amorim, C. (2014) Padrão de aquisição de contrastes do PE: a interação entre traços, segmentos e sílabas. Tese de doutoramento. Universidade do Porto.
- Amorim, C. & Veloso, J. 2018. "O estatuto fonológico do rótico dorsal em português à luz dos dados da aquisição", Estudos em Fonética e Fonologia. Coletânea em Homenagem a Carmen Matzenauer, ed. C. Lazzarotto-Volcão & M. J. Freitas, Brasil: Editora CRV.
- Costa, T. (2010). The Acquisition of the Consonantal System in European Portuguese: Focus on Place and Manner Features. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Jesus, L. M. T., & Shadle, C. H. (2005). Acoustic Analysis of European Portuguese Uvular [χ, ʁ] and Voiceless Tapped Alveolar [ɾ] Fricatives. Journal of the International Phonetic Association, 35(1), 27–44.
- Lazzarotto-Volcão, C. (2009). Modelo padrão de aquisição de contrastes: uma proposta de avaliação e classificação dos desvios fonológicos. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade Católica de Pelotas.
- Lazzarotto-Volcão, C. (2016). A aquisição fonológica atípica à luz da teoria fonológica: uma análise de crianças brasileiras e portuguesas. Comunicação Oral. Universidade do Minho. Braga.
- Lazzarotto-Volcão, C. (no prelo). Aquisição Fonológica Atípica: O que os dados das crianças brasileiras e portuguesas revelam. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- Mateus, M. H. & E. d'Andrade (2000). The Phonology of Portuguese. Oxford: Oxford University Press.
- Mendes, A., Afonso, E., Lousada, M., Andrade, F. (2013). Teste Fonético-Fonológico da Avaliação da Linguagem Pré-Escolar (TFF-ALPE) (2nd ed.). Aveiro: Edubox.
- Mota, H. B. (2001). Terapia fonoaudiológica para os desvios fonológicos. Rio de Janeiro, Brasil: Revinter.
- Ramalho, A.M (2017). Aquisição Fonológica na Criança - Tradução e adaptação de um instrumento de avaliação interlinguístico para o português europeu. Tese de doutoramento. Universidade de Évora. Évora.
- Reis, T. (2018). A Avaliação Fonológica na Perturbação dos Sons da Fala – Modelo Padrão de Aquisição de Contrastes – Estudo de Caso. Dissertação de Mestrado em Linguística. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.

Rennicke, I. & Martins, P. (2012). As realizações fonéticas de /R/ em Português Europeu: análiseum corpus dialetal e implicações no sistema fonológico. in textos selecionados, XXVIII Encontro Nacional da APL, ed. F. Silva, I. Falé & I. Pereira, Coimbra: Associação Portuguesa de Linguística.

RUTE ROSA e MATILDE GONÇALVES

Gêneros de texto e as dimensões do suporte

Inscribendo-se no âmbito da Linguística do Texto e do Discurso, este trabalho foca uma questão ainda pouco trabalhada nos atuais campos de estudo dos gêneros: as relações entre gêneros e suporte. De entre as perspectivas teóricas que acolhem a noção de gênero, privilegiamos a que é apresentada e defendida por Coutinho (2005: 73-88).

Atualmente, é consensual que o suporte é essencial para a circulação dos textos na sociedade, constituindo uma das propriedades dos gêneros e um dos marcadores materiais que maior influência tem nos textos (Marcuschi, 2003; Miranda, 2010). Para Maingueneau (2002: 68), uma mudança de suporte pode modificar um gênero. Segundo Marcuschi (2003: 10), embora o suporte tenha influência na natureza do gênero, isto não significa que o suporte determine o gênero, mas sim que o gênero exige um determinado suporte. Todavia, como observa o autor, este ponto de vista é questionável, dado que existem casos em que o suporte determina a distinção do gênero. Além disso, a tradicional oposição oral/escrita é uma distinção simplificadora e sumária, pois não contempla, por exemplo, as diferenças entre os textos impressos e manuscritos (Maingueneau, 2002: 70), sendo também, assim, insuficiente para dar conta das relações entre gêneros e suporte. Na nossa perspectiva, para tal, é necessário distinguir as dimensões inerentes a esta propriedade genológica. Neste sentido, a partir de trabalhos desenvolvidos no âmbito de uma tese de doutoramento (2016-2019), de um pós-doutoramento (2010-2018) e de um projeto de investigação financiado sobre divulgação de ciência (2016-2017), o nosso objetivo é apresentar uma proposta de classificação das dimensões do suporte. Neste âmbito, distinguimos quatro dimensões: contexto, tipo, formato e material. A dimensão contexto permite distinguir os suportes de produção, circulação e receção, tendo em conta que estes podem ou não ser coincidentes, consoante o gênero. Na segunda dimensão, distinguimos quatro tipos de suporte (manuscrito, impresso, digital e oral). Alguns gêneros admitem apenas um tipo de suporte na produção, mas diferentes tipos no contexto de circulação, como, por exemplo, o artigo científico (digital e impresso) e a entrevista (oral, digital, impresso). A terceira dimensão diz respeito ao formato e a quarta ao material, dado que alguns gêneros estão associados a formatos de materiais específicos, como, por exemplo, a embalagem medicamento, embora o texto do gênero seja produzido num formato digital, é o formato e material de circulação (embalagem em cartão) que assegura o funcionamento social do gênero. Em suma, as relações entre gêneros e as dimensões do suporte não são aleatórias, pois cada gênero tem os seus tipos, formatos e materiais de suporte, consoante o contexto (produção, circulação e receção).

Palavras-chave: linguística do texto e do discurso, gêneros de texto, suporte

Referências

- Bronckart, J-P. ([1997]1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Raquel Machado. São Paulo: EDUC.
- Bronckart, J.-P. 2008. "Genres de textes, types de discours, et «degrés» de langue. Hommage a François Rastier". In *Texto! Textes et cultures*, vol. 13, nº. 1.
- Coutinho, M. A. 2005. "Para uma linguística dos gêneros de texto". In *Diacrítica* 19, 1: pp. 73 -88.

- Gonçalves. M., Rosa, R. (submetido) "O suporte digital na leitura e compreensão textual". In Atas do IV Congresso internacional pelos Mares da língua portuguesa.
- Gonçalves. M., Magalhães, M. (submetido) "Corpus e géneros textuais nas práticas de divulgação de ciência ou as novas hierarquias na construção do conhecimento". In Revista da Associação Portuguesa de Linguística.
- Maineuneau, D. 2002. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez Editora.
- Marcuschi, L. A. 2003. "A questão do suporte dos géneros textuais". In DLCV - vol. 1, n.º 1, João Pessoa, pp. 9-40.
- Miranda, F. 2010. Textos e géneros em diálogo: uma abordagem linguística da intertextualização. Lisboa: FCT/FCG.
- Rosa, R. 2018. "The attribution of genre tags: the graffiti case". In Coutinho, M. A., et al. (Eds.). Grammar and Text: Selected Papers from the 10th and 11th Fora for Linguistic Sharing. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholar Publishing: pp. 88-104

O projeto Edição Digital dos Vocabulários da Academia das Ciências: o VOLP-1940

Este artigo apresenta o projeto *Edição Digital dos Vocabulários da Academia das Ciências*, que visa a digitalização de obras lexicográficas portuguesas de referência, especificamente os vocabulários académicos existentes apenas em formato papel, com vista à criação de um *corpus* lexicográfico digital que reúna as versões impressas de todos os vocabulários da Academia das Ciências de Lisboa (ACL), as edições de 1940, 1947, 1970, e, por último, a de 2012. A primeira fase inicia com o trabalho sobre o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP-1940), o nosso caso de estudo.

Projeto VOLP-1940

1. Descrição: O projeto tem origem na assinatura de um protocolo entre a ACL e a FCSH NOVA, por intermédio do CLUNL, que estabelece as bases de cooperação entre as duas instituições com vista à partilha de informações e outras formas de cooperação, bem como a promoção de projetos comuns nas áreas da Lexicografia e da Terminologia.

No acervo lexicográfico português, o VOLP-1940, com a chancela da ACL e publicado pela Imprensa Nacional de Lisboa, representa uma parte fundamental do património cultural português, sendo o primeiro vocabulário ortográfico com a chancela da ACL, de carácter normativo, de um só volume num total de 821 páginas. Tem grande valor histórico, pois serviu como ferramenta para discutir uma nova medida ortográfica entre ACL e Academia Brasileira de Letras, que veio a resultar na convenção ortográfica luso-brasileira de 1945 em vigor até 2011.

O VOLP-1940 estrutura-se em duas secções: (i) vocabulário geral; (ii) vocabulário onomástico; iii) anexo de abreviaturas de uso corrente. Em termos de ortografia, segue a base da reforma de 1911, recorrendo ainda a outras duas bases acessórias: a de 1920 e o Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro de 1931. A nomenclatura abrange a língua portuguesa moderna, isto é, o período linguístico que decorre do século XVI até 1940 (ver Anexo 1).

Uma entrada, na sua forma típica, inclui os seguintes elementos: lema, ortoépia (apenas nas palavras de pronúncia duvidosa ou determinados timbres), categoria gramatical, variantes ortográficas, indicações morfológicas e de uso e, ocasionalmente, significado.

2. Objetivos: Como objetivos principais, definimos: i) tornar os recursos lexicográficos académicos acessíveis a toda a comunidade; ii) melhorar a consistência dos metadados originais, conforme as recomendações TEI – formato TEI Lex-00¹ –, garantindo a acessibilidade ao conteúdo do património cultural e sua reutilização em simultâneo; iii) descrever a anotação linguística para um posterior enriquecimento semântico da base textual informatizada; iv) acrescentar novos metadados.

3. Metodologia: Em termos metodológicos, a nossa atenção recai sobre: i) métodos usados para criar o VOLP-1940 retrodigitalizado, com identificação dos seus componentes estruturais após OCR; ii) organização das informações lexicais e sua representação em TEI (ver Anexo 2). Usando a metodologia e as melhores práticas das Humanidades Digitais, a nossa análise centra-se na anotação linguística, observando relações

¹ : Temos participado da discussão TEI Lex-0, uma versão simplificada das diretrizes TEI, simplificada e aprimorada para uso regular e para melhorar a interoperabilidade:

<https://github.com/DARIAHERIC/lexicalresources/tree/master/Schemas/TEILex0>

relevantes entre as unidades lexicais que constituem um lema. Num futuro próximo, pretendemos criar: (i) um banco de dados de relações semânticas (por exemplo, sinónimos, hipónimos) e lexicais (por exemplo, referências cruzadas) e informações terminológicas; e (ii) *links* para recursos digitais externos e para as entradas do dicionário sob revisão. Esses recursos adicionam vantagens significativas aos resultados da pesquisa (ver Anexo 3).

Nesta apresentação, pretendemos abordar os seguintes tópicos: a marcação do texto em XML segundo TEI Lex-0 Guidelines e apresentar o modelo de codificação predefinido sob o ponto de vista do tratamento computacional e linguístico tomando como referência uma amostra de entradas selecionadas para o efeito.

Palavras-chave: Lexicografia, vocabulários, *Text Encoding Initiative* (TEI), anotação linguística, Humanidades Digitais. 2

Referências bibliográficas

VOLP-1940 = Academia das Ciências de Lisboa (1940): *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Bański, P., Bowers, J., and Erjavec, T. (2017). "TEI-Lex0 guidelines for the encoding of dictionary information on written and spoken forms". In *Electronic Lexicography in the 21st Century: Proceedings of eLex 2017 Conference*, pp. 485-94.

Bowers, J., Romary, L. (2018). "Bridging the Gaps between Digital Humanities, Lexicography, and Linguistics: A TEI Dictionary for the Documentation of Mixtepec-Mixtec". In *Dictionaries: Journal of the Dictionary Society of North America*, Dictionary Society of North America, 39(2), pp.79- 106, <https://hal.inria.fr/hal-01968871/document>.

Costa, R. (2013). "Terminology and specialised lexicography: two complementary domains". In *Lexicographica*, 29, pp. 29-42.

Costa, Rute (2017). "Les normes en terminologie. Que faire des synonymes?". In *Cahiers de Lexicologie*, 1(110), pp. 45-57. ISBN 978-2-406-07056-6.

Ide, N., Pustejovsky, J. (eds.) (2017). *Handbook of Linguistic Annotation*. Dordrecht: Springer. ISBN: 978-94-024-0879-9.

Romary, L. (2015). "TEI and LMF crosswalks". In *Digital Humanities: Wissenschaft vom Verstehen*. Berlin: Humboldt Universität zu Berlin, <hal-00762664v2>.

Simões, A., Almeida, J. J., Salgado, A. (2016). "Building a Dictionary using XML Technology". In *5th Symposium on Languages, Applications and Technologies (SLATE'16)*, vol. 51 of Open Access Series in Informatics (OASICS), pp. 14:1-14:8. Germany: Dagstuhl. Schloss Dagstuhl-Leibniz- Zentrum fuer Informatik. DOI: <http://dx.doi.org/10.4230/OASICS.SLATE.2016.14>.

Tasovac, T. (2010). "Reimagining the Dictionary, or Why Lexicography Needs Digital Humanities". In *Digital Humanities 2010*, pp. 254-256.

TEI Consortium (ed.): TEI P5: Guidelines for Electronic Text Encoding and Interchange. TEI Consortium, <http://www.tei-c.org/Guidelines/P5/>

ANA ESPÍRITO SANTO

Relativas cortadoras: mover e cortar ou cortar antes de mover?

Em português, as frases relativas preposicionadas são canonicamente produzidas com recurso ao arrastamento de preposição com constituinte relativizado para a periferia esquerda da frase (pied-piping), como em (1):

(1) O livro de que o Pedro gosta _ está em promoção.

No entanto, a língua portuguesa disponibiliza duas estratégias não canónicas e já bastante estudadas na literatura (Alexandre, 2000; Arim, Ramilo, & Freitas, 2004; Aßmann & Rinke, 2017; Peres & Móia, 1995; Santos, 2014, entre outros), nomeadamente, a estratégia resumptiva, que consiste em inserir um constituinte lexical na posição de origem relativizada (2), e a estratégia cortadora, que passa pela omissão da preposição selecionada pelo verbo da oração relativa (3):

(2) O livro que o Pedro gosta dele está em promoção.

(3) O livro Ø que o Pedro gosta [de]_ está em promoção.

A estrutura representada em (3) é cada vez mais frequente na oralidade e na escrita, sobretudo quando a preposição apagada é a preposição de e quando esta é subcategorizada por razões estritamente funcionais, ocorrendo em contextos desprovidos de peso semântico, como com os verbos gostar, falar, precisar e necessitar. No entanto, os investigadores não estão de acordo quanto a todos os contextos preferenciais em que esta estratégia ocorre. Por exemplo, segundo Aßmann & Rinke (2017), a preposição que introduz o objeto indireto (a) é uma das mais omitidas; já para Veloso (2007, 2013), este é um dos contextos em que a preposição tem menor propensão para o apagamento.

A derivação sintática das frases relativas cortadoras também não é consensual, podendo implicar ou não o movimento da preposição para a periferia esquerda da frase (Klein, 1993; Tarallo, 1985 entre outros). Assim, pode admitir-se que estas frases têm uma estrutura semelhante à das relativas de sujeito/objeto direto, com que inserido em Spec,CP (Brito, 1988), ocorrendo o apagamento da preposição antes do movimento do DP (cf. Alexandre,

2012, para o crioulo de Cabo Verde). Outra possibilidade será uma derivação equivalente à das frases relativas preposicionadas com pied-piping. Neste caso, a preposição seria movida no PP deslocado e depois cortada. Finalmente, estas frases podem apresentar uma derivação semelhante à das resumptivas, sem movimento (Alexandre, 2000), sendo o apagamento da preposição e do pronome determinado por questões de interpretação.

Com esta comunicação, pretende-se enriquecer o debate sobre as relativas cortadoras, discutindo as diferentes propostas para a sua derivação sintática e procurando trazer novos dados que permitam contribuir para o esclarecimento dos princípios que determinam a sua ocorrência cada vez maior no PT contemporâneo.

Palavras-chave: relativas cortadoras, relativas, sintaxe

Referências bibliográficas

- Alexandre, N. (2000). A Estratégia Resumptiva em Relativas Restritivas do Português Europeu. Universidade de Lisboa.
- Alexandre, N. (2012). The Defective Copy Theory of Movement. Evidence from WhConstructions in Cape-Verdean Creole. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Arim, E., Ramilo, M. C., & Freitas, T. (2004). Estratégias de relativização nos meios de comunicação social portugueses. Actas Do XIX Encontro Nacional Da APL, 279–288.
- Aßmann, E., & Rinke, E. (2017). Relative clauses in a spoken corpus of European Portuguese: identifying the factors determining their variation. *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos Da Universidade Do Porto*, 12, 9–39.
- Brito, Ana Maria (1988). A sintaxe das Orações Relativas em Português. Tese de doutoramento. Porto: Universidade do Porto.
- Klein, E. C. (1993). Toward Second Language Acquisition. A Study of Null-Prep. (T. Roeper & K. Wexler, Eds.). Dordrecht: Springer Netherlands.
- Peres, J. A., & Mória, T. (1995). Áreas Críticas da Língua Portuguesa. Lisboa: Editorial Caminho.
- Santos, C. S. (2014). Relativas cortadoras no português europeu falado: interação com as variáveis sociais. Universidade do Minho.
- Tarallo, F. (1985). The filling of the gap: pro-drop rules in Brazilian Portuguese. In L. King & C. Maley (Eds.), *Selected Papers from the XIIth Linguistic Symposium on Romance Languages* (pp. 355–375). Amsterdam: John Benjamins.
- Veloso, R. (2007). Orações relativas em contextos apresentativos: dados de um corpus oral. *Comemorações Dos 75 Anos Do CLUL*.
- Veloso, R. (2013). Subordinação relativa. In E. Paiva Raposo, M. F. Bacelar do Nascimento, M. A. Coelho da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Eds.), *Gramática do Português* (pp. 2061–2136). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

DIANA SANTOS, CLAUDIA FREITAS, EMANOEL PIRES, JOÃO MARQUES LOPES e REBECA SCHUMACHER FUÃO

Periodização automática: estudos linguístico-estatísticos de literatura lusófona

Neste artigo usamos um conjunto de características sintático-semânticas da língua portuguesa para classificar em períodos literários dois conjuntos de obras.

O primeiro corresponde à replicação do trabalho relatado em 2019 por Barufaldi et al., que usaram métodos de compressão de dados sobre uma série de obras brasileiras classificadas em quatro períodos literários: barroco, arcadismo, romantismo e realismo, desde o Padre António Vieira até Raul Pompéia, contabilizando 15 autores diferentes e totalizando 37 obras.

O segundo inclui muito mais obras, tanto portuguesas como brasileiras, mas apenas integra romances ou novelas publicadas no período de 1840 a 1919, seguindo a proposta de Santos et al. (2018) inspirada por Moretti (2000). As escolas literárias escolhidas foram o realismo, o romantismo, o simbolismo, o naturalismo, o decadentismo, e o modernismo, mas, ao contrário da classificação anterior, considerámos a possibilidade de uma mesma obra pertencer a várias escolas.

Em ambos os casos calculámos um conjunto extenso de características de cada texto que nos pareceram de interesse para uma possível descrição do estilo, desde o número de pronomes pessoais de primeira pessoa, passando pelos verbos *diciendi*, à menção do campo da saúde/doença ou de algumas emoções.

Usando os valores obtidos para estas características, aplicámos as seguintes técnicas estatísticas de classificação: análise de discriminantes com base em componentes principais, máquinas de vetores de apoio (support vector machines), ver Baayen (2008).

Além disso, fizemos uma análise de temas («topic modelling»), ver Jockers (2013), dos vários conjuntos de obras de cada escola.

Neste resumo apresentamos algumas figuras associadas ao primeiro conjunto de obras, usando o ambiente R (R Development Core Team, 2008). No artigo detalharemos a obtenção das características linguísticas e discutiremos os resultados e aquilo que nos permitem concluir para a análise literária.

Palavras-chave: literatura lusófona, classificação automática, corpos linguísticos, leitura a distância

Referências

Baayen, Harald. *Analyzing Linguistic Data: A practical introduction to Statistics using R*. Cambridge University Press, 2008.

Barufaldi, Bruno, Eduardo F. Santana, José Rogério B. B. Filho, Jan Kees van der Poel, Milton Marques Júnior & Leonardo Vidal Batista. "Classificação Automática de Textos por Período Literário Utilizando Compressão de Dados Através do PPM-C", STIL 2009, The 7th Brazilian Symposium in Information and Human Language Technology, September 8-10, 2009.

Jockers, Matthew L. *Macroanalysis: Digital methods and literary history*. University of Illinois Press, 2013.

Moretti, Franco. "Conjectures on world literature", *New Left review* 1, Jan-Feb 2000, pp. 54-68.

Santos, Diana, Cláudia Freitas & João Marques Lopes. "Comparando a literatura lusófona com outras literaturas: recursos para leitura a distância em português".
In Suemi Higuchi & Cláudio José Silva Ribeiro (eds.), *I Congresso Internacional em Humanidades Digitais no Rio de Janeiro (HdRio2018)*, CPDOC/FGV, 2018, pp. 375-383.

R Development Core Team. *R: A Language and Environment for Statistical Computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2008

ISABEL SEARA

“Isto Stalin(do), está!” – Análise discursiva da violência verbal nas redes sociais

A reflexão sobre a dimensão da violência verbal nos discursos e, nomeadamente, nas redes sociais, impõe-se nos estudos do discurso pela necessidade de compreender o fenómeno na perspetiva da sua produção e do seu funcionamento para que se possa doravante equacionar a sua prevenção na construção quer da identidade individual, quer social.

Neste estudo, pretende-se proceder a uma análise da construção interativa do discurso em interações conflituosas nas redes sociais, procedendo a uma reflexão sobre a violência verbal, do ponto de vista linguístico.

O enquadramento teórico deste estudo parte de uma concepção interacionista e sócio-pragmática da língua (Kerbrat-Orecchioni 1992, 2001), convocando conceitos da análise conversacional, das teorias da cortesia (Brown & Levinson 1987, Kerbrat-Orecchioni 2004, Marques 2008), da análise sociolinguística (Auger, Fracchiola, Moïse e Schultz-Romain, 2008, e Fracchiola et al. (éds) 2013) e, naturalmente, da preservação das faces (Brown & Levinson 1987, Goffman 1973, 1974), privilegiando uma análise pragmática dos atos de fala que incidem na qualificação pejorativa e injuriosa do outro, incidindo nos FTAs (Face Threatening acts).

Partindo do pressuposto de que a violência verbal deve ser analisada a através da “montée en tension contextualisée” (Fracchiola et al 2013), serão analisados os marcadores discursivos de ruptura, os atos depreciativos, as expressões que potenciam o conflito verbal.

Conhecendo a complexidade do fenómeno da violência verbal, e sendo esta constitutiva dos discursos dos movimentos sociais, contestatários, este estudo pretende analisar algumas estratégias verbais, expressas nomeadamente por atos como chantagens, insultos (graves e reiterados), ameaças, instigação à discriminação, a partir do modelo elaborado pelo Groupe de Recherche sur la Violence Verbale (Fracchiola et al 2013) que distingue duas formas de violência verbal: uma intencional (deliberadamente pensada pelo locutor) e a outra não-intencional (menos explícita na enunciação, mas sentida e interpretada como tal pelo receptor).

O *corpus* para este estudo foi recolhido nas redes sociais, nos meses de abril e maio de 2019, sendo o tema escolhido um tema fraturante quer a nível partidário, quer a nível social (o tempo de contagem de tempo de serviço dos professores em Portugal). Por sua vez, o método de análise será o da análise das interações numa perspetiva pragmático-discursiva, destacando a finalidade ilocutória, a partir da formulação direto/indireto e identificando o(s) tipo(s) de violência verbal (fulgurante, polémica ou dissimulada), de acordo com o quadro teórico mencionado.

Palavras-chave: violência verbal, análise pragmático-discursiva, FTAs - atos ameaçadores da face, redes sociais

Referências bibliográficas:

- Auger, N. Fracchiola, B., Moïse, C. e Schultz-Romain, C. (2008). De la violence verbale: pour une sociolinguistique des discours et des interactions. Congrès Mondiale de Linguistique Française. Disponível em: <https://www.linguistiquefrancaise.org/>, consultado em 4 de abril de 2019.
- Brown, P & Levinson, S. (1987). Politeness. Some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fracchiola et al (2013) Violences Verbales. Analyses, enjeux et perspectives. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

- Goffman, E. (1973), *La mise en scène de la vie quodienne*, Paris: Minuit.
- Fracchiola, E. (1974). *Les rites d'interaction*. Paris: Minuit.
- Mateiu, Iuliana-Anca (2016). "Violence Verbale em mileu scolaire: aspects génératifs et fonctionnels". *Studii de lingvística* 6, pp. 61-83.
- Kerbat-Orecchioni (1992). *Les Interactions Verbales*, Tome II, Paris: Armand Colin.
- Kerbat-Orecchioni (2001) *Les actes de langage dans le discours. Théorie et fonctionnement*. Paris: Nathan.
- Kerbat-Orecchioni (2004) "Es universal la cortesía?". In BRAVO, D. & BRIZ, A. *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de la cortesía en español*. Barcelona: Ariel, pp. 39-54.
- Marques, M. A. (2008). "Quando a cortesía é agressiva. Expressão de cortesía e imagem do outro". IN OLIVEIRA, F. & DUARTE; I.M. (org.) *O Fascínio da Linguagem. Actas do Colóquio de homenagem a Fernanda Irene Fonseca*, pp. 277-296.
- Seara, I.R. & Cabral, A.L.T. e Guaranha, M.F. (orgs). (2017). *(Des)cortesía: expressão de culturas*. São Paulo: Cortez Editora.

AUGUSTO SOARES DA SILVA, SUSANA AFONSO e DAFNE PALÚ

Variação nas construções relativas preposicionais em português europeu e brasileiro: análise multifatorial de corpus da variação entre relativas padrão, cortadora e resuntiva

Em português, tal como noutras línguas, existe variação entre três construções relativas preposicionais, como exemplificado em (1)-(3), tradicionalmente designadas relativa padrão (ou relativa “pied-piping”) (1), relativa cortadora (2) e relativa resuntiva (3).

(1) Ô Ney, o homem é produto do meio em que vive. (PB, NURC-RJ)

(2) a. [...] porque há uma canção que eu gosto muito. (PE, C-Oral)

b. O primeiro restaurante que comemos foi horrível. (PB, Google)

c. Dieta que morre de fome não rola. (PB, Google)

(3) [devido] a umas algas que agora esquece-me o nome delas. (PE, CRPC)

A relativa com a presença da preposição, considerada a construção padrão, é mais usada por falantes escolarizados e no registo formal e ocorre mais frequentemente no português europeu (PE) do que no português brasileiro (PB). As relativas cortadora e resuntiva são consideradas construções marginais ou não canónicas, sobretudo no PE (Raposo et al. 2013: 2127-2133). A relativa cortadora é bastante produtiva no PB, já desde os finais do séc. XIX, a ponto de ter sido descrita como uma inovação do PB (Tarallo 1983, Kato 1993), tendo-se tornado recentemente produtiva em PE (Peres & Móia 1995; Arim, Ramiro & Freitas 2005). A relativa resuntiva, que ocorre também em contextos não preposicionais, é a construção menos produtiva tanto em PE como em PB e é sentida, sobretudo no PE, como mais marcada ou desviante (Alexandre 2000). Os estudos existentes sobre esta variação ora apontam as diferenças de registo e a mudança em curso (PE) ou mais antiga (PB), ora a descrevem em termos formais, como resultado da aplicação de regras de “wh-movement” e “raising” (Tarallo 1983, Brito 1991, Kato 1993, Kenedy 2017).

Neste estudo argumentaremos que a variação entre estas três construções relativas é determinada, não apenas por fatores estruturais, mas sobretudo por fatores cognitivos e sociais, particularmente semânticos, pragmático-discursivos e sociolinguísticos. Assumindo uma perspetiva cognitiva e funcional, o estudo desenvolve uma análise qualitativa e multifatorial baseada em perfis (traços de uso) de dados de um corpus, complementada por uma análise quantitativa através de técnicas estatísticas avançadas (análise de correspondências múltiplas e regressão logística). O corpus inclui dados escritos e orais do PE e do PB das décadas de 70 e 2000. Cerca de 800 ocorrências das três construções relativas preposicionais em contextos de verdadeira alternância são anotadas com base em fatores como animacidade, especificidade, papel sintático/semântico do antecedente nominal, tipo de preposição e valência sintática e semântica do predicado da oração relativa.

Procuraremos mostrar que a despronominalização e a gramaticalização do pronome relativo como complementador facilitou as estratégias não canónicas e abriu caminho a relações semânticas e pragmáticas mais flexíveis entre o antecedente nominal e a oração relativa. A oração relativa envolve uma relação de ponto de referência (Langacker 1993) entre um nome/tópico e uma proposição, sendo esta interpretada com base no quadro conceptual daquele. Assim, a interpretação da relativa cortadora depende da capacidade de atribuir um papel semântico único ao antecedente nominal dentro do seu quadro conceptual e em relação semântica com o predicado relativo. Isto acontece quer nos casos em que o antecedente nominal é complemento do verbo da oração relativa (2a) ou adjunto (2b), quer quando não há qualquer relação sintática entre

antecedente nominal e predicado da oração relativa (2c). Esta última construção envolve um processo de integração conceptual (Fauconnier & Turner 2002, Nikiforidou 2005). Finalmente, mostraremos que a relativa resuntiva responde ao princípio cognitivo de acessibilidade do referente (Ariel 1991) e que quanto maior for o nível de sedimentação (“entrenchment”) cognitiva (Wiechmann 2015) maior será a probabilidade das estratégias cortadora e resuntiva.

Palavras-chave: construções relativas, relativa cortadora, relativa resuntiva, variação construcional, Português Europeu, Português Brasileiro

Referências

- Alexandre, N. (2000). A estratégia resumptiva em relativas restritivas do Português Europeu. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Ariel, M. (1991). The function of accessibility in a theory of grammar. *Journal of Pragmatics* 16, 443-463.
- Arim, E., M. Ramiro & T. Freitas (2005). Mudança em curso e os média: o caso das relativas. In M. H. Mateus & M.F. Nascimento (eds.), *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Caminho.
- Brito, A.M. (1991). *A Sintaxe das Orações Relativas em Português*. Lisboa: INIC.
- Fauconnier, G. & M. Turner (2002). *The Way we Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books.
- Kato, M. (1993). Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In I. Roberts & M. Kato (eds.), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 223-261.
- Kenedy, E. (2017). *A Língua Portuguesa no Brasil e em Portugal. O caso das orações relativas*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Langacker, R.W. (1993). Reference point constructions. *Cognitive Linguistics* 4 (1): 1-38.
- Nikiforidou, K. (2005). Conceptual blending and the interpretation of relatives: A case study from Greek. *Cognitive Linguistics* 16 (1): 169-206.
- Peres, J. A. & T. Mória (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Raposo, E.P., M.F. Nascimento, M.A. Mota, L. Segura & A. Mendes (2013). *Gramática do Português*. Vol. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tarallo, F. (1983). *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Ph.D. dissertation. Philadelphia: University of Pennsylvania.
- Wiechmann, D. (2015). *Understanding Relative Clauses: A Usage-Based View on the Processing of Complex Constructions*. Berlin/Boston: Mouton De Gruyter.

CARLOS SILVA

Sobre a representação fonológica do morfema de plural do português

Ao contrário do género, a natureza flexional do plural é (praticamente) incontestada. A maior parte dos autores (Vázquez Cuesta & Luz 1971; Villalva 2000, Andrade 1977; Mateus et al. 2003), concorda em representar o morfema de plural com -s, ainda que se discuta, para alguns casos, a maneira como a forma de plural e de singular se relacionam fonologicamente (Morales-Front & Holt, 1997; Schwindt & Wetzels 2016).

De facto, ao observar os alofones [z], [ʒ] e [ʃ], a análise tradicional (Mateus & Andrade 2000) propõe uma fricativa coronal /S/, subespecificada quando a [voz] e a [ant], como representação fonológica do morfema. Esta proposta obriga os casos problemáticos de formação do plural, nomeadamente, 1) o plural dos nomes acabados em -ão, 2) o plural dos nomes acabados em -r ou -S e 3) o plural dos nomes acabados em -l, a serem analisados com referência a alterações fonológicas do marcador de classe e outras. Gera-se ainda o problema de englobar na proposta alguns dialetos insulares e continentais que formam plural com [j] (Segura & Saramago 1999).

No presente trabalho, pretendemos reanalisar os problemas acima expostos, à luz da fonologia dos elementos (Schane 1984, Backley 2011) e da fonologia lexical (Kiparsky, 1982; Mohanan, 1986), sugerindo a adição de um autosegmento palatal à forma fonológica desde morfema; isto é, averiguaremos em que medida a representação /{I}S/, como forma sincrónica, ajuda a otimizar a análise da formação do plural em português e a “desfazer” algumas aparentes irregularidades. Por fim, cruzaremos esta proposta de representação com dados das propostas teóricas feitas até ao momento (Velooso 2005), da aquisição (Castro 2010) e da dialetologia (Velooso & Martins 2013), de modo a apurar a sua vantagem descritiva.

120

Palavras-chave: morfofonologia, plural, autosegmento, palatalidade, arquifonema

Referências

- Andrade, E. 1977. Aspects de la phonologie (générative) du portugais. Lisboa: CLUL.
- Backley, P. (2011). An Introduction to Element Theory. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Kiparsky, P. (1982). Lexical phonology and morphology. In Yang. Linguistics in the morning calm. Seoul: Hanshin.
- Mateus, M. & Andrade, E. (2000). The Phonology of Portuguese. New York: Oxford University Press.
- Mateus, M. et al. (2003). Gramática da Língua Portuguesa. 5ª ed. Lisboa: Caminho.
- Mohanan, K. P. (1986). The Theory of the Lexical Phonology. Dordrecht: Reidel.
- Morales-Front, A. & Holt, E. (1997). On the interplay of morphology, prosody and faithfulness in Portuguese pluralization. In Fernando Martínez-Gil & Alfonso Morales-Front (eds.), Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages, 393–437. Washington, DC: Georgetown University Press.
- Schane, S. A. (1984). The Fundamentals of Particle Phonology. Phonology Yearbook 1. 129–155.

- Segura da Cruz, M. & Saramago, J. (1999). Açores e Madeira: Autonomia e coesão dialectais. In Isabel Hub Faria (ed.), *Lindley Cintra: Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, 707–738. Lisboa: Cosmos/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Schwindt, L. & Wetzels, L. (2016). The Phonology and Morphology of Inflection. In L. Wetzels, J. Costa & S. Mernuzzi (eds.) *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Munich: John Wiley & sons. 188-207.
- Vázquez Cuesta, P. & Luz, M. (1971). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
- Veloso, J. (2005). Estrutura interna e flexão de número dos nomes terminados em “-ão”: Onde reside a «irregularidade»? In Graça Rio-Torto, Olívia Figueiredo & Fátima Silva (eds.), *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, 325–338. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Veloso, J. & Martins, P. (2013). *Arquivo Dialetal do CLUP: Disponibilização on-line de um corpus dialetal do português*.
- Villalva, A. (2000). *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

MARIA DA PURIFICAÇÃO SILVANO E LUÍS FILIPE CUNHA

As propriedades temporais das orações infinitivas completivas e finais com para em Português Europeu

Embora, em Português Europeu, as construções finais com para + Infinitivo e as orações completivas de verbo introduzidas por para + Infinitivo sejam de natureza claramente distinta, tanto no que diz respeito à sua configuração sintática quanto no que se refere à sua caracterização semântica, não deixa, contudo, de ser verdade que partilham uma série de propriedades relevantes a que importa prestar alguma atenção. Nesse sentido, podemos afirmar que em ambos os casos (i) se verifica preferencialmente a localização da eventualidade expressa pela oração infinitiva num intervalo posterior ao da matriz, estejam em causa eventos (cf. (1)-(2)) ou estados (cf. (3)-(4)); (ii) a oração infinitiva alterna sistematicamente com orações finitas no modo conjuntivo (cf. (5)-(6)); (iii) nos referidos contextos não é possível, tipicamente, o surgimento de formas do infinitivo composto (cf. (7)-(8)).

Se, como os exemplos (1) a (8) parecem confirmar, existem semelhanças evidentes, a nível temporal, entre as construções finais e as orações completivas com para + Infinitivo, estas deveriam estar refletidas num tratamento semântico comum. O objetivo central do presente trabalho será, pois, o de desenvolver uma análise que permita dar conta, de uma forma unificada, das propriedades temporais das estruturas em causa.

Para tal, tomaremos como ponto de partida os seguintes pressupostos: (i) o Infinitivo Simples, no Português, mantém uma relação de sobreposição com o respetivo ponto de perspectiva temporal (Kamp & Reyle, 1993), exibindo, portanto, marcas de temporalidade, ainda que se revelem defetivas, em particular, ao não estabelecer uma relação direta com o momento de enunciação (cf. Stowell, 1982; Abusch, 2004; Wurmbrand, 2014; Cunha & Silvano, 2006, 2008; Oliveira, 2014); (ii) em circunstâncias adequadas, os traços temporais do infinitivo podem estar “não ativos”, caso em que é um outro elemento, por exemplo a oração matriz, que controla a localização da situação expressa na infinitiva (cf. Gonçalves, Cunha & Silvano, 2010; Duarte, Gonçalves & Santos, 2012, Magalhães, 2016).

Neste trabalho, propomo-nos investigar o comportamento semântico das frases com orações completivas introduzidas por dois grupos de verbos: verbos diretivos como dizer, pedir, rogar, solicitar, implorar, ordenar, insistir e verbos como contribuir, que revelam características sintáticas e semânticas algo divergentes. Em todas estas construções as orações completivas são precedidas por para, que, no primeiro, se comporta como complementador e, no segundo, é uma verdadeira preposição. Dado que, como já referimos anteriormente, na generalidade dos casos, se observa uma leitura prospetiva, interessa determinar quais os fatores que contribuem para tal interpretação.

Assim, e na sequência de trabalhos como os de Silvano & Cunha (2016), proporemos que a forma para – tanto quando surge como conjunção como quando ocorre enquanto complementador e mesmo como preposição – desempenha um papel fundamental, na medida em que exhibe um traço de [+Posterioridade] que irá condicionar a interpretação e as restrições de coocorrência manifestadas pelas construções em questão. Em particular, uma abordagem deste género permitirá (i) dar conta da proximidade que se verifica nas relações temporais envolvidas em orações finais e completivas com para; (ii) explicar a preferência pela prospetividade que se observa nos referidos contextos; e (iii) ajudar a justificar os fortes condicionalismos a que a seleção de para está sujeita.

- (1) O João saiu de casa para comprar pão. (e1 < e2)
- (2) A mãe disse ao João para comprar pão. (e1 < e2)
- (3) A Maria fechou-se no quarto para estar sozinha. (e < s)

- (4) A Maria pediu aos amigos para estar sozinha. (e < s)
- (5) O presidente fez um longo discurso aos eleitores para que votassem nas próximas europeias.
- (6) O presidente insistiu com os eleitores para que votassem nas europeias.
- (7) * O João saiu de casa cedo para ter ido ao jardim zoológico.
- (8) * O João insistiu com a mãe para ter ido ao jardim zoológico.

Palavras-chave: semântica, tempo, orações infinitivas completivas e finais, para

Referências

- Abusch, Dorit, (2004) "On the temporal composition of Infinitives". In Jacqueline Guéron & Jacqueline Lecarme (eds.), *The Syntax of Time*. Massachusetts. MIT Press: pp. 27-53.
- Cunha, Luís Filipe, & Purificação Silvano (2006) "A interpretação temporal dos infinitivos em orações completivas de verbo". In Joaquim Barbosa & Fátima Oliveira (Orgs.), *Textos Seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, APL / Colibri: pp. 303-314.
- Cunha, Luís Filipe, & Purificação Silvano (2008) "Algumas evidências em favor da existência de temporalidade no Infinitivo Simples". In Sónia Frota & Ana Lúcia Santos (Orgs.), *Textos Seleccionados do XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, APL / Colibri: pp. 179-191.
- Duarte, Inês; Anabela Gonçalves & Ana Lúcia Santos (2012) "Infinitivo flexionado, independência temporal e controlo". In Ana Costa, Cristina Flores & Nélia Alexandre (Orgs.), *Textos Seleccionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, APL / Colibri: pp. 217-234.
- Gonçalves, Anabela, Luís Filipe Cunha & Purificação Silvano (2010) "Interpretação temporal dos domínios infinitivos na construção de reestruturação do Português Europeu". In Ana Maria Brito, Fátima Silva, João Veloso & Alexandra Fiéis (Orgs.), *Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto, APL: pp. 435-447.
- Kamp, Hans & Reyle, Uwe (1993) *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.
- Magalhães, Ana (2016) *A preposição para e as subordinadas infinitivas completivas, relativas infinitivas e adverbiais finais – contrastes*. Dissertação de mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Oliveira, Inês (2014) *Usos Verbais e Nominais do Infinitivo em Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Silvano, Purificação, & Luís Filipe Cunha (2016) "Sobre a caracterização temporal de frases complexas com orações adverbiais finais com para em Português Europeu". In *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, n.º 2: pp. 381-402.
- Stowell, Tim (1982) "The tense of infinitives". *Linguistic Inquiry*, Vol. 13, n.º 3: pp. 561-570.
- Wurmbrand, Susi (2014) "Tense and Aspect in English infinitives". *Linguistic Inquiry*, Vol. 45, n.º 3: pp. 403-447.

DIANA SIMÕES, PAULA LUEGI e ARMANDA COSTA

Processamento e interpretação, em PE, de frases garden-path com um SN ambíguo: experiência de eyetracking

Nesta investigação, registámos os movimentos oculares de falantes nativos de Português Europeu (PE) aquando da leitura de frases garden-path (Frazier, 1978) (exemplo 1), com o intuito de avaliar os mecanismos cognitivos envolvidos no parsing sintático e na interpretação de frases temporariamente ambíguas. Estudos realizados em inglês (Engelhardt, 2014; Christianson et al., 2001; Ferreira & Henderson, 1991) e em português do Brasil (Ribeiro, 2012) analisaram estas estruturas e verificaram que o parser se compromete inicialmente com a estrutura sintática mais simples, que subsequentemente dá lugar a uma frase agramatical, que carece de sujeito (jogavam no parque), o que obriga a uma reanálise da frase: o verbo da primeira oração passa a intransitivo e o SN à sua direita ocupa o lugar e a função de sujeito da oração seguinte (o Luís passeava e os filhos jogavam). Esta estratégia inicial de parsing corrobora o uso de princípios económicos para a memória de trabalho, como o Late Closure (Frazier 1987). Para que estas frases sejam interpretadas corretamente, o mecanismo terá de rever a utilização do princípio LC, depois de o aplicar compulsivamente. Estudos realizados em torno destas construções, com apoio em dados sobretudo offline, chegaram à conclusão de que nem sempre a reanálise é bem-sucedida, propondo que o processamento da linguagem é, regra geral, good-enough, ou seja, superficial ou bom o suficiente para responder às exigências da tarefa em questão (Ferreira, Bailey, & Ferraro, 2002; Ferreira, Engelhardt, & Jones, 2009; Karimi & Ferreira, 2015). Com este trabalho, pretendemos contribuir para o enriquecimento do estudo das frases garden-path numa língua em que ainda não foram testadas, o PE.

(1) Logo pela manhã, enquanto o Luís passeava os filhos jogavam no parque.

(2) Logo pela manhã, enquanto o Luís passeava, os filhos jogavam no parque.

Testámos estruturas como as apresentadas acima em duas condições: na condição ambígua (1) e na condição não ambígua (2). O sintagma os filhos, em (2), é ambíguo, na medida em que virtualmente pode ser interpretado como objeto de passear (V1) ou como sujeito de jogar (V2). Esta interpretação será, à partida, bloqueada em (2) pela existência de uma vírgula, que marcará uma fronteira frásica, impedindo que passear selecione o sintagma em questão. Nas condições ambíguas, como em (1), é o facto de V1 (no exemplo, passear) ser um verbo opcionalmente transitivo que permite que o SN seguinte, como os filhos, possa virtualmente ocupar a posição de objeto e receber o papel de Tema. Esta é a estruturação frequentemente realizada em inglês e em PB – o parser vai integrando a informação à medida que esta aparece, sem esperar por material subsequente (princípio LC). Crê-se que estão implicados menos custos de processamento se se saturar a grelha argumental de passear, tomando-se o SN2 como objeto de V1, do que se se tomar o SN como sujeito de V2 (preferência por seleção de complemento verbal sobre a postulação de fronteira oracional). Todavia, a primeira interpretação torna-se insustentável dada a continuação da frase e o surgimento de verbo sem sujeito. Note-se que, para reposição da gramaticalidade, o SN os filhos tem obrigatoriamente de preencher a posição de sujeito da segunda oração. Note-se ainda que em (1) há expressamente a omissão da vírgula, para criar condições desfavoráveis ao parser e obrigá-lo a estruturar sem apoio em informação prosódica. A frase 2 surge como contraponto para controlo

(condição baseline). Cada um dos 28 participantes leu 24 frases experimentais, 12 na condição ambígua (frase 1) e 12 na não-ambígua (frase 2), e 48 frases distratoras (fillers). Todos os itens experimentais e metade dos fillers tiveram perguntas de compreensão. Foram criadas 4 listas para

que cada frase experimental pudesse ter associadas duas perguntas de compreensão, de resposta “sim” ou “não”, fundamentais para verificar se houve uma reanálise final correta das frases ou se o processamento foi apenas good-enough. Assim, metade dos sujeitos respondeu à pergunta: “o Luís passeava os filhos?” (P1) e a outra metade à pergunta: “os filhos jogavam no parque?” (P2). P1 testa se a primeira interpretação, à partida incorreta, persiste e se, na

reanálise, os filhos ainda é tomado como objeto de passear. P2, se o sintagma está a ser tomado corretamente como sujeito de uma nova oração, ou seja, se houve reanálise pelo menos parcial. Os estudos acima indicados dizem-nos que, o SN é, na maioria dos casos, reanalisado na posição de sujeito (elevada taxa de acerto na P2 nas duas condições). A questão reside em saber se o parser ultrapassou a análise inicial, incorreta, em que o SN foi tomado como objeto (P1). Na P1, são então esperadas diferenças significativas entre as condições: na condição ambígua, espera-se que haja mais erro na resposta do que na condição de controlo, indicando que, nalguns casos, o parser não recuperou totalmente da primeira análise, incorreta. Na condição não-ambígua, não se esperam tantos problemas, uma vez que essa interpretação de objeto será bloqueada pela vírgula. Os nossos resultados parecem corroborar os dos estudos mencionados: em P1, há efeito da condição: ambígua vs. não-ambígua ($p < 0.05$). Tal como esperado, há uma maior percentagem de respostas incorretas nas frases ambíguas (27%) do que nas não-ambíguas (18%), indicando que, em 27% dos casos, os sujeitos continuaram a tomar o SN os filhos como objeto, havendo apenas uma reanálise parcial. Em P2, também como esperado, não há diferenças significativas entre condições e as taxas de erro são reduzidas, 4% para ambíguas e 2% para não-ambíguas, revelando que, de facto, a interpretação de sujeito se manifesta na reanálise. Os dados da reanálise serão ainda analisados em diferentes perspetivas, com o foco nas reanálises parciais – aquelas em que se interpreta simultaneamente o SN como objeto e como sujeito, situação que acontece noutras línguas. Os dados dos movimentos oculares

serão discutidos à luz de questões como a universalidade dos princípios de processamento e os modelos modulares e interativos do processamento da informação.

Palavras-chave: português europeu, processamento, interpretação, frases *garden-path*, reanálise, teoria *good-enough*

Referências bibliográficas

- Christianson, K., Hollingworth, A., Halliwell, J. F., & Ferreira, F. (2001). Thematic Roles Assigned along the Garden Path Linger. *Cognitive Psychology*, vol. 42, 368-407.
- Engelhardt, P. E. (2014). Children's and Adolescents' Processing of Temporary Syntactic Ambiguity: An Eye Movement Study. *Child Development Research*, 1 - 13.
- Ferreira, F., & Henderson, J. (1991). Recovery from Misanalyses of „Garden-Path Sentences. *Journal of Memory and Language*, vol. 30, 725-745.
- Ferreira, F., Bailey, K., & Ferraro, V. (2002). Good-Enough Representations in Language Comprehension . *American Psychological Society*, vol. 11, no. 1, 11-15.
- Ferreira, F., Engelhardt, P. E., & Jones, M. W. (2009). Good Enough Language Processing: A Satisficing Approach. *Proceedings of the Annual Meeting of the Cognitive Science Society*, vol. 31, 413-418.
- Frazier, L. (1987). Sentence Processing: A Tutorial Review. In C. (Ed.), *Attention and Performance 12: The Psychology of Reading* (pp. 559-586). Hillsdale, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

- Karimi, H., & Ferreira, F. (2015). Good-enough linguistic representations and online cognitive equilibrium in language processing . The Quarterly Journal of Experimental Psychology, 1-28.
- Ribeiro, A. (2008). A abordagem good-enough e o processamento de frases do português do Brasil. Revista de Estudos Linguísticos - VEREDAS -, vol.12, n.º 2, 62 - 75.

JOANA TEIXEIRA

O efeito do ensino explícito no desenvolvimento de diferentes tipos de propriedades em L2: Sintaxe vs. sintaxe-discurso

Nas últimas décadas, diversos fatores têm sido apontados como potenciais variáveis moderadoras da eficácia do ensino explícito da gramática no contexto de aquisição de uma segunda língua (L2) (de Graaff & Housen, 2009). O tipo de propriedade alvo é um deles. Vários autores têm levantado a hipótese de que a eficácia do ensino explícito poderá variar em função da complexidade da propriedade linguística a ser aprendida (e.g. DeKeyser 2003; Spada & Tomita 2010). Todavia, os poucos trabalhos existentes sobre esta hipótese não são conclusivos (cf. de Graaf & Housen, 2009). Como Whong, Gil e Marsden (2014) salientam, um dos problemas centrais destes trabalhos é que não têm em conta os resultados da investigação generativa em aquisição de L2 na definição de complexidade linguística. Os trabalhos desenvolvidos nessa área têm mostrado que os domínios específicos envolvidos numa dada propriedade linguística influenciam o grau de dificuldade da sua aquisição (cf. Slabakova, 2008; Sorace, 2011). Há, por exemplo, muita evidência de que as propriedades estritamente sintáticas são mais fáceis de adquirir do que as propriedades na interface sintaxe-discurso, que, frequentemente, causam problemas até a falantes quase-nativos de L2 (Sorace, 2011). Estes resultados suscitam a seguinte questão: será que o sucesso do ensino explícito da gramática varia de acordo com a complexidade do(s) domínio(s) linguístico(s) envolvido(s) na propriedade alvo?

Com vista a responder a esta questão, que permanece por explorar, o presente estudo investiga o efeito do ensino explícito no desenvolvimento de dois tipos de propriedades em inglês L2 - português europeu (PE) L1: uma propriedade sintática – a agramaticalidade de inversão livre em inglês – e uma propriedade sintático-discursiva – a inaceitabilidade de inversão locativa em inglês com verbos que não sejam informacionalmente leves (i.e., com verbos que introduzem informação além da presença/existência do sujeito) (cf. Levin & Rappaport Hovav, 1995: 215-278). Estes são fenómenos em que o PE e o inglês divergem (cf. exemplos (1) e (2)) e que geram dificuldades aos aprendentes portugueses de inglês. Tipicamente, só eliminam a inversão livre das suas gramáticas num nível quase-nativo e nunca convergem completamente com a L2 no que diz respeito às propriedades sintático-discursivas da inversão locativa (Teixeira, 2018).

Participaram neste estudo 26 falantes nativos de inglês e 20 aprendentes portugueses de inglês que estavam a frequentar um curso de inglês B2.2 numa universidade portuguesa. Um teste de colocação em nível, o Oxford Quick Placement Test, determinou que 8 destes aprendentes tinham um nível C1 e 12 um nível B2. Eles foram divididos uniformemente em dois grupos: o grupo experimental, que recebeu ensino explícito sobre as propriedades alvo (90 min por propriedade), e o grupo de controlo, que não participou na intervenção didática, tendo assistido apenas às aulas regulares do curso. Ambos os grupos foram testados antes, imediatamente depois e cinco semanas depois da intervenção didática. A sua aprendizagem foi medida por tarefas de juízos de aceitabilidade rápidas, que são um tipo de tarefa validado como medida de conhecimento implícito (Bowles, 2011; Ellis, 2005). A tarefa sobre inversão livre cruzou as seguintes variáveis: ordem de palavras – SV vs. VS – e contexto discursivo – foco estreito no sujeito vs. foco largo (cf. tabela 1). A tarefa sobre inversão locativa testou se os aprendentes admitiam esta construção com verbos informacionalmente leves (inacusativos de existência e aparecimento e inergativos redundantes, i.e., inergativos que não expressam uma atividade prototípica do referente do sujeito) e verbos informacionalmente pesados (inacusativos de mudança de estado e inergativos não redundantes) (cf. tabela 2).

No pré-teste, o grupo de nativos aceitou ordens SV, rejeitou inversão livre e só admitiu inversão locativa com verbos informacionalmente leves. Em contraste, os grupos de L2 aceitaram quer inversão livre quer ordens SV e permitiram inversão locativa quer com verbos informacionalmente leves quer com pesados. Os pós-testes revelaram que o grupo controlo não melhorou ao longo do tempo e que o impacto do ensino explícito no grupo experimental variou de acordo com o tipo de propriedade alvo e o nível de proficiência. Quando tinha como foco a interface sintaxe-discurso, o ensino não produziu efeitos a longo prazo nos níveis C1 e B2. Já quando o foco era a sintaxe, o ensino resultou em ganhos duradouros no nível C1 e em nenhum ganho no nível B2. Em conjunto, estes resultados sugerem que a interface sintaxe-discurso poderá ser menos permeável a efeitos de ensino explícito do que a sintaxe. Sugerem ainda que a eficácia do ensino explícito depende do estágio de desenvolvimento em que os aprendentes estão.

Palavras-chave: aquisição de L2, sintaxe, sintaxe-discurso, ensino explícito da gramática

Referências

- Bowles, M. (2011). Measuring implicit and explicit linguistic knowledge: What can heritage language learners contribute? *Studies in Second Language Acquisition*, 33(2), 247-271.
- de Graaff, R., & Housen, A. (2009). Investigating the effects and effectiveness of L2 instruction. In M. Long & C. J. Doughty (Eds.), *The handbook of language teaching* (pp. 726-755). Chichester: Wiley-Blackwell.
- DeKeyser, R. M. (2003). Implicit and explicit learning. In C. J. Doughty & M. Long (Eds.), *The handbook of second language acquisition* (pp. 313-349). Oxford: Blackwell.
- Ellis, R. (2005). Measuring implicit and explicit knowledge of a second language: A psychometric study. *Studies in Second Language Acquisition*, 27(2), 141-172.
- Levin, B., & Rappaport Hovav, M. (1995). *Unaccusativity at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Slabakova, R. (2008). *Meaning in the second language*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Sorace, A. (2011). Pinning down the concept of 'interface' in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 1, 1-33.
- Spada, N., & Tomita, Y. (2010). Interactions between type of instruction and type of language feature: A meta-analysis. *Language Learning*, 60(2), 263-308.
- Teixeira, J. (2018). *L2 acquisition at the interfaces: Subject-verb inversion in L2 English and its pedagogical implications*. (PhD thesis), Universidade Nova de Lisboa, Portugal.
- Whong, M., Gil, K.-H., & Marsden, H. (2014). Beyond paradigm: The 'what' and the 'how' of classroom research. *Second Language Research*, 30(4), 551-568.

MARGARIDA TOMAZ, MARIA LOBO, ANA MADEIRA, CARLA SOARES-JESEL e STÉPHANIE VAZ

Efeitos de dominância linguística e de tempo de exposição formal à língua na produção de pronomes clíticos por crianças bilingues português/francês

Introdução: Este estudo procura avaliar a importância de duas variáveis extralinguísticas – dominância linguística e tempo de exposição formal à língua – na produção e colocação de clíticos de crianças bilingues português/francês. Tem-se discutido na literatura qual a importância destas variáveis no desempenho dos falantes bilingues. Alguns autores mostram que a baixa exposição ao ensino formal pode influenciar o desenvolvimento da competência linguística dos bilingues, uma vez que determinados aspetos gramaticais só são aprendidos com recurso ao ensino formal (Pires & Rothman, 2009). Contudo, o efeito de exposição formal não tem influência no desempenho da colocação de clíticos nos bilingues falantes de herança português-alemão estudados por Barbosa & Flores (2011). Almeida et al. (2017) mostram que a dominância linguística influencia o desempenho de bilingues em tarefas que exigem o uso de conhecimento lexical e morfossintático, mas não em tarefas que impliquem o uso de conhecimento fonológico, uma vez que este se desenvolve de forma mais rápida. Muller & Hulk (2001) não excluem a hipótese de que a dominância linguística possa ser importante, mas defendem que a influência interlinguística e causas estruturais tornam certos domínios da gramática mais vulneráveis a interações. Segundo Puig-Mayenco et al. (2018) e Polinsky (2016, 2018), certos domínios gramaticais não são vulneráveis a efeitos bilingues, mesmo nos casos em que há menos dominância de uma das línguas, enquanto outros domínios gramaticais são altamente sensíveis a efeitos bilingues. A importância da dominância linguística e da exposição formal no desenvolvimento de diferentes aspetos gramaticais continua, assim, a ser objeto de debate (Pires & Rothman 2011). Assim, neste estudo procurámos responder às seguintes questões: i) a dominância linguística influencia o desempenho dos participantes na produção e colocação de clíticos?; ii) o tempo de ensino formal influencia o desempenho dos participantes na produção e colocação de clíticos?

Metodologia: Participaram no estudo 49 crianças bilingues, com idades compreendidas entre os 3 e os 11 anos, residentes em França, expostas às duas línguas em casa, que frequentam uma classe portuguesa duas vezes por semana (6 horas) e uma classe francesa nos restantes dias, sendo a restante carga horária lecionada em francês. Os pais de algumas das crianças são falantes da variedade brasileira. A variedade falada na escola é o PE. Foram aplicados dois testes: 1) Teste de produção de clíticos; 2) Teste de colocação de clíticos. O tempo de exposição formal (TEF) foi calculado com base no número de anos que cada criança esteve exposta ao PE na classe portuguesa. Os falantes foram distribuídos por três grupos (Barbosa & Flores, 2011): 1: sem exposição formal/ até 1 ano de exposição formal; 2: entre 2 a 4 anos; 3: 5 ou mais anos. O índice de dominância linguística (IDL) foi calculado com base nas respostas dos pais a um questionário adaptado do LITMUS-PABIQ (Tuller, 2015). Através dos valores de IDL procedeu-se à distribuição dos falantes por cinco grupos: bilingues equilibrados (PE e PB), FR dominante, PE dominante e PB dominante.

Resultados e discussão: Quanto à variável IDL, no teste de produção (gráfico 1), verificamos que os participantes do grupo PE dominante produzem mais clíticos que todos os restantes grupos; o grupo FR dominante é o que apresenta taxas de omissão mais elevadas (ao contrário do que se passa com monolíngues, Varlokosta et al. 2015). No teste de colocação (gráfico 2), o grupo PE dominante apresenta um padrão de colocação mais próximo dos monolíngues: em contextos de ênclise a preferência por ênclise é categórica; em contextos de próclise os valores de ênclise e próclise são muito próximos, como nos monolíngues mais velhos. Os grupos FR dominante, PB dominante e o grupo de bilingues equilibrados (PB) têm preferência pela próclise. O grupo de bilingues equilibrados (PE), em contextos de ênclise, tem preferência pela ênclise; em contextos de

próclise mostra preferência por próclise (gráfico 2). Quanto à variável TEF, os resultados do teste de produção mostram que não existe efeito no grupo PE/FR. Para o grupo PB/FR parece haver efeito: aumento da taxa de produção de clíticos e diminuição da taxa de omissão (gráficos 3 e 4). Relativamente à colocação, apenas no grupo de bilingues PB/FR parece haver um efeito do TEF, com um aumento das taxas de ênclise no grupo 3 (gráfico 6). Nos bilingues PE/FR, o efeito do TEF não é tão claro (gráfico 5). Está ainda em curso análise estatística para determinação dos efeitos das diferentes variáveis. Contudo, os dados obtidos permitem concluir que a variável IDL parece ter mais influência no desempenho do que a variável TEF no grupo PE/FR. A aquisição de clíticos é efetuada sem recurso a exposição formal, pelo que o desenvolvimento da competência linguística dos bilingues não é influenciado por este fator, como propõem Pires & Rothman (2009) e Barbosa & Flores (2011). Contudo, o grupo PB/FR, exposto ao PE na escola, é sensível ao ensino formal, o que é esperado tendo em conta as diferenças entre PE e PB. Quanto à variável IDL, os dados parecem contradizer a hipótese de Müller & Hulk (2001), que propõem que a influência interlinguística se manifesta na interface entre dois módulos gramaticais. Considerando que a produção de clíticos envolve a interface sintaxe-discurso e que a colocação de clíticos em PE se rege por restrições sintáticas, podemos afirmar que estes domínios são ambos sensíveis a efeitos bilingues, como proposto em Puig-Mayenco et al. (2018) e Polinsky (2016, 2018).

Palavras-chave: aquisição, bilinguismo, dominância linguística, exposição formal, colocação de clíticos, omissão de clíticos, português europeu, português do Brasil, francês

Referências

- Almeida, L., Ferrré, S., Morin, E., Prévost, P., dos Santos, C., Tuller, L., et al. (2017). Identification of bilingual children with specific language impairment in France. *Linguist. ApproachesBiling.* 7, 3/4.
- Barbosa, Pilar & Cristina Flores (2011) Clíticos no português de herança de emigrantes bilingues de segunda geração. *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp 81-98.
- Müller, N. & Hulk, A. (2001). Crosslinguistic influence in bilingual language acquisition: Italian and French as recipient languages. *Bilingualism: Language and Cognition*, 4 (1), 1-21.
- Pires, A. and Rothman, J. (2009) Disentangling sources of incomplete acquisition: an explanation for competence divergence across heritage grammars. *International Journal of Bilingualism*, 13 (2). pp. 211-238.
- Pires, A., & Rothman, J. (2011). An integrated perspective on comparative bilingual differences: Beyond the Interface problem?. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 1(1), 74-78.
- Polinsky, M. (2016). "Cascading consequences of syntactic reorganization: Ellipsis in heritage languages," in Keynote Address at BUCLD 41 (Boston, MA).
- Polinsky, M. (2018). *Heritage Languages and their Speakers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Puig-Mayenco E, Cunnings I, Bayram F, Miller D, Tubau S and Rothman J (2018). Language Dominance Affects Bilingual Performance and Processing Outcomes in Adulthood. *Front. Psychol.* 9:1199.

Tuller, L. (2015). Clinical Use of Parental Questionnaires in Multilingual Contexts. *Assessing multilingual children: Disentangling bilingualism from language impairment*, 13, 301.

STÉPHANIE VAZ, MARIA LOBO e MARISA LOUSADA

Avaliação de narrativas orais em crianças falantes de português europeu: um teste piloto

Enquadramento: Embora existam muitos instrumentos internacionais, referenciados e validados para avaliar as competências de produção de narrativas (e.g. Renfrew, 1969; Gillam & Pearson, 2004, 2017; Bishop, 2004; Schneider, Dubé & Hayward, 2005; Seymour, Roeper & Villiers, 2005), não existe até ao momento um instrumento formal de avaliação da narrativa oral que tenha sido construído ou adaptado para o português europeu (PE). Vários trabalhos têm mostrado que existem correlações entre o desempenho em narrativas orais e competências de leitura e escrita, determinantes de sucesso académico (Dickinson & Freiberg 2009; de Villiers et al. 2010). A avaliação de narrativas orais tem mostrado ser relevante na caracterização de desenvolvimento típico e atípico (Botting 2002, Altman et al. 2016; Tsimpli et al. 2016), sendo um instrumento complementar na caracterização geral do perfil linguístico da criança e permitindo diferenciar grupos etários (McKeough, 2000; Dadalto & Goldfeld, 2009). Vários trabalhos têm mostrado que as narrativas produzidas podem ser afetadas pela estrutura eventiva da narrativa, pelo modo de aplicação da tarefa – conto ou reconto, entre outros fatores (e.g. Bishop & Edmundson, 1987; Zanotto, 2003; Nippold, et al., 2005; Cavalcante & Mandrá, 2010; Silva, 2013; Andrade, 2017, Balčiūnienė & Kornev 2016, entre outros). No presente trabalho, pretende-se apresentar uma primeira versão de um instrumento de avaliação de produções narrativas orais para crianças falantes de PE, que poderá ser usado em populações com perturbações da linguagem para auxiliar o diagnóstico e para planificar a intervenção.

Metodologia: A amostra deste estudo piloto consiste em 40 crianças (tendo sido testadas até ao momento 32 crianças) com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos de idade (cerca de 6 por cada faixa etária), de ambos os sexos, residentes em Sintra, Lisboa e Torres Novas, todas elas falantes monolíngues de PE. Foi aplicada também uma prova de Avaliação da Linguagem - Teste GOL_E – a todas as crianças permitindo avaliar as capacidades linguísticas, ao nível das estruturas: semântica, morfossintática e fonológica. A prova tem como objetivo a avaliação da linguagem expressiva, e deteta a existência de problemas que possam interferir na aprendizagem, possibilitando a correlação com os nossos resultados. Nesta fase piloto, foram testadas três histórias com diferentes graus de complexidade quanto às sequências de eventos e à complexidade linguística. Para cada história foram criadas: i) sequências de imagens ilustrativas, ii) uma narrativa que acompanha as imagens; e iii) perguntas de compreensão. Cada sequência de imagens foi testada como estímulo a conto ou como suporte a situação de reconto a diferentes grupos de crianças; todas as histórias foram aplicadas nas duas tarefas propostas (conto e reconto), sendo que cada grupo teve acesso a duas histórias, uma por cada tarefa. A prova foi aplicada em suporte digital e em papel, de forma individual e com recurso a gravação áudio. As produções das crianças foram transcritas e analisadas de acordo com parâmetros macroestruturais (componentes da estrutura da história: situação inicial; sequência de eventos; personagens; localização; problema e desfecho) e microestruturais (medidas de produtividade linguística da narrativa, referentes ao número total de palavras, número total de palavras diferentes e número de enunciados; e medidas de complexidade linguística da narrativa, que incluem extensão média e máxima de enunciados em palavras, número de orações simples e complexas, tipo de coordenadas e/ou subordinadas, número e diversidade de orações adverbiais e conectores que expressam relações de tempo, causa e consequência). Com base nos resultados obtidos, faremos uma reflexão sobre: i) quais as sequências de imagens/ narrativas mais eficazes na obtenção de produções narrativas orais; ii) qual a tarefa que permite uma melhor avaliação destas produções; iii) quais os parâmetros de análise/codificação a incluir na versão final do instrumento.

Resultados: Os resultados preliminares do estudo piloto permitem-nos verificar que: i) existem diferenças entre as três histórias quanto à complexidade de estruturas produzidas; ii) existem diferenças entre a tarefa de conto e de reconto, sendo esta última a que induz estruturas mais complexas; iii) existem diferenças no desempenho linguístico das crianças nos diferentes níveis etários, quanto ao número e diversidade de orações simples e complexas, conectores que expressam relações de tempo, causa e consequência, e ainda extensão média e máxima de enunciado. Numa fase posterior pretende-se validar o instrumento (Denman, et al. 2017) testando uma amostra maior e geograficamente mais diversificada, e obtendo dados sobre a sua adequação e facilidade de aplicação junto de um grupo de terapeutas da fala e linguistas.

Palavras-chave: avaliação, narrativas, produção oral, conto, reconto, macroestrutura, microestrutura, estruturas adverbiais

Referências Bibliográficas:

- Altman, C., Armon-Lotem, S., Fichman, S., & Walters, J. (2016). Macrostructure, microstructure, and mental state terms in the narratives of English– Hebrew bilingual preschool children with and without specific language impairment. *Applied Psycholinguistics*, 37, 165-193.
- Andrade, J. (2017). A Importância do reconto de histórias no desenvolvimento cognitivo de crianças dos 3 anos. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação: Educação Especial Domínio Cognitivo e Motor e Intervenção Precoce. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Balčiūnienė, I. & Kornev, A. 2016. Doing new things with language: Narrative language in SLI preschoolers. – *Estonian Papers in Applied Linguistics*, 12, 25–42.
- Bishop, D. V. M., & Edmundson, A. (1987). Language impaired 4- year-olds: Transient from persistent impairment. *Journal of Speech and Hearing Disorders*, 52.
- Bishop, D. V. M. (2004). Expression, Reception, and Recall of Narrative Instrument - ERRNI. London, UK: Harcourt Assessment.
- Botting, N. (2002): Narrative as a tool for the assessment of linguistic and pragmatic impairments. *Child Language Teaching and Therapy*, 18, 1-22.
- Cavalcante, P. & Mandrá P. (2010). Oral narratives of children with typical language development. *Pró-Fono R. Atual. Cient.* 22 (4): 391-396.
- Dadalto, E. e Goldfield, M. (2009). Características comuns à narrativa oral de crianças na pré-alfabetização. *Revista CEFAC*, Jan-Mar; 11(1). pp.42-49.
- Denman, D., et al. (2017). Psychometric Properties of Language Assessments for Children Aged 4-12 Years: A Systematic Review. *Frontiers in Psychology*, 8, 1515.
- de Villiers, P. et al. (2010). Dialect and Literate Language Features in African American Preschoolers. In *Proceedings on the 34th annual. Boston University Conference on Language Development*. Cascadilla Press: USA, 1. pp. 114-125.
- Dickinson, D. & J. Freiberg (2009) Environmental factors affecting language acquisition from birth-five: Implications for literacy development and intervention efforts. Paper presented at the National Academies conference on the Role of Language in School Learning: Implications for Closing the Achievement Gap. Menlo Park, CA.
- Gillam, R. B., & Pearson, N. A. (2004). Test of Narrative Language - TNL. Austin, TX: Pro-Ed.
- Gillam, R. B., & Pearson, N. A. (2017). Test of Narrative Language -TNL2. Austin, TX: 2ª-Ed. McKeough, A. (2000). Building on the oral tradition: How story composition and comprehension develop. In J. W. Astington (Ed.), *Minds in the making: Essays in honor of David R. Olson* (pp. 98-114). Malden, : Blackwell Publishing.
- Nippold, M., et al. (2005) Conversational versus expository discourse: A study of syntactic development in children, adolescents, and adults. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, 48, pp 1048–1064.
- Renfrew, C. (1969). The Bus Story Test: a test of narrative speech. Bicester: Speechmark Publishing Ltd.

- Schneider, P., Dubé, R.V. & Hayward, D. (2005). Edmonton narrative norming instrument – ENNI. Edmonton: University of Alberta. Seymour, H.N., Roeper, T.W. & De Villiers, J. (2005). Diagnostic evaluation of language variation (DELV) — Norm-referenced. San Antonio: Pearson.
- Silva, I. (2013). O Reconto Oral E A Autoria Na Educação Pré-Escolar – Um Estudo De Caso. Dissertação de mestrado. Universidade de Aveiro. Departamento de Educação.
- Sua Kay, E. & Santos, M. (2014). Grelha de Observação da Linguagem – Nível Escolar (GOL-E). 2aed. Escola Superior de Saúde do Alcoitão.
- Tsimpli, M., Peristeri, E., & Andreou, M. (2016). Narrative production in monolingual and bilingual children with specific language impairment [Special Issue]. *Applied Psycholinguistics*, 37 (01), 195–216.
- Zanotto, M. (2003). Recontar Histórias – Atividade é importante para a formação das crianças pré-escolares. *Revista do Professor*, Porto Alegre, n.74, p.5-9.

JOÃO VELOSO

Questões de peso em português

O peso silábico corresponde a uma questão que não reúne consenso entre as descrições fonológicas do português. Tido habitualmente como um resultado da ramificação da rima (e.g., Hogg & McCully 1987; Blevins 1995; Broselow 1995; Bosch 2011; Davis 2014), os efeitos do peso silábico são associados, sobretudo nas línguas com oposições de quantidade vocálica, à atribuição de acento: sílabas pesadas em determinadas posições morfolexicais atraem acento. A atribuição do acento em português tem sido explicada, fundamentalmente, a partir de duas perspetivas: (i) a "perspetiva morfológica", que associa o acento unicamente às propriedades morfológicas das palavras (Pereira 1999; Mateus et al. 2003); (ii) a "perspetiva fonológica", que atribui um papel fundamental ao peso silábico na determinação da sílaba tónica (Brandão de Carvalho 1988; 1989; 2011; Wetzels 2007; AUTOR).

Neste trabalho, pretendemos reforçar:

- (a) que o português é uma língua sensível ao peso silábico;
- (b) que o acento nominal em português é sensível ao peso silábico.

Complementarmente, defenderemos que o peso silábico em português é uma função não só da ramificação da rima mas também de certas propriedades segmentais de vogais e consoantes presentes na Janela das Três Sílabas em que recai obrigatoriamente o acento:

- 1 - A abertura vocálica, no caso das vogais: o elemento {A}, em posição de Cabeça ou de Operador segmental, atrai obrigatoriamente o acento, como se comprova pela sua inócorência em sílaba átona pós-tónica, pelo seu carácter marcado em posição pré-tónica e pela sua obrigatoriedade em monossílabos lexicais (o que podemos interpretar, de acordo com AUTOR, como uma forma de se assegurar, na fonologia do português, a Condição de Minimalidade);
- 2 - A palatalidade, no caso das consoantes: o elemento {I}, presente na estrutura autossegmental das consoantes palatais, tem um comportamento prosódico - a nível de atribuição do acento de palavra, designadamente - que se assemelha a {A}, conferindo peso silábico às sílabas em que ocorre em Ataque. Um dos argumentos em defesa desta proposta reside na inexistência de proparoxítonos com consoante palatal fonética em ataque da última sílaba (AUTOR).

Assim, as principais conclusões que pretendemos apresentar são:

- 1 - O português e o acento nominal em português são sensíveis ao peso silábico;
- 2 - O peso silábico é função não só da ramificação da rima, mas de certas propriedades segmentais, como a abertura vocálica e a palatalidade consonântica, e tem efeito sobre várias restrições prosódicas como a Condição de Minimalidade;
- 3 - Certos segmentos do português, como as consoantes palatais, podem ser descritas como "segmentos complexos", combinando autossegmentalmente várias propriedades que no nível lexical podem pertencer a dois níveis teóricos, o que explica o "peso inerente" destes segmentos.

Palavras-chave: peso silábico, acento, abertura vocálica, palatalidade, segmentos complexos

Referências

- Blevins, J. 1995. The Syllable in Phonological Theory. In: J. A. Goldsmith (Ed.). The Handbook of Phonological Theory. Cambridge MA: Blackwell, 206-244.
- Bosch, Anna R. K. 2011. Syllable-internal Structure. In: M. Van Oostendorp et al. (Eds.). The Blackwell Companion to Phonology. Oxford: Wiley-Blackwell, II, 781-798.
- Brandão de Carvalho, J. 1988. Réduction vocalique, quantité et accentuation: pour une explication structurale de la divergence entre portugais lusitanien et portugais brésilien. Boletim de Filologia. XXXII: 5-26.
- Brandão de Carvalho, J. 1989. Phonological conditions on Portuguese clitic placement: on syntactic evidence for stress and rhythmical patterns. Linguistics. 27:405-436.
- Brandão de Carvalho, J. 2011. Contrastive hierarchies, privative features, and Portuguese vowels. Linguística. 6(1): 51-66.
- Broselow, E. 1995. Skeletal Positions and Moras. In: J. A. Goldsmith (Ed.). The Handbook of Phonological Theory. Cambridge MA: Blackwell, 175-205.
- Davis, S. 2014. Quantity. In: J. A. Goldsmith et al. (Eds.). The Handbook of Phonological Theory. 2nd ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 103-140
- Hogg, R.; McCully, C. B. 1987. Metrical Phonology: A Coursebook. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mateus, M. H. M et al. 2003. Gramática da Língua Portuguesa. 5ª ed. Lisboa: Caminho.
- Pereira, M. I. P. 1999. O acento de palavra em português. Uma análise métrica. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Wetzels, W. L. 2007. Primary Stress in Brazilian Portuguese and the Quantity Parameter. Journal of Portuguese Linguistics. 5/6: 9-58.

ISABEL VIOLA

Das razões da indignação – o insulto como estratégia política no debate parlamentar

O presente trabalho tem como objetivo verificar como é co-construída *the impoliteness* em interações em contexto institucional, mais especificamente na situação comunicativa de debate parlamentar, de carácter agonial. Pretende-se, pois, analisar os procedimentos que se inscrevem no registo discursivo da violência verbal e na categoria do insulto e, por outro lado, estudar as funções das emoções – designadamente a expressão da indignação – na argumentação, através da análise dos procedimentos retóricos e argumentativos em excertos de interações de carácter polémico do subgénero do discurso político debate parlamentar, compreendidos entre 2009 e 2012. A análise insere-se no quadro da análise do discurso, em particular na análise do discurso parlamentar (Ilie 2010; Marques 2008), especificamente no que se refere à «unparliamentary language» (Ilie 2004), e integra contributos teóricos da argumentação no discurso (Amossy 2012, 2014; Plantin 2011), com particular relevo para a emocionalização dos argumentos (Micheli 2013). Serão igualmente contemplados na análise alguns conceitos reformulados por Kerbrat-Orecchioni (2005, 2010), que dizem respeito ao trabalho de figuração (*face-work*) (Goffman, 1973) e aos atos ameaçadores da face (*FTAs - Face Threatening Acts*), bem como o conceito de *impoliteness* (Bousfield 2008, Culpeper 2011) – «behavior that is face-aggravating in a particular context» (Bousfield & Locher 2008). As estratégias linguístico-discursivas usadas na construção do dissenso serão analisadas numa perspetiva teórica da violência verbal, segundo os trabalhos de Moïse *et al* (2008), com particular relevo para os atos ilocutórios ofensivos. Constatase que o objetivo do confronto verbal não é chegar a um consenso, mas sobretudo manifestar o desacordo e marcar uma posição política. Não raras vezes, contudo, a intenção dos intervenientes no discurso conflituoso ultrapassa a da refutação de uma tese contrária (e demonstração da do seu partido), visando-se a desqualificação e ridicularização do adversário pela mobilização de atos verbais agressivos e demolidores, mormente associados a uma escalada de tensão emocional, que visa a construção de um determinado *ethos* político (Charaudeau 2014).

137

Palavras-chave: discurso político, debate parlamentar, *impoliteness*, insulto, argumentação

Bibliografia

- Amossy, R. (2012). *L'argumentation dans le discours*. Paris: Armand Colin.
- Amossy, R. (2014). *Apologie de la polémique*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Bousfield, D., & Locher, M. A. (Eds.). (2008). *Impoliteness in language: Studies on its interplay with power in theory and practice* (Vol. 21). Berlim: Mouton de Gruyter.
- Bousfield, D. (2008). *Impoliteness in Interaction*. Amsterdam: John Benjamins.
- Charaudeau, P. (2014). *Le discours politique: les masques du pouvoir* [2005]. Limoges: Éditions Lambert-Lucas.
- Culpeper, J. (2011). *Impoliteness. Using Language to Cause Offence*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Goffman, E. (1973). *La mise en scène de la vie quotidienne*. Tome 1. *La présentation de soi*. Paris: Minuit.
- Ilie, C. (2004). Insulting as (un)parliamentary practice in the British and Swedish Parliaments: A rhetorical approach. Bayley, P. (ed.) *Cross-Cultural Perspectives on Parliamentary Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 45-86

- Ilie, C. (Ed.). (2010). *European parliaments under scrutiny: Discourse strategies and interaction practices* (Vol. 38). Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2005). *Les actes de langage dans le discours. Théorie et fonctionnement*. Paris: Armand Colin.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2010). L'impolitesse en interaction: aperçus théoriques et étude de cas. *Lexis Special [Impoliteness / Impolitesse]*, nº 2, 35-60.
- Marques, M. A. (2008). Quando a cortesia é agressiva. Expressão de cortesia e imagem do outro. F. Oliveira & I. M. Duarte (eds.), *O fascínio da linguagem, Actas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 277-296.
- Micheli, R. (2013). Esquisse d'une typologie des différents modes de sémiotisation verbale de l'émotion. *Semen. Revue de sémio-linguistique des textes et discours*, (35).
- Moïse, C., Auger, N., Fracchiolla, B., & Schultz-Romain, C. (2008). *La violence verbale*, 2 Tomes. Paris: Editions L'Harmattan.
- Plantin, C. (2011). *Les bonnes raisons des émotions. Principes et méthode pour l'étude du discours émotionné*. Berne: Peter Lang

CATARINA VAZ WARROT

Tradutologia e musicologia. Reflexões pedagógicas

Um tradutor literário pode passar horas face a um texto cujo sentido compreende perfeitamente e ser incapaz de o reproduzir numa outra língua. A sua tradução deveria ser não somente correta do ponto de vista do dicionário, mas possuir a forma, o tom, o ritmo do original.

Que critérios utilizar para avaliar uma tradução? O sentido transposto, a sintaxe, o ritmo?

Propomo-nos, nesta apresentação, refletir sobre outros modos de pensar a tradução. Com efeito, a maior parte dos alunos está habituada a «interpretar» os textos, isto é, a dissecá-los e a descodificá-los. A ideia de os «interpretar» no sentido musical do termo é-lhes alheia. Trabalhar a expressão como se faz num conservatório é algo que ainda não entrou nos hábitos de ensino de Letras e este contraste com os estudos em música merece alguma reflexão da nossa parte. O jovem músico aprende a analisar a forma da obra e a dar-lhe vida, interpretando-a e apropriando-se dela duplamente. Nos estudos linguísticos e literários, o estudante aprende principalmente a falar das obras. Não se apropria delas como o músico, não entra nelas através de uma prática cada vez mais dominada pela sua forma. Não adquire assim o poder próprio dos escritores que é, não o de «falar» das coisas, mas o de utilizar todos os recursos da linguagem para «dizer» as coisas. Ora, os estudantes poderiam, talvez, adquirir uma parte desse poder ao praticarem a tradução visto que ela consiste em «dizer» numa língua o que o autor «diz» numa outra e a dizê-lo tão bem quanto ele, de modo a que a tradução produza o mesmo efeito.

É a união de conhecimentos e de procedimentos de diferentes áreas científicas que pretendemos analisar ao longo desta apresentação, de modo a salientar a importância do tradutor, as suas dificuldades, os seus sucessos e o papel de primeiro plano que desempenha.

139

Bibliografia:

Catach, Nina. 1994. La Ponctuation, Presses Universitaires de France.

Kartunnen, Anssi. 1999. Reflections on the relation between interpreter, composer and audience, article published in Finnish Music Quarterly II.

Meschonnic, Henri. 1999. Poétique du traduire. Paris : Lagrasse-Verdier.

Reiss, Katharina. 2009. Problématiques de la traduction, préface de Jean-René Ladmiral, traduction de l'allemand et notes de Catherine A. Bocquet. Paris : Bibliothèque de traductologie, ed. Economica.

Seleskovitch, Danica, Lederer, Marianne. 2014. Interpréter pour traduire, Nouvelle édition revue et corrigée. Paris : Les Belles Lettres.

Talens, Jenaro. 1993. L'écriture qu'on appelle traduction. Méta, XXXVIII, 4, p.630-632, (<http://id.erudit.org/iderudit/004321ar>).

Correferência sob o bias de causalidade implícita em PE-L2 por nativos de chinês

O presente trabalho examina o desempenho de aprendentes chineses de PE na produção de cadeias correferenciais em PE-L2, em contexto de frases complexas com verbos de causalidade implícita (CI). O objetivo do estudo foi o de verificar a forma como são produzidas cadeias correferenciais em contextos intrafrásicos sob restrições de informação semântica supostamente partilhada pelas duas línguas (papéis semânticos atribuídos por verbo transitivo de CI) e de informação sintática divergente entre línguas (formas de retoma de expressões anafóricas em posição de sujeito frásico).

Nas últimas décadas, a forma como é processada a informação léxico-semântica sobre CI e o seu impacto na produção e interpretação de cadeias correferenciais tem atraído a atenção de muitos investigadores. Acredita-se que esta linha de investigação contribuirá para a clarificação de como representações linguísticas e processos cognitivos intervêm no processamento da informação verbal (Garvey e Caramazza, 1974; Costa, 2003/2005; Hartshorne, 2014; entre outros). No entanto, a maioria dos estudos tem avaliado o desempenho de falantes nativos na interpretação de pronomes em contexto de CI, não havendo muitos trabalhos a avaliar o seu impacto na produção de expressões correferenciais em contextos da aquisição de uma segunda língua.

Foram realizadas duas experiências de produção através de uma tarefa de completamento de frases com três grupos: falantes nativos de chinês, testados em Chinês, falantes nativos de PE e falantes nativos de chinês aprendentes de PE-L2, testados em PE. Foram testadas 20 frases experimentais em duas condições distintas: verbos ES (estímulo-experienciador, como adorou) e verbos SE (experienciador-estímulo, como encantou). Os participantes (N=30/grupo), podiam continuar a frase como em (1) de forma livre. Na análise dos resultados foram contabilizadas as retomas de SN1 (João) ou de SN2 (Maria) e a forma como a retoma foi realizada: pronome nulo, pleno ou SN-repetido.

(1) O João adorou/encantou a Maria porque, ...

Os resultados mostram que na produção de cadeias correferenciais: (i) a informação semântica de CI determina que o argumento mais saliente semanticamente, o que tem o papel de Estímulo, é o que com maior probabilidade de ser retomado como sujeito da oração causal independentemente da sua função sintática de sujeito ou de objeto, em sintonia com estudos anteriores (Costa 2003/2005; Rohde e Kehler, 2014), (ii) a informação sintática influencia a forma da expressão anafórica, com as formas mais reduzidas (pronomes nulos contra pronomes plenos; pronomes plenos contra SNs) a serem escolhidas para retomar antecedentes com funções sintáticas mais proeminentes (sujeito contra objeto) (Ariel, 2001; Carminati, 2002; Costa 2003/2005), havendo alguma variação de acordo com a L1 dos participantes (nativos de PE produzem mais formas nulas do que nativos de chinês, quer na sua língua materna quer na L2). Mais ainda, os resultados obtidos permitem verificar que as estratégias observadas no desempenho dos sujeitos aprendentes de PE-L2 não se sobrepõem inteiramente às dos sujeitos nativos de PE, sobretudo no que diz respeito ao uso de diferentes expressões referenciais o que pode ser atribuído ao processo de aquisição da L2, tendo em conta teorias da aquisição de L2 e o nível de proficiência em L2 dos sujeitos testados.

Palavras-chave: causalidade implícita, produção de cadeias correferenciais, aquisição de L2, português europeu, chinês mandarim

CHAO ZHOU

Formalising European Portuguese Vowel Reduction within the Optimality- Theoretic Framework

The quality of a vowel may undergo some changes from prosodically strong position to weak position. This process is denominated as Vowel Reduction (VR) in the literature. Cross-linguistically, VR can be classified either as Contrast-enhancing Reduction or as Prominence Reduction (Crosswhite, 2004; Harris, 2005). EP has seven underlying vowels, /a/, /ɛ/, /ɔ/, /e/, /o/, /i/, /u/, which are reduced to four in unstressed positions, [i], [u], [ɪ], [ɐ]. In the rule-based phonological framework, VR of European Portuguese (EP) is considered to consist of two different processes (via two phonological rules): i) raising - /a/ raises to [ɐ] and /ɔ, o/ to [u] and ii) centralizing - /ɛ, e/ to [ɪ] (Mateus & Andrade, 2000). However, there is some uniformity in VR of EP as the sonority (prominence) of the underlying vowels always reduces in unstressed position (Hristovsky & Andrade, 2007; Veloso, 2013).

In this study, in the light of acoustic studies on EP vowels (Delgado-Martins, 1972; Escudero et al., 2009; Mateus & Delgado-Martins, 1982; Rato, 2013; Santos, 2013), I formalise VR of EP as a single phonological process within the optimality-theoretic framework. The formalisation is illustrated in tableaux (1) - (7) (next page), by adopting a series of phonetically motivated constraints, namely the Prominence Alignment constraints (Crosswhite, 2004), which have been employed to account for VR in many languages, and an articulatory constraint “* Tongue Lowering” penalizing the increase of articulatory effort.

For instance, in the case of underlying /ɛ/ in unstressed position (2), the rounded vowels are ruled out as output by the highest ranked constraint “Ident [round]”, since the input /ɛ/ is [-round]. The candidate [ɐ] is lower than [ɛ] (based on F1 value). Therefore, the mapping from /ɛ/ to [ɐ] requires more jaw depression (more articulatory effort), violating the the second constraint “* Tongue Lowering”, which tends to maximize articulatory ease. The candidates [e] and [i] are taken care by the Prominence Alignment constraints, which have a preference for the least prominent segmental material (prominence scale: [e, o] » [i, u] » [ɪ]) in unstressed position. Eventually, the candidate [i] turns out to be the winner.

(1) Raising of /a/ in unstressed position:

/a/	Ident [round]	*Tongue Lowering	*U/e, o	Max [-high]	*U/i, u	*U/i	Ident [front]
[e]			*!				
[i]				*	*!		
[ɪ]				*		*	*
☞ [ɐ]							
[o]	*	*!	*				*
[u]	*	*!					*

(2) Centralisation of /e/ in unstressed position:

/e/	Ident [round]	*Tongue Lowering	*U/e, o	Max [-high]	*U/i, u	*U/i	Ident [front]
[e]			*!				
[i]				*	*!		
☞ [i]				*		*	*
[ɐ]		*!					*
[o]	*!		*				*
[u]	*!						*

(3) Centralisation of /e/ in unstressed position:

/e/	Ident [round]	*Tongue Lowering	*U/e, o	Max [-high]	*U/i, u	*U/i	Ident [front]
[e]			*!				
[i]				*	*!		
☞ [i]				*		*	*
[ɐ]		*!					*
[o]	*!		*				*
[u]	*!						*

(4) Preservation of /i/ in unstressed position:

/i/	Ident [round]	*Tongue Lowering	*U/e, o	Max [-high]	*U/i, u	*U/i	Ident [front]
[e]		*!	*				
☞ [i]				*	*		
[i]		*!		*		*	*
[ɐ]		*!					*
[o]	*!	*	*				*
[u]	*!						*

Keywords: phonology, formalization, OT, vowel reduction, european portuguese

References

- Crosswhite, K.M. (2004). Vowel Reduction. In *Phonetically Based Phonology* (p. 1969). Delgado-Martins, M. (1975). Vogais e Consonantes do Português: estatística de ocorrências, duração e intensidade. *Boletim de Filologia*, Tomo XXIV, n.º ¼, pp. 1-11, Lisboa.
- Escudero P., Boersma P., Rauber A. S. & Bion R. A. (2009). A cross-dialect acoustic description of vowels: Brazilian and European Portuguese. *J. Acoust. Soc. Am.* 126. pp. 1379–1393.
- Harris, J. (2005). Vowel reduction as information loss. *Headgoods, Elements, Specification, and Contrastivity*, 119–132.
- Hristovsky, G., & D'Andrade, E. (2007). Why do Bulgarian and Portuguese unstressed vowels behave almost in the same way? In *Iberian and Slavonic Cultures: Contact and Comparison*. pp. 332–345.
- Mateus, M.H.M. & Delgado-Martins, M.R. (1982) Contribuição para o estudo das vogais átonas [ə] e [u] do português europeu, *Biblos*, v.LVIII, p. 111-128, Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Mateus, M. H. M., & D'Andrade, E. (2000). *The Phonology of Portuguese*. Cambridge Press.
- Mateus, M. H. M., Falé, I., & Freitas, M. J. (2016). *Fonética e Fonologia do Português*. Universidade Aberta.
- Prince, A. & Smolensky, P. (1993): *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. Rutgers University Center for Cognitive Science Technical Report 2.
- Rato, A. (2013). *Cross-language Perception and Production of English Vowels by Portuguese Learners: The Effects of Perceptual Training*. Tese de doutoramento. Universidade do Minho.
- Santos, G.B.D. (2013). *Análise Fonético-Acústica Das Vogais Orais E Nasais Do Português: Brasil E Portugal* *Análise Fonético-Acústica Das Vogais Orais E Nasais Do Português: Brasil E Portugal*. Tese de Doutoramento. Universidade Federal de Goiás.
- Veloso, J. (2013). Redução do vocalismo átono do português europeu contemporâneo: Assimetria dos elementos de tonalidade e interação entre diversos tipos de redução vocálica. *Textos Seleccionados Do XXVIII Encontro Nacional Da Associação Portuguesa de Linguística*, 655–672.